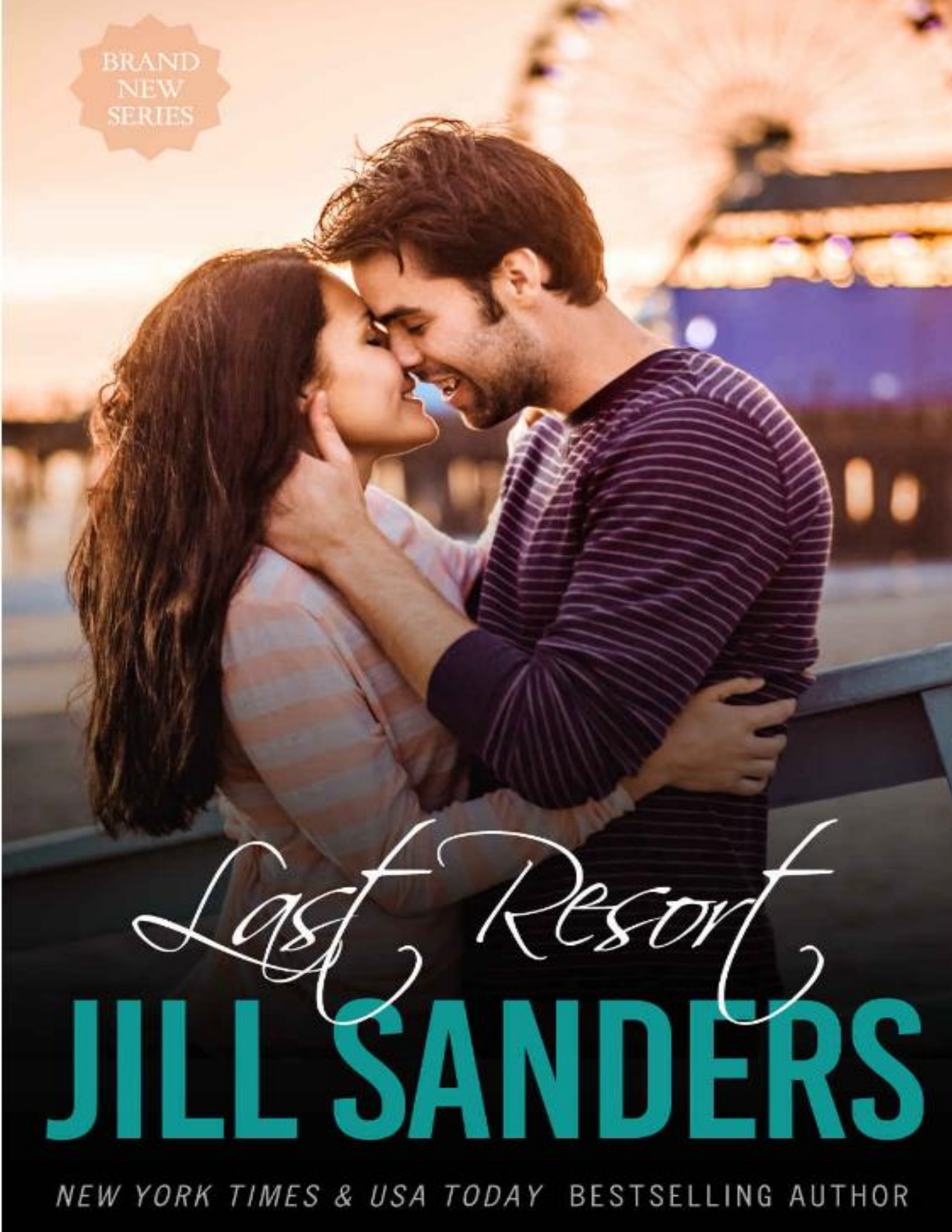

BRAND NEW SERIES
Last Resort
JILL SANDERS
NEW YORK TIMES & USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

Last Resort

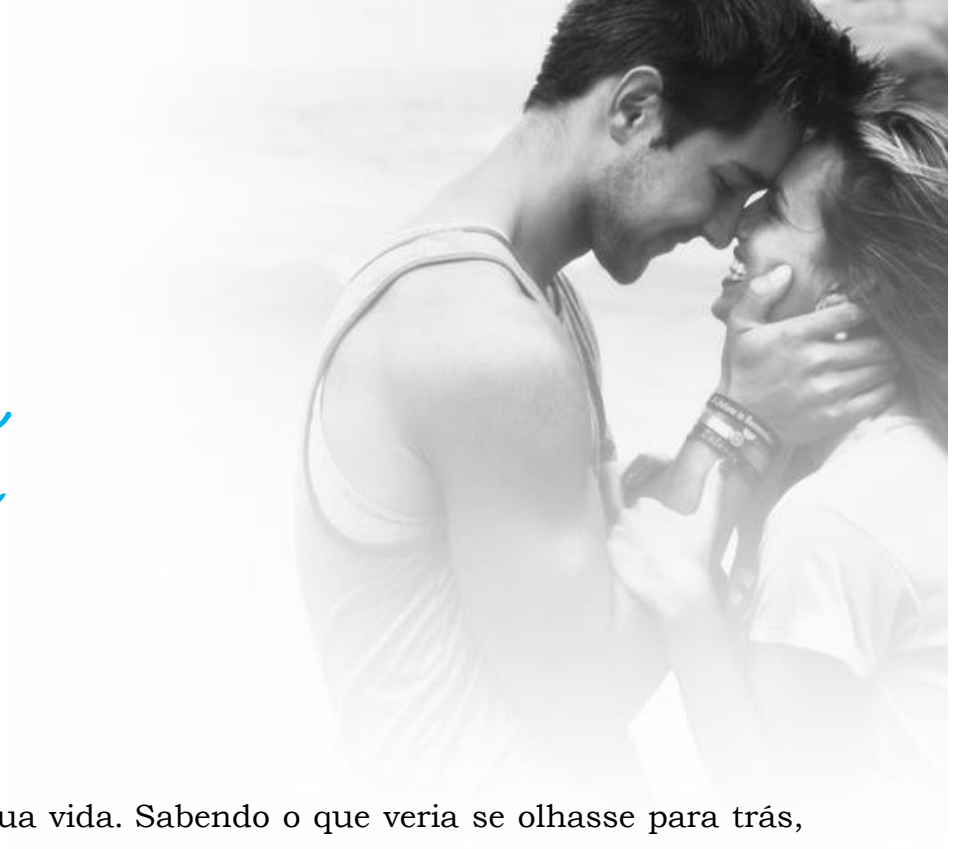


by

Jill Sanders

Quando o negócio de Cassey está em perigo, ela recebe uma oferta interessante do dono de um hotel local. Ele vem tentando falir o seu negócio, para que sua família possa obter a terra por um preço baixo. Mas, como ela pode afastá-lo, quando apenas a visão do homem faz seu coração saltar em seu peito?

Luke foi enviado por seu pai, proprietário do mais movimentado Resort e mais antigo da costa do Golfo, na Flórida, para comprar uma das melhores propriedades, a qualquer custo. Mas, quando ele vê a dona do bar e grill, fica dividido entre o dever para com sua família, e seu desejo pela beleza dos olhos prateados.



Prólogo

Ela estava correndo por sua vida. Sabendo o que veria se olhasse para trás, ela manteve os olhos voltados para frente. Ela tentou evitar as raízes ou os galhos que poderiam levá-la a tropeçar, dando cada passo o mais cuidadosamente possível nesta velocidade. Passou por sua mente as imagens do que tinha testemunhado minutos antes, mas ela estranhamente sabia o que precisava fazer apesar de ser uma criança de sete anos de idade.

Os galhos raspavam em suas pernas e os braços enquanto corria, e sua respiração engatava a cada passo que dava. Seus ouvidos estavam se esforçando para ouvir se estava sendo perseguida, mas ela não conseguia ouvir nada além de sua respiração e seu batimento cardíaco.

Quando ela não podia mais correr, se escondeu atrás de uma grande árvore, e se agachou formando uma bola apertada. Tentou diminuir sua respiração para poder ouvir, mas demorou muito para recuperar o fôlego. Ela não ouviu os passos, até que uma sombra caiu a poucos metros dela.

Colocando os braços em volta dos joelhos, ela esperou por aquilo que sabia que viria. Ela tinha certeza que sabia qual seria o resultado da noite, por isso, nada poderia tê-la preparado para o que aconteceu em seguida.

— Você está bem? — Perguntou uma voz suave ao lado dela.

Sua cabeça se elevou bruscamente. Seus cabelos longos, escuros e pegajosos, ficaram na frente do seu rosto, então ela empurrou os fios para longe com as mãos sujas.

Olhou para cima e percebeu o anjo que estava sobre ela. Tudo sobre a mulher era resplandecente; até mesmo as roupas da mulher brilhavam a luz da noite. Seu longo cabelo loiro parecia suave, mais suave do que qualquer coisa que Cassandra já tinha visto. As mãos da mulher estavam estendidas para ela, e podia ver anéis de ouro em quase todos os dedos.

— Agora, ninguém vai te machucar mais. Vem comigo, Cassandra. Eu vou mantê-la segura. — A voz suave da mulher quase a hipnotizou.

Deslizando sua mãozinha suja na maior da mulher, ela suspirou quando sentiu sua pele macia e quente ao lado dela. Ela nunca tinha experimentado nada tão suave em sua vida.

— Como? — Ela sussurrou, olhando em volta. — Como você sabe meu nome?

A mulher sacudiu a cabeça. — Eu vou te dizer no carro. Vamos, temos que nos mover; eles estão a caminho neste momento.

Cassandra podia ouvi-los agora. O som era quase ensurdecedor para suas pequenas orelhas, enquanto a batida do seu coração aumentava. Ela saiu de seu esconderijo e correu ao lado da mulher.

A estrada, que lhes tinham dito para nunca se aproximar, estava apenas alguns metros delas, mas as raízes estavam mais espessas aqui, e tiveram que lutar seu caminho através delas. O vestido da mulher rasgou quando os espinhos o puxaram. As pernas e braços de Cassandra sangraram quando arranhões profundos apareceram em sua pele.

Finalmente, elas atingiram a clareira e a mulher abriu a porta do carro.

— Rápido, entre. — Ela correu para a porta do motorista e entrou.

Cassandra sentou-se no grande banco da frente, com os pés dobrados até o peito, os olhos colados às árvores, esperando, observando.

À medida que saíram em disparada, ela suspirou e seus olhos se fecharam por um momento, enquanto se acalmava. Então abriu os olhos e olhou para a mulher.

— Quem é você? Como você sabe o meu nome?

A mulher sorriu para ela, e olhou no espelho retrovisor.

— Meu nome é Lilly. Eu sou sua assistente social.

Os olhos de Cassandra estavam colados a ela. — O que é isso?

Lilly riu. — É como um anjo da guarda. — Ela sorriu e colocou a mão sobre o cabelo de Cassandra. Cassandra se afastou, sem saber o que o gesto significava. Ela nunca tinha sido tocada tão suavemente antes.

— O que é um anjo da guarda? — Ela perguntou, deslizando para perto da porta um pouco mais.

— Alguém que garanta que você nunca será machucada novamente.

— Como você vai fazer isso? — Cassandra levantou-se de joelhos e olhou para fora da janela traseira do carro, certificando-se de que não estavam sendo seguidas.

— Levando você a algum lugar onde eles não podem encontrá-la. Eu conheço esse lugar, — sorriu, olhando para ela — Onde crianças como você podem estar seguras.

Cassandra duvidava que houvesse um lugar como aquele. Olhando pela janela do carro enquanto viajava rapidamente pela estrada escura, ela pensou que não havia ninguém lá fora como ela. Especialmente alguém que tinha passado o que ela passou. Ela sabia por que tinha sofrido, por que tinha sido forçada a fazer coisas que ela não queria - ela era filha do demônio. Pelo menos era isso que seu pai e sua madrasta tinham dito a ela durante o tempo que ela conseguia se lembrar.

Sua madrasta, Kimberly, tinha entrado em sua vida quando ela tinha dois anos. Ela não se lembrava muito antes disso, mas seu pai tinha dito a ela que sua mãe, a quem descreveu como um anjo, tinha morrido ao dar à luz a ela. Esperava que a chegada de Kimberly, a salvasse do inferno que vivia – nunca deixando a cela de

três metros por três, mas ela rapidamente aprendeu que não seria o caso. Isso ficou muito claro, quando Kimberly a espancou naquela primeira semana, por roubar um pedaço de seu pão.

Enquanto o carro seguia pela estrada escura, Cassandra adormeceu com seu pequeno corpo tenso, mesmo durante o sono. Ela acordou quando pararam.

— Desculpe, eu tenho que parar para colocar gasolina. Você gostaria de algo para comer? — Lilly perguntou gentilmente.

"Sim!" Pensou. Mas ela sabia que não deveria responder à pergunta de um adulto. Olhando para suas mãos, balançou a cabeça.

— Bem, eu estou morrendo de fome. — A voz de Lilly era tão calma, que quase fez Cassandra acreditar que ela podia confiar nela. — Você fica aqui. Me promete?

Cassandra olhou para a mulher. Seu sorriso era tão brilhante. Seus olhos azuis pareciam tão amáveis. Se alguma vez houve um anjo, Cassandra acreditava que era sua assistente, Lilly. Assentindo com a cabeça, ela olhou de volta para suas mãos sujas.

Lilly saiu do carro, fechando a porta suavemente atrás dela.

Cassandra não a viu quando ela colocou gasolina; manteve os olhos e cabeça para baixo como tinha sido ensinada. Mas quando Lilly caminhou em direção ao pequeno posto de gasolina, ela levantou os olhos e olhou para o prédio. Depois que viu Lilly cruzar as portas, olhou em volta. Este era um novo lugar. Não era o posto de gasolina que seu pai tinha parado. Este era um lugar que ela nunca tinha estado antes. Seus olhos se arregalaram quando olhou para as luzes brilhantes. Haviam grandes máquinas posicionadas à direita perto das portas.

Cassandra não sabia ler bem, então não entendia o que as palavras vermelhas e brancas diziam. Ela aprendeu as cores a partir de um livro que tinha tido quando tinha quatro anos. Vermelho era V-E-R-M-E-L-H-O soletrado. Ela conhecia todas as cores e, muitas vezes, fechava os olhos e se lembrava de cada página do pequeno livro

de pano, que sua madrasta um dia tinha queimado, quando ela estava olhando-o ao invés de dormir.

Quando ela viu Lilly voltando, rapidamente abaixou a cabeça, olhando para os dedos sujos. Então ela notou a sujeira no tapete do carro deixada por seus sapatos. Endireitando-se, ela rapidamente pegou os pedaços maiores e empurrou-os em sua boca e tentou engoli-los.

— Neste momento, — disse Lilly, entrando no carro. — O que você está fazendo?

— Nada. — Ela se sentou e rezou para que a mulher não visse a sujeira que ela não foi rápida o suficiente para esconder.

— O que você tem na sua boca? — Perguntou Lilly.

— Nada, — Cassandra disse novamente, olhando pela janela. Lágrimas escorriam pelo seu rosto.

— Cassandra, olhe para mim, por favor. — O ”por favor,” rompeu suas defesas, e ela olhou para a mulher.

— Eu não vou te machucar. Ninguém vai te machucar novamente. Eu prometo. Agora me diga o que você tem em sua boca, por favor.

— Sujeira, — ela deixou escapar. — Eu sinto muito. Eu sujei o seu belo carro. Eu não... — Ela parou de falar e pulou para longe quando Lilly estendeu a mão e tocou a sua suavemente.

— Cassandra, olhe para baixo. — Ela apontou para o seu lado do carro. A sujeira estava por todo o chão, e até mesmo em suas roupas. — Eu estou até mais suja do que você, eu acho. — Ela sorriu para ela e algo mudou no coração de Cassandra.

— Você... — Ela respirou fundo. — Você não está brava comigo?

Lilly sacudiu a cabeça. — Não, querida. Agora, abra sua porta e cuspa a sujeira para fora. Deve ter gosto ruim.

Cassandra fez o que lhe foi pedido. Ela aprendera há muito tempo a fazer sempre o que os adultos lhe diziam.

— Agora, eu aposto que isso vai ter gosto muito melhor. — Ela puxou um saco branco entre elas. — Eu sei que não é bom dar às crianças refrigerante, mas acho que desta vez podemos fazer uma exceção. — Ela tirou uma lata que se parecia com a máquina que ela esteve olhando mais cedo.

— O que é isso? — Cassandra perguntou e então rapidamente enrolou-se em uma bola. Ela sabia que não deveria fazer perguntas. Ela estava muito cansada para deixar sua guarda cair tanto.

— Está tudo bem, querida. Você pode fazer todas as perguntas que quiser. Chama-se Coca-Cola. Você gostaria de provar?

Cassandra assentiu.

— Eu tenho um sanduíche de peru e algumas batatas fritas aqui. Eu comprei o suficiente para você, apenas no caso de você ter fome. Nós ainda temos um longo caminho a percorrer antes do amanhecer.

Cassandra olhou para o sanduíche. Estava embrulhado em um saco, e as batatas fritas eram de seu tipo favorito. Ela tinha pegado uma do grande saco de Kimberly uma vez, e tinha conseguido uma surra, mas tinha valido a pena.

Lilly pegou o outro sanduíche e um saco de batatas fritas e começou a comer. Cassandra a observou por alguns minutos, e então lentamente aproximou a mão da comida. Ela não estava faminta. Seu pai tinha observado que ela parecia muito saudável quando a polícia apareceu, mas lhe foi dado apenas o que ela precisava.

"As crianças não precisam comer muito. Afinal, tudo que elas fazem é dormir e cocô," seu pai tinha lhe dito repetidamente. Ela sempre achou que havia algo de errado com ela porque queria ir para fora e brincar – correr na estrada de terra, saltar pela colina com o pneu que estava em seu quintal, ou apenas deitar na grama e ver as nuvens passarem.

Ela lentamente abriu o saco e deu uma mordida no sanduíche. Foi bom. Tão bom, que ela comeu rapidamente todas as migalhas. Quando Lilly abriu o saco de batatas fritas, ela comeu cada uma delas. Em seguida, ela ouviu um barulho que nunca tinha ouvido antes, e saltou.

— Gostaria de tentar isso? — Lilly estendeu a lata de Coca-Cola. Cassandra assentiu e tomou o refrigerante. Ela tomou um gole e seus olhos se fecharam. As bolhas cutucaram seu nariz e fizeram sua garganta se sentir engraçada. Ela olhou para Lilly. Lilly tinha um sorriso no rosto. — É bom, não é?

Lilly abriu seu próprio refrigerante e bebeu. — Oh! — Disse Lilly, fazendo Cassandra saltar, derramando um pouco de Coca-Cola em suas roupas.

— Eu sinto muito. — Ela começou freneticamente limpar o líquido escuro de suas roupas sujas.

— Querida, está tudo bem. Não se preocupe com isso. — Lilly sorriu para ela. — Sinto muito por assustar você. Eu estava indo para dar-lhe isso. — Ela tirou um pacote do saco branco. — São cupcakes.

Havia dois círculos em um pacote claro. Cassandra nunca tinha visto nada parecido. Eles tinham linhas brancas rodando através deles. Estendendo a mão, Cassandra tomou-os das mãos em espera de Lilly.

— Obrigada, — disse Cassandra e colocou-os no colo antes de tomar outro gole de seu refrigerante.

— Bem, você não vai comê-los? — Perguntou Lilly.

— Eles são muito bonitos, — Cassandra disse.

Lilly riu. — Sim, acho que eles são. Aqui, deixe-me ajudá-la a abrir o pacote.

Lilly abriu o saco e entregou um círculo para ela. Quando Cassandra mordeu, a doçura afundou em cada poro do seu corpo pequeno. Ela sentiu arrepios em seus braços e pernas. Os pequenos pelos do seu corpo inteiro estavam em pé.

— O que é isso? — Perguntou Cassandra, um sorriso em seu rosto pela primeira vez.

— Chocolate, — disse Lilly, sorrindo de volta.

Pelo resto da viagem de carro, Cassandra olhou pela janela escura e pensou em chocolate. Como ela poderia conseguir mais? Onde é que ela conseguia mais? Era algo que todos tinham?

Sua pequena mente finalmente ficou sem perguntas, e ela descansou a cabeça contra a porta do carro novamente. Acordou quando o carro parou de repente. Desta vez, o sol estava nascendo.

— Aqui estamos, — disse Lilly em uma voz alegre. — Sua nova casa.

O lugar era enorme. Cassandra olhou para fora da janela da frente e imediatamente ficou com medo. Ela tinha três andares e era mais limpa do que qualquer coisa que ela já tinha imaginado.

— Há quatro outras crianças em torno da sua idade que vivem aqui agora, mas outros vêm e vão. Você vai se divertir aqui. — Lilly saiu do carro depois de buzinar várias vezes. Ela deu a volta e abriu a porta de Cassandra, sorrindo o tempo todo.

Cassandra encolheu-se de volta para o banco do carro, segurando o pacote de cupcake vazio com força contra o peito. Ela balançou a cabeça, não.

— Eu não quero ficar aqui.

Lilly ajoelhou-se ao lado dela. — Está tudo bem, querida. Ninguém vai te machucar aqui. Eu prometo.

Sacudindo a cabeça novamente, ela viu quando três meninos da sua idade vieram correndo para fora da porta da frente. Suas roupas estavam limpas e tinham sapatos novos em seus pés. Dois tinham cabelos escuros, um com olhos azuis e um com olhos castanhos escuros. O último menino tinha cabelos loiros como Lilly.

Cassandra não sabia muito sobre os meninos, mas ela sabia que pareciam duros, e ela não queria lidar com eles. Ela balançou a cabeça de um lado para o outro, mais rápido.

— Olhe, aqui vem Marissa. Ela é da sua idade e acaba de chegar aqui no mês passado.

Cassandra olhou bem a tempo de ver uma menina em torno de sua idade sair pela porta da frente. Ela tinha um pequeno gatinho nas mãos e estava usando um vestido branco e sandálias. Seu cabelo loiro estava preso em tranças curtas.

Cassandra olhou para Lilly. — Eu sei que eles têm um pouco de chocolate lá dentro, e se você não gostar daqui você pode vir para casa comigo. OK?

Finalmente, Cassandra assentiu e saiu do carro, segurando a mão de Lilly enquanto subiam os degraus da frente sob o olhar atento das quatro crianças e quatro adultos.

Cassandra não prestou muita atenção nas crianças desde que ela sabia que os adultos eram os responsáveis. Havia duas mulheres e um homem mais velho que parecia frágil. Ela sabia que poderia escapar dele caso precisasse. Uma das mulheres parecia forte e capaz; a outra parecia acima do peso e mais velha. Cassandra sabia que não significa que ela não podia correr rápido desde Kimberly tinha sido gorducha e rápida.

— Oi, pessoal, esta é Cassey. — Lilly olhou para baixo e piscou para ela. Cassandra gostava do nome mais curto; ela sempre pensou que seu nome era muito longo para ela.

— Oi, Cassey, — todos disseram juntos.

— Cassey, — disse Lilly, sorrindo para ela, — Este é o Sr. e a Sra. Grayton. Eles são donos da casa. E estas são as suas filhas, Julie e Karen. Julie ensina na escola e será responsável por você.

— Olá, — ela disse em voz baixa.

— Oi, — disse Julie, ajoelhando-se para ela. Suas mãos estavam bronzeadas e ela usava um par de jeans gastos e uma camisa de botão com flores. Seu cabelo castanho curto era encaracolado e parecia macio como o de Lilly. Seus olhos castanhos pareciam ricos e quentes como o resto dela. — Eu fiz algumas panquecas para o café da manhã. Gostaria de entrar e ter alguma?

Cassey olhou para Lilly e quando Lilly concordou, ela olhou para Julie e disse: — Sim, por favor.



Capitulo 01

Quinze anos mais tarde...

Cassey estava no calçadão lotado e olhou para o prédio ligeiramente queimado. As janelas estavam quebradas, a porta da frente estava caindo, e um bom pedaço do teto estava desabando. Era perfeito. Ela sorriu um de seus raros sorrisos e caminhou em direção à porta. As chaves estavam em suas mãos e seus dedos tremiam quando ela virou a chave prateada para abrir a grande porta de madeira.

Quando se abriu, ela sorriu de novo, sabendo que pertencia a ela. Bem, a ela, sua família, e o banco. Ela entrou lentamente, mantendo as portas abertas para que a luz do calçadão entrasse. Acendendo as luzes, ela notou que mesas e cadeiras estavam empilhadas contra a parede traseira. A maioria dos antigos espelhos ao longo das paredes estavam quebrados, graças, sem dúvida, as crianças que invadiram e jogaram pedras neles. Mas não foi uma grande perda; ela tinha planejado tira-los de qualquer maneira. O teto preto e as paredes seriam pintados de uma cor mais clara, já que o lugar não seria mais um clube de dança grunge.

Enquanto olhava ao redor do salão, sua mente girou com ideias, tal como tinha acontecido desde que ela tinha visto pela primeira vez o lugar, há quase oito anos. Naquela época, a tia, a irmã de Julie, estava no comando do clube de grunge sujo.

Cassey passou anos andando para cima e para baixo da praia, e sabia as maravilhas que possuía o calçadão de quilômetros de comprimento. Apesar de ter sido centrado na praia em uma das menores cidades ao longo da Costa do Golfo da Flórida, o turismo aqui sempre esteve em expansão. Este é *o* lugar para estar. Com o seu charme de cidade pequena e lojas pitorescas.

A maioria dessas pequenas lojas estavam alojadas em um edifício longo. Elas recentemente tinham sido pintadas de um amarelo claro com colunas brancas altas. Algumas unidades tinham andares superiores, que geralmente alojavam apartamentos ou escritórios. Os pequenos detalhes de cada seção eram únicos, mostrando o caráter de cada negócio.

O comércio fornecia tudo o que se poderia desejar nas férias de verão. Havia lojas que vendiam vestidos e roupas de banho, que estavam localizadas ao lado de sorveterias e lojas especializadas. Havia um parque de diversão na outra extremidade do cais, que estava quase sempre cheio de crianças, mesmo durante o período de baixa temporada. Ela e seus irmãos haviam passado muitas horas e gasto toda sua mesada lá, durante seus anos de escola. A única coisa que faltava no calçadão era entretenimento para adultos. Era o que Cassey planejava fornecer.

Sorrindo, ela olhou ao redor do salão. Havia um longo bar de mogno contra a parede à esquerda e um palco no canto direito traseiro que ela planejava usar. As mesas e cadeiras que tinham sido deixadas poderiam até mesmo ser limpas e usadas novamente.

O prédio antigo, que ficava separado dos outros, tinha estado na família Grayton por gerações, e por ser uma propriedade a beira-mar na crescente cidade turística de Surf Breeze era muito procurado, e precisava ficar desse jeito. Desde a morte de sua tia Karen, há dois anos, a família vinha recebendo ofertas pelo velho edifício.

Não foi até o último aniversário de Cassey que ela tinha tomado à decisão de seguir seus sonhos e ter uma chance. Ela trabalhou no restaurante local na Spring Haven desde que tinha dezesseis anos. Ser uma garçonete lhe dera a experiência que

ela precisava para abrir seu próprio negócio. Mas seu sonho não era apenas sobre alimentos. Ela sorriu quando olhou ao redor. Não, ela tinha alguns outros planos para este lugar.

Ela levou o seu tempo andando pelas grandes salas. A grande cozinha na parte de trás precisaria de novos aparelhos, mas diferente disso, poderia estar em pé e funcionando com o mínimo de trabalho, além de uma boa limpeza, um pouco de tinta, e TLC.

Os dois banheiros de clientes eram padrão, e só precisavam de limpeza e suprimentos. Ela caminhou de volta para a sala principal e notou o escritório espelhado pairando sobre o canto de trás. Ela sabia que iria passar seu tempo lá, e decidiu caminhar até lá e fazer um balanço da forma em que se encontrava.

Quando ela subiu a escada estreita, pode sentir o cheiro do tapete queimado. Andando até o escritório, ela franziu a testa. O fogo tinha feito o maior dano aqui. Ela podia realmente ver através do telhado, e os danos causados pela água no chão era muito ruim.

Voltando por um longo corredor, ela caminhou em direção ao que seria sua casa. Ela sabia que o apartamento estava mobiliado, mas tinha medo do que estava lá dentro. Usando suas outras chaves, ela abriu a porta pesada e entrou em outro corredor estreito para seu novo apartamento. A porta para o lugar pequeno foi pintada de verde-piscina brilhante. Ela gostou da cor e sorriu ligeiramente, sabendo que ela iria mantê-la.

Quando ela entrou no quarto, ela ficou chocada. Era lindo. Ela nunca tinha estado aqui atrás; quando tinham visitado há oito anos, eles tinham ficado no prédio da frente. Sua tia Karen tinha morado aqui e tinha dirigido o clube desde os anos oitenta. Ela tinha sido a criança selvagem, embora sempre tenha sido aceita na família.

Onde Julie tinha sido de fala suave e muito modesta em sua aparência, Karen tinha sido seu oposto completo. Embora seus rostos combinassem perfeitamente, as gêmeas tinham atitudes e estilos de vida completamente diferentes.

Ela entrou no apartamento e notou a mobília colonial florida. O estilo de roupa de Karen tinha sido sempre escuro, mas seu apartamento refletiu um lado mais feminino.

O piso de cerâmica queimado precisava de uma boa limpeza, alguns dos móveis, também, mas eram melhores do que ela esperava. Andando por ele, ela notou os aparelhos desatualizados na pequena cozinha. Ela sabia que seu orçamento não permitiria novos ainda, mas talvez ela poderia encontrar alguns usados que estavam em melhor condição.

Andando para trás, ela percebeu que o banheiro precisava de algum trabalho também. Quando ela entrou no quarto, ela engasgou e correu para as portas de correr. Lá fora, em uma pequena área de pátio o jardim na cobertura estava em plena floração. Não tinha sido cuidado nos últimos dois anos, já que ninguém tinha vivido lá, mas ainda assim as flores e árvores eram bonitas. Ela fez uma nota mental para comprar algumas tesouras para aparar os arbustos que haviam crescido selvagens. Uma mesa e cadeiras de ferro estavam no meio do caminho de pedras. Em ambos os lados do jardim no beco dos fundos estavam muros baixos de tijolo que ajudavam a manter o pátio secreto escondido. Era um pequeno pedaço do céu no meio do grunge. Ela adorou. Ela podia imaginar passar a maior parte de seu tempo livre aqui, lendo, trabalhando em seu laptop, ou apenas tomando sol.

Caminhando de volta, ela notou o quarto pela primeira vez. A grande cama de dossel posicionada no meio da sala. Uma renda branca velha pendurada em um dos postes altos, dando um ar de dossel para a cama.

Ela testou o colchão; era suave e confortável o suficiente. Deitada sobre ele, ela fechou os olhos por um momento. Ela poderia fazer isso. Ela tinha apenas vinte e dois anos, mas as aulas de negócios que tinha tomado enquanto atendia mesas, serviriam bem.

Seu plano de negócios tinha impressionado o banco suficiente para que eles lhe dessem um empréstimo para consertar o lugar sem pestanejar. Agora tudo o que tinha a fazer era deixar as mãos um pouco sujas e começar.

Seus irmãos iam estar lá na manhã seguinte, mas ela simplesmente não podia esperar para começar. Voltando para seu carro, ela pegou suas malas e levou-as através do portão lateral, e subiu os degraus de pedra exterior até seu novo apartamento. Tirando suas roupas limpas, ela colocou um par de jeans velhos e uma camiseta velha. Amarrando seu longo cabelo escuro para trás com uma bandana, ela tirou uma caixa de material de limpeza de seu carro e começou a trabalhar no andar de baixo. O escritório teria que esperar seus irmãos chegarem, uma vez que teria de ser esvaziado e alguém teria que subir no telhado para consertar os buracos. Sem dúvida, Marcus seria o único a chegar até lá e fazer o remendo.

Marcus sempre fora o destemido. Quando ela chegou ao local dos Grayton há quinze anos, ela nunca tinha imaginado ter três irmãos e uma irmã para crescer juntos. Mas as crianças tinham se unido e tinham sido inseparáveis, pelo menos até que Marissa tinha fugido de repente, logo após seu décimo sétimo aniversário.

Cassey franziu o cenho quando ela começou a limpar, pensando em sua irmã. Ela sentia falta dela e perguntou o que a tinha feito deixar um lugar tão maravilhoso. O que quer que fosse ela não tinha confiado nela e isso doeu mais do que qualquer surra que ela já tinha recebido de seus pais verdadeiros.

Enquanto trabalhava, ela lembrou a última noite que tinha visto Marissa. Elas tinham caminhado até o lago para nadar, algo que tinham feito desde que se unirem no primeiro verão que tinham vivido na casa no monte com os Graytons.

— Você acredita em destino? — Marissa perguntou enquanto flutuava na água fria, olhando para o por do sol. Seu longo cabelo loiro flutuava em torno de seu rosto bronzeado. Ela tinha acabado de completar dezessete anos, três dias antes e eles fizeram uma grande festa naquele fim de semana.

— Destino? — Cassey pensou sobre isso. — Claro, eu acho que sim. — Ela estava flutuando, muito parecido com Marissa, mas seu cabelo escuro era mais curto e mais perto de sua cabeça.

— Eu estou destinada a ser como minha mãe, — Marissa deixou escapar, fazendo Cassey se levantar e olhar para ela.

— Por que você diz isso? — Perguntou ela, franzindo o cenho para sua irmã. Ela ouviu as histórias de horror do passado de Marissa. Sua mãe tinha a tido quando ela tinha apenas dezesseis anos. Ela estava tão drogada, que ninguém tinha pensado que Marissa iria sobreviver à primeira semana. Mas ela tinha conseguido, e ela tinha vivido o suficiente para sofrer a ira de uma mãe viciada em crack. Pelo menos até que Lilly tinha aparecido muito parecido com o que ela fez com Cassey, e a resgatou.

Marissa tinha chegado ao Graytons menos de um mês antes que ela.

Marissa levantou-se na água ao lado dela, olhando para as pedras redondas ao longo da costa. — Eu não sei. É apenas algumas das escolhas que fiz na vida. — Ela encolheu os ombros. — Vejo tanto dela em mim. — Marissa olhou nos olhos de Cassey. Cassey podia ver a tristeza lá e algo mais em seus olhos.

— O que há de errado? — Ela se aproximou dela.

Marissa olhou para cima e balançou a cabeça. — Nada. Eu acho que eu estou sendo emocional. — Ela sorriu e, em seguida, jogou água nela de brincadeira. — Vamos apostar corrida até as docas?

Cassey aceitou o desafio e perdeu, como sempre, e rapidamente esqueceu tudo sobre a conversa até a manhã seguinte, quando ela tinha ido acordar Marissa para a escola e encontrou a cama vazia com uma nota sobre o travesseiro. A nota só disse que ela teve que sair e nada mais.

Cassey piscou de volta para o agora. Ela estava perdendo a luz do dia, então ela se aproximou e acendeu as luzes do teto. Algumas lâmpadas estavam queimadas, fazendo com que a sala estivesse em sombras.

Ela tinha limpado o bar, tirando as garrafas velhas e o lixo de trás dele. Havia alguns lugares para um frigobar, e ela sabia que o local onde ficava o barril e as mesas precisariam de algum trabalho. Ela planejava ter uma nova máquina de refrigerante instalada.

De volta à cozinha, os fornos de pizza ainda estavam em ordem e ela pensou em acrescentar a Flatbread Pizza[1] ao menu junto com porções de marisco fresco e alguns outros favoritos – hambúrgueres, steaks e pratos com frango.

Ela trabalhou até que ficou muito cansada para continuar, mas estava feliz pelo lugar já estar melhor. Enquanto ela limpava, acrescentou uma dúzia ou mais de itens que teria que comprar ou corrigir na sua lista. Ainda havia muito que fazer antes do dia da inauguração, que ela planejava fazer um pouco mais de um mês a partir de agora.

Ela tinha pedido a licença de bebidas alcoólicas, quando solicitou o seu alvará de funcionamento. Levaria algumas semanas para aprovação, mas tinha algumas semanas de sobra. Os fiscais da construção foram agendados para passar em três semanas, e havia tanta coisa para se fazer antes disso.

Subindo as escadas dos fundos, ela lentamente fez seu caminho pelo corredor até seu novo lar. Ela se sentou na cama, completamente vestida, e estava dormindo antes mesmo que pudesse tirar os sapatos.

****

— Ela morreu? — Uma voz profunda disse acima dela.

— Ela parece morta. Cutuque-a, — disse o outro.

— Eu não vou cutucá-la. Lembra o que aconteceu da última vez que a acordamos? — A primeira voz disse novamente.

— Isso é porque você jogou um balde de água fria em sua cabeça.

— Foi sua ideia. — Houve uma risada profunda.

[1] É uma pizza de massa fina e crocante que não leva fermento, **não tem tradução.

Cassey rolou e tapou os ouvidos com o travesseiro quando a discussão aconteceu.

— Chega! — Ela se sentou e olhou para os três rostos lindos pairando acima dela. — Como vocês entraram aqui? — Ela cruzou os braços sobre o peito e franziu a testa.

— Você se esqueceu de trancar a porta da frente. — Marcus, o líder do grupo, falou primeiro. Seu sorriso era contagiante quando o seu cabelo escuro caiu sobre os olhos.

— Você se parece com o inferno, — disse Cole. Seu cabelo loiro era longo e seus olhos azuis brilhavam com humor.

— Cale-se. Não a incomode, — Roman disse enquanto se sentava ao lado dela. Roman sempre fora o mais sensível. Seu cabelo escuro estava bem aparado; seus olhos eram escuros e sempre estiveram cheios de amor. — Não é óbvio? Ela está apenas cansada. Devemos provavelmente começar a trabalhar e deixá-la descansar. — Ele afagou a mão dela.

Cassey afundou-se sobre os travesseiros e ouviu seus irmãos começarem a discutir novamente.

— Por mim está bem, — disse Marcus, sorrindo. — Mais donuts para nós. — Ele se virou para ir embora.

— Donuts? — Cassey sentou-se novamente. — Não haveria um cheio de framboesa lá dentro?

— Dois, — Marcus disse, segurando uma caixa de sua padaria favorita, que estava apenas a alguns metros de distância.

— Eu estou acordada... se você tem... — Ela nem sequer terminou antes de Cole estender uma bandeja de quatro xícaras de café.

— Vocês são três santos, — disse ela, movendo-se lentamente, enquanto saia da cama. Cada músculo em seu corpo doía. Cole entregou-lhe um Frappuccino com

chocolate duplo e ela tomou um gole, e sorriu. Em seguida, Marcus entregou-lhe uma rosquinha cheia de geleia e sua vida estava completa.

Eles sentaram-se à mesa do pátio enquanto comiam seu café da manhã gordo, e falaram sobre os planos para o dia. Ela sabia que seus irmãos estariam lá para ela até que o trabalho estivesse terminado. E eles trabalhariam tão duro quanto ela, o que a fazia amá-los ainda mais.

****

No final de três semanas, o lugar parecia impecável. Houve alguns problemas, mas com a ajuda de seus irmãos e alguns empreiteiros que tinham contratado tudo tinha acalmado.

O lugar tinha passado pela inspeção com nota dez, e ela agora tinha sua licença de bebidas pendurada atrás do bar numa moldura de prata.

O dia da inauguração estava a menos de dois dias de distância e seus irmãos ainda ficaram ao seu lado. Ela tinha a maior parte da equipe contratada e ainda estava treinando alguns deles. A comida e bebidas tinham sido entregues e Cole tinha ajudado imensamente na cozinha, trabalhando com a equipe contratada para garantir que haveria itens apetitosos no menu que os clientes irão desfrutar. Eles tinham até colocado várias mesas e cadeiras na frente para os clientes sentarem durante o dia. Afinal, Boardwalk Bar & Grill, ou o BB&G como ela gostava de chamá-lo, estaria aberto para almoço e jantar.

Ela se afastou e viu a placa que estava sendo anexada na frente do edifício. As letras de “Boardwalk” estavam em amarelo, e “Bar & Grill” colocada abaixo dela em branco. O letreiro brilharia à noite, mostrando as letras nítidas.

Ela tinha placas menores de alguns dos seus fornecedores fixadas nas novas janelas da frente. Toldos pendurados ao longo das três grandes janelas, para proteger

os clientes contra o sol quente quando esses almoçassem na frente das áreas fechadas. Havia palmeiras altas na frente, o que cria sombra, também.

Cole sugerira que ela pendurasse plantas sobre os grandes postes de madeira do calçadão, que cercavam seu pátio. Marcus tinha trabalhado durante três dias para construir as pequenas caixas, que ela encheu de flores tropicais e coloridas.

O lugar parecia maravilhoso, melhor do que ela tinha imaginado. Eles pintaram o exterior de azul escuro, e branco em torno das janelas e portas, dando ao lugar antigo um novo visual.

Ela observou quando seus irmãos saíram pela porta da frente. Eles pareciam unidos. A imagem de vê-los saírem da casa Grayton juntos pela primeira vez, surgiu em sua mente. Eles pareciam os mesmos, mas diferentes. Agora estavam todos com bem mais de um metro e oitenta. Seus corpos e rostos eram diferentes uns dos outros, mas eram irmãos em todos os sentidos. Eles ficariam juntos para qualquer coisa. Cassey sorriu, quando se aproximaram dela.

— O lugar parece bom, — disse Marcus, envolvendo um braço em torno do seu ombro. — Dá pra acreditar? Você é dona de uma empresa.

— Eu sempre pensei que Roman seria o único empreendedor, — disse Cole, jogando um braço em torno de seu irmão e esfregando o seu cabelo curto.

— Pare com isso, — disse Roman, empurrando Cole para longe.

— O que precisa ser feito agora? — Perguntou Marcus, olhando para ela. Se ela não pensasse em todos eles como seus irmãos, iria desmaiar sobre a atenção que davam a ela, mas nunca tinha sentido atração por nenhum deles.

— Panfletos. — Ela sorriu para eles. — A inauguração é daqui a dois dias e precisamos ir para a praia e as ruas. — Ela tinha pilhas de panfletos que foram impressos em sua nova impressora a laser em seu escritório recentemente remodelado na noite anterior.

Cole gemeu. — Aww, cara. Sério?

— Ei, não critique a ideia. É a melhor maneira de pegar as meninas. Lembra-se daquele verão que passei trabalhando para o Petro's? — Marcus sorriu.

Roman riu. — O verão que você teve doze namoradas?

— Esse mesmo. — Marcus sorriu. — Eu estou dentro. Mas se você não quiser participar, Cole, — disse ele, agarrando seu irmão em um "mata-leão", — talvez você não goste de meninas.

— Parem com isso, vocês dois, — disse Cassey com a voz baixa. Ela era a pacificadora entre seus irmãos. Ela tinha interrompido mais brigas e atos de brincadeira do que podia contar. Talvez por isso, nunca pensou neles como nada além de irmãos.

Durante os dois dias seguintes, Cassey ficou ocupada enquanto seus irmãos distribuíram pilhas e pilhas de folhetos. Quando a manhã da abertura chegou, ela ficou olhando para sua equipe e seus irmãos na sala de jantar principal.

— Estão todos preparados para hoje? — Todos balançaram a cabeça. — Se houver algum problema, não hesite em me informar. Como está a cozinha? — Ela olhou para Sam, o chefe de cozinha que ela tinha contratado há duas semanas. Ele era um homem de meia-idade que tinha uma extensa e impressionante lista de referências.

— Ótima. Pronto para começar a cozinhar. — Ele sorriu.

— Wendy, como está tudo atrás do bar?

— Pronto, — a bartender principal respondeu. — O último do estoque chegou ontem, então estamos prontos. Posso apenas mencionar que amei você seguir meu conselho sobre os liquidificadores. — Ela sorriu calorosamente. Wendy tem sido inestimável e rapidamente se tornou uma das melhores amigas de Cassey. — Eu não posso esperar para fazer algumas bebidas misturadas.

Cassey assentiu. — Vocês todos foram tão maravilhosos. — Ela olhou para o relógio. — Agora, que tal abrir as portas e ver o que acontece. Todos nas estações. — Ela bateu palmas.

— E nós? — Perguntou Marcus.

— Fiquem lá e pareçam lindos... e flertem com todas as senhoras solteiras. — Ela sorriu.

— Posso fazer isso. — Ele a cumprimentou e, em seguida, virou-se para seus irmãos. — Tortura pura. — Eles riram enquanto caminhavam para a área do bar e imediatamente começaram a flertar com Wendy.

Cassey caminhou até as portas da frente, fechou os olhos por um momento, e respirou fundo.

Uma lembrança brilhou em sua mente. Sua madrasta pairava sobre ela enquanto gritava: "*Você nunca vai ser nada na vida. Você me ouve menina? Você é inútil*".

Abrindo os olhos, ela endireitou os ombros e virou a fechadura das portas. A luz do sol atingiu seu rosto, e ela sorriu ao ver a longa fila de clientes esperando lá fora.



Capitulo 02

Dois anos depois...

Cassey assistiu os clientes indo e vindo. Ela sabia o que seus livros financeiros diziam e se perguntou por que as coisas não estavam batendo. Foram dois anos maravilhosos, e ela pagou metade do seu empréstimo nesse curto espaço de tempo, mais rápido do que ela tinha imaginado. Mas agora algo estava errado. Os clientes não estavam vindo com tanta frequência. Ela teve Sam alterando um pouco os menus para refletir a mudança de estilos. As pessoas sempre dizem quão boa a comida e atmosfera eram, mas então ela não os veriam novamente.

Eles tiveram os seus habituais no bar, e os fins de semana durante a temporada ainda eram bons. No entanto, nas últimas semanas, ela tinha visto uma mudança e os clientes simplesmente não estavam vindo.

Ela ficou no cais e franziu a testa. Não havia número suficiente de pessoas que caminhavam, não mais. Até mesmo as lojas ao lado dela tinham sofrido. Ela conversou com os proprietários e todos eles estavam confusos. Alguns edifícios já estavam vazios com sinais de “venda” nas janelas dianteiras. Muitos prédios ficando vazios, o que era uma grande preocupação para os outros empresários. Algumas das empresas que tinha fechado tinham sido compradas, mas ainda havia suficientes empresas e proprietários que estavam decididos a ficar, não importa o quê.

Ela tinha recebido visitas algumas vezes de alguns dos maiores resorts na praia. Vários lhe deram ofertas muito atraentes para vender. Mas esse era o lugar da sua família, e não apenas dela, e ela não iria vender, ponto. Ela nem mencionou as ofertas para os Graytons, sabendo o que eles diriam. O lugar estava em sua família por gerações e eles estavam determinados a mantê-lo assim.

Ela se apoiou contra a grade e observou enquanto os casais e as crianças brincavam na praia. Estava frio hoje, com um vento frio vindo do Golfo, todos estavam agasalhados em jeans e jaquetas leves. O outono era, em sua opinião, a melhor época. O ar fresco avançava para fora do oceano, esfriando tudo.

Essa época do ano sempre a fazia pensar em sua família. Talvez porque ela sempre gostou de fazer a longa viagem através da ponte Dolphin Bay de volta para Spring Haven e a velha casa na colina que dava para sua pequena cidade natal. Embora o clima habitualmente estivesse agradável, ela podia sentir as alterações e sabia que o clima ainda mais frio estava a caminho.

Respirando fundo, ela voltou ao seu escritório para trabalhar em um novo plano de negócios que faria o calçadão e seu bar e grill ficarem ocupados novamente. Caminhando pela sala de jantar principal, olhou em volta e percebeu que havia apenas quatro mesas sendo servidas. Para o almoço, isto era trágico.

Passando pela área do bar e acenando para Wendy, ela subiu as estreitas escadas rapidamente. Quando abriu a porta do escritório, ficou chocada ao ver um homem lindo sentado atrás de sua mesa, dormindo com os pés para cima. Demorou um segundo para recuperar a compostura enquanto olhava para ele.

Seu cabelo castanho claro foi cortado elegantemente, com a parte superior levantada e os lados mais curtos. Costeletas alcançavam até o meio de suas orelhas. Seus longos cílios escuros descansavam em suas bochechas. Sua mandíbula era quadrada, uma das melhores características em seu rosto. Seus lábios. Ela não conseguia tirar os olhos deles. Eles eram cheios e parecia que seria divertido beijá-los.

Ele usava uma camisa azul com colarinho, o botão superior aberto, sem gravata. Ele usava uma jaqueta de couro bege e calça jeans cinza escuro. Suas botas pretas descansavam no canto de sua mesa.

Ela nunca tinha sido capaz de negar a si mesma os prazeres físicos com um homem bonito. Os homens eram fáceis de encontrar, quando você administra um dos maiores bar e Grill ao longo da praia. Eles eram fáceis o suficiente para descartar também. Ela sempre foi rápida em seus assuntos, nunca deixando as relações se transformarem em algo que fugisse de suas mãos. Normalmente, eles só duravam algumas semanas, antes de ela se cansar, e seguir em frente.

Livrando-se de seus pensamentos e de observar o homem sexy dormir em sua cadeira, ela fechou a porta com força, e seus olhos se abriram lentamente. Eles eram castanhos escuros e ela poderia jurar que ele estava rindo dela.

Ele sorriu para ela, mantendo os pés sobre a mesa e os braços cruzados sobre o peito.

— Oh, aí está você, — disse o homem com uma voz rica. — Eu estive esperando por mais de uma hora, sabe. — Ele terminou enquanto seus olhos corriam para cima e para baixo dela, muito parecido como ela tinha feito com ele.

— Quem é você? — Ela perguntou, franzindo a testa. — E o que você está fazendo no meu escritório? — Ela se aproximou e empurrou suas botas para fora de sua mesa. Ele sorriu ainda mais.

— Luke Callaway. Te deixei mais de uma dúzia de mensagens. — Ele se levantou e ela percebeu o quanto ele era alto. Claro que, com um metro e sessenta e dois, a maioria dos homens eram mais altos do que ela. Mas ele era impressionante, provavelmente dois centímetros mais alto do que Roman, o mais alto dos seus irmãos.

Ela rapidamente se aproximou e se sentou em sua cadeira, certificando-se de endireitar os papéis que ele bagunçou. — Tenho certeza de que iria me lembrar... — Ela parou quando ficou claro para ela. Luke Callaway era o proprietário do Crystal Shores, um dos maiores hotéis em Emerald Beach, alguns quilômetros ao oeste de lá. Ele e seus seguidores tinham sido os mais irritantes em tentar comprá-la. Sua

coluna ficou tensa. — Sim, eu me lembro agora. — Ela abriu seu laptop e logou. — Como eu disse a todos os seus funcionários, não estou interessada em vender. — Ela olhou para ele através de seus cílios. — Agora, se você fosse gentil deixaria meu escritório.

Ele olhou para ela e sorriu enquanto se sentava no sofá de couro que estava à frente de sua mesa. Ela tentou não suspirar em voz alta quando ele se inclinou e colocou os cotovelos sobre os joelhos e olhou para ela.

— Eu entendo. Eu apenas pensei que uma visita amigável estava em ordem. — Ele olhou para ela e ela sentiu o calor se espalhar pelo seu corpo.

Ela se virou para o computador. — Eu realmente não tenho tempo para conversar no momento.

Ele riu dela.

— O quê? — Ela franziu a testa e olhou feio para ele.

— Eu acho que nós dois sabemos que você tem todo o tempo do mundo. — Ele acenou para sua sala de jantar quase vazia. — Não é como se você estivesse transbordando de clientes no momento.

Ela se levantou e apoiou as mãos sobre a mesa quando olhou para ele. — Você acha que isso é engraçado? Todos ao longo do píer sabem o que você e os outros resorts estão fazendo para os pequenos empresários. Acho que devíamos ter visto isso acontecer, mas agora você vem até o meu lugar e se sente em casa. — Ela caminhou para frente de sua mesa, desejando que pudesse agarrar o homem e forçá-lo a sair de seu lugar. — Saia, — disse em voz baixa. — Eu vou dizer isto pela última vez. Eu não estou vendendo meu lugar, especialmente não para pessoas iguais a você. — Ela caminhou até a porta e a abriu esperando que ele se levantasse e saísse. Mas ele simplesmente se recostou no sofá e parecia que estava se sentindo em casa.

— Você é um enigma. — Seu sorriso desapareceu quando ele balançou a cabeça. — Como eu disse, eu apenas estou aqui para uma visita amigável.

Ela suspirou e ficou na porta enquanto cruzava os braços sobre o peito. — Nós dois sabemos que você não está aqui para *visitar,* — disse ela, enquanto rangia os dentes de trás. — Então, você se importaria de me dizer exatamente por que você está aqui?

— Por que você não fecha a porta e se senta, para que eu possa explicar. — Ele apontou para sua mesa.

Ela levou um momento para se acalmar antes de fechar a porta novamente. Em vez de andar para trás de sua mesa, ela inclinou-se na borda e cruzou os braços, esperando que ele explicasse.

****

Luke esperou até que ela se sentou na borda de sua mesa. Seus olhos prateados o observavam com cuidado, como se ela estivesse esperando que ele fosse contra a sua palavra.

Ele tinha um plano quando ele entrara no bar Boardwalk e Grill – para conseguir que a proprietária, Cassey Grayton, vendesse este lugar para ele e sua família.

Sua família tinha possuído Crystal Shores, um grande hotel em Emerald Beach, por várias gerações. Agora, com o seu novo diploma universitário pendurado atrás de sua mesa no seu impressionante escritório no último andar de uma torre de vidro com vista para o Golfo do México, ele estava pronto para mostrar ao pai o que poderia fazer. Adquirir esta propriedade de frente ao píer foi sua primeira atribuição. Ele se inclinou para trás e cruzou a perna sobre o joelho.

Ele não tinha planejado que Cassey Grayton fosse tão bonita. Quando abriu os olhos e a viu de pé sobre ele, primeiro pensou que estava sonhando. Seus cabelos escuros estavam amarrados, mas mechas caíam ao redor do rosto em aglomerados

macios. Seus lábios tinham atraído seus olhos. Eles eram cheios e pareciam que foram feitos para serem beijados. Eles eram da cor das pétalas de uma rosa delicada.

Ele olhou para aqueles olhos prateados e viu aborrecimento ali. Sorrindo um pouco, ele suspirou, sabendo que tinha desperdiçado tempo suficiente.

— Ok, apenas para que fique claro, a minha intenção é levá-la a vender este lugar. — Ela se encolheu e começou a se mover em direção à porta. Ele se levantou rapidamente e agarrou seu braço levemente.

— Espere me ouça. — Ele olhou para ela. Ela era menor do que pensara inicialmente. O topo de sua cabeça chegava logo abaixo de seus ombros.

— Se você está indo para ficar no meu escritório e palestrar sobre porque é uma ótima ideia vender minha propriedade, então lá está à porta. — Ela acenou com a cabeça.

— Sem palestra. — Ele sorriu. — Apenas uma conversa amigável. Eu prometo.

Ela olhou para ele por alguns momentos. Seus dedos ainda estavam levemente em volta de seu braço. Ela puxou seu braço para longe, caminhou até a sua mesa e se sentou. Ele seguiu seu exemplo e sentou-se de volta no sofá.

— Por que você não vai vender? — Perguntou.

Ela fechou os olhos e suspirou. — Assim como o seu, este é um negócio de família.

Suas sobrancelhas se ergueram. — Fui levado a acreditar que você era a única proprietária.

— Eu sou. No entanto, este edifício e propriedade estão na minha família há gerações. Assim como a sua empresa tem. — Ela acenou para ele. — Eu não posso e não vou vender essa propriedade. — Ela se inclinou para frente. — Agora, por que você ainda está sentado no meu escritório?

Seu sorriso era intenso. — Gosto de uma mulher que vai direto ao ponto. — Ele se inclinou para frente, apoiando os cotovelos sobre os joelhos. — Saia comigo esta noite.

Ela piscou algumas vezes e se inclinou para trás rapidamente, como se tivesse levado um tapa. Em seguida, um pequeno vinco se formou entre suas sobrancelhas. — Por quê?

— Por quê? — Desta vez, ele franziu a testa e depois riu. — Porque você é uma mulher atraente e empresária. Eu gostaria de passar uma noite conhecendo você melhor. — O que ele não estava dizendo a ela é que seu pai lhe tinha dito para não voltar até que a escritura para o seu lugar estivesse na sua mão. E que ele teve uma estranha vibração quando ela olhou para ele como ela estava fazendo agora. Além disso, ele queria saber o que estava sob aquela calça preta apertada e a blusa rosa de seda.

— Sinto muito, Sr. Callaway. Você só tem que se entreter enquanto estiver em Surf Breeze. — Ela se virou para o laptop de novo e começou a perfurar o teclado. — Agora, se você me der licença, tenho trabalho a fazer.

— Certamente você pode tirar uma noite de folga, pelo menos de vez em quando, — disse ele.

Ela olhou para ele e esperou.

Sua mente girou, pensando em uma maneira de contornar a teimosia que ele tinha acabado de descobrir nela. Em seguida, estalou e ele sorriu. — Faça como quiser. Vou me apresentar lá fora. — Ele se levantou e ficou com a mão na maçaneta da porta. — Deixe-me saber se você mudar de ideia. Eu deixei o meu cartão ali. — Ele acenou com a cabeça para a borda da sua mesa. — O meu número de celular está na parte de trás. — Ele se virou e saiu.

Descendo as escadas estreitas, ele foi direto para o bar. A bela loira estava atrás dele, parecendo entediada.

— Oi, o que eu posso fazer por você? — Ela disse em uma voz ofegante enquanto ela se inclinou sobre o balcão, mostrando uma quantidade impressionante de decote. Ele ficou chocado que seu flerte pouco fez para excitá-lo e se perguntou por que os olhos prateados tristes surgiram em sua cabeça, em vez disso.

Levou quase duas horas antes de Cassey descer as escadas de volta. Ficara sentado no bar o tempo todo, tomando uma cerveja e perguntado a Wendy, a barman, todas as perguntas que ele poderia pensar sobre Cassey. Quando ele a notou descendo as escadas, sua mente parou por quase um minuto. Ela tinha trocado suas calças pretas e camisa casuais para algo apertado e sexy. Seus saltos lhe deram quase sete centímetros e fez suas pernas parecerem... deliciosas. Ela tinha feito algo com seu cabelo e sua maquiagem fazia seus olhos parecerem maiores e mais profundo. Seus lábios estavam pintados de um vermelho escuro, fazendo com que os olhos ficassem neles até que ela estivesse de pé a trinta centímetros na frente dele.

— O que você ainda está fazendo aqui? — Ela parecia irritada. Quando ele não respondeu de imediato, ela cruzou os braços sobre o peito, empurrando seus seios ligeiramente juntos, e sua boca começou a encher de água. Por que ele estava salivando sobre seu pequeno corpo ao invés da figura alta da bartender? Então ele olhou para aqueles olhos e sabia a resposta. Ele a queria. Ele a queria, como não quis ninguém há muito tempo.

Ele se recostou no bar e tentou sorrir, mesmo que seu coração batesse mais rápido do que se ele tivesse acabado de correr uma maratona.

— Bem, eu pensei em ficar por perto e ver como você executa o show. — Ele acenou com a cabeça para a sala quase cheia. As mesas de jantar foram arrumadas rapidamente, de modo que as pessoas na fila de espera para uma mesa, não teriam que aguardar muito tempo. A pista de dança estava quase vazia, mas, até agora, o DJ só tinha tocado música pré-gravada. O letreiro em frente disse que havia música ao vivo às sextas-feiras e sábados. Ele se perguntou se o lugar realmente lotava nessas noites.

— Você é bem-vindo para se divertir, mas eu o aviso. — Ela se inclinou e ele teve um sopro rápido de seu perfume, fazendo com que seus olhos fechassem momentaneamente em êxtase. — Se você interferir com qualquer um da minha equipe ou comigo, eu vou mandar Tyrone levá-lo para fora. — Ela acenou com a cabeça para um homem negro que parecia que tinha acabado de sair do ringue em uma partida de WWW.

Ele sorriu para ela e, em seguida ela ficou chocada quando ele gentilmente passou as pontas dos dedos pelo lado de fora de seu braço. Ela saltou e fez uma careta para ele, fazendo-o sorrir ainda mais. Sua pele era macia como pena e ele sabia, sem dúvida que ele tinha que colocar as mãos nela novamente.

Ela se virou e saiu rapidamente. Ele observou como ela se misturava com os clientes, rindo e conversando com cada mesa. Ela tinha um jeito todo dela. Ele não podia negar; ela nasceu para isso. Até o momento que ela tinha visitado cada mesa, ela parecia mais relaxada do que a tinha visto.

Ela se aproximou do bar e pediu o seu habitual. Ele sorriu quando Wendy lhe entregou uma Coca-Cola. Ele deslizou para baixo do bar até ficar ao lado dela.

— Noite agitada. — Ele a viu ficar tensa e se perguntou o que seria necessário para ela relaxar em torno dele.

— Não tão agitada como costumava ser. — Ela tomou outro gole de sua bebida.

— Sou apenas eu? Ou você não gosta de todo mundo que entra aqui tentando comprar o seu lugar?

Ela suspirou e olhou para ele, inclinando a cabeça. — Eu ainda não decidi.

Ele riu, e então sentiu toda força de como ela era realmente bonita quando sorriu.



Capitulo 03

O coração de Cassey saltou quando Luke olhou para ela assim. Ela tinha hesitado em se aproximar dele, em primeiro lugar. Quando ela desceu as escadas e o viu descansando contra seu bar, ela quis correr de volta para cima e se esconder. O engraçado era que ela não sabia por quê.

Ela tinha lidado com todos os seus funcionários, alguns deles homens de muito boa aparência, com bastante facilidade. Mas havia algo inquietante nos olhos de Luke e seu sorriso. Se ela fosse honesta consigo mesma, admitiria que foi uma atração instantânea que bateu em sua entranha quando ela o vira. Mas ela não estava preparada para ser verdadeiramente honesta... ainda.

— Eu não vou mudar de ideia, você sabe. — Ela tomou outro gole de sua Coca-Cola, desejando que as bolhas frias acalmassem o fogo que fervia dentro dela.

— Não tenho nenhuma dúvida disso. — Ele começou a passar as pontas dos dedos sobre o braço dela, como tinha feito antes. Ela sentia faíscas em todos os lugares que ele a tocou e, embora parte dela quisesse se afastar de novo, era tão bom ser tocada. Desde que ela tinha terminado com Mark há algumas semanas, não tinha alguém demonstrando tanto interesse por ela.

No fundo da sua mente estava a sensação incômoda de que ele estava tentando encontrar sua fraqueza, para que pudesse entrar e comprar este lugar, que estava

tentando usar o sexo para suavizá-la. Nunca iria funcionar então ela teve que perguntar por que ele estava tentando tão duro.

Era tão difícil de avaliar suas intenções. Seus olhos cor de chocolate revelavam pouco do que ele estava pensando.

— Então por que você está ficando aqui? — Ela perguntou enquanto tentava afastar os dedos de sua pele. Em vez disso, ele entrelaçou sua mão com a dela, mantendo-a imóvel.

— Eu acho que você sabe por que, — disse ele, apenas sob sua respiração.

Balançando a cabeça ligeiramente, ela percebeu que estava segurando a respiração. — Não. — Saiu mais fraco do que pretendia.

De alguma forma, ele se aproximou dela, de modo que seus joelhos e ombros estavam se tocando agora. Ela podia sentir seu cheiro rico, o que fazia com que suas entranhas dessem um giro. Até suas pernas estavam fracas agora, enquanto passava a outra mão sobre o joelho exposto. Ela cruzou as pernas, mas agora percebeu o quão vulnerável a fazia sentir. Desejando que tivesse usado calças esta noite, em vez de seu novo vestido, ela sentiu arrepios em todos os lugares que ele a tocou. A palma da mão calejada estava correndo sobre o seu joelho em pequenos círculos.

Nesse momento, alguém deixou cair um prato. O som quebrou o transe em que ela tinha estado. Ela se afastou e levantou do banco. Agarrando sua Coca-Cola, esperou até que sua frequência cardíaca estivesse nivelada.

— Eu não sei qual jogo você está tentando fazer, o Sr. Callaway, mas você não vai encontrar nenhuma participante disposta aqui. É melhor você aceitar suas perdas e seguir em frente. Boa noite. — Ela se virou e se afastou, prendendo a respiração até entrar no seu escritório. Então ela se afundou no sofá e tentou fazer com que seu corpo voltasse a ficar sob controle.

Meia hora mais tarde, ela se levantou e olhou para fora das janelas escuras e percebeu que ele não estava à vista. Ela desceu as escadas e continuou seu ritual

noturno. No momento em que ela entrou em seu apartamento, ela estava se sentindo quase normal novamente.

No dia seguinte, ela havia se convencido de que a atenção que ele tinha dado a ela e a maneira como seu corpo tinha reagido a ele estava tudo em sua mente. Ele estava aqui em uma missão e usaria todos os meios possíveis para conseguir o que ele e seu pai queriam – seu imóvel.

Ela tinha ficado acordada por quase uma hora se perguntando por que eles queriam tanto.

Boardwalk Bar & Grill se localizava no maior lote ao longo do que foi chamado o antigo calçadão. Em ambos os lados do calçadão de dois quilometros, que tinha sido construído no final dos anos cinquenta, havia moradias residenciais, grandes casas de praia para alugar, e outras pequenas empresas. Uma vez que Surf Breeze localizava-se no que era essencialmente uma ilha, a terra era escassa. O pequeno trecho de terra tinha sido na sua maioria, propriedade das mesmas pessoas por gerações.

Havia alguns pequenos hotéis ao longo da rodovia apenas do outro lado da ponte alta que levava a Surf Breeze, mas até agora a falta de espaço na cidade tinha mantido maiores cadeias à distância. A maioria dos turistas que entram em Surf Breeze ama o sentimento de cidade pequena. O calçadão pitoresco e seu apelo na vida noturna tinha sido uma mistura bem sucedida. Isto é, até poucos meses atrás.

Pequenas vans azuis costumavam passar a partir de Emerald Beach Surf Breeze cada hora, mas o traslado foi recentemente interrompido, e o turismo tinha abrandado. Houve um grande alvoroço dos empresários locais, que haviam solicitado e participado de várias reuniões com a prefeitura, mas até agora, não tinham sido bem-sucedidos em fazer com que o serviço de transporte funcionasse novamente. Pouco depois das vans pararem de funcionar, as empresas locais tinham sido inundadas com ofertas para vender suas terras ou edifícios. Ninguém estava interessado nos negócios, apenas na propriedade em que estavam assentados.

Alguns dos empresários venderam imediatamente. Outros estavam começando a falar sobre a venda. Eles se reuniram e realizaram uma reunião no seu bar algumas semanas atrás, mas até agora, todos estavam convencidos que aguentariam um pouco mais.

Ela estava comendo seu café da manhã – torrada e uma maçã cortada – no pátio quando ouviu alguém subindo as escadas. Virando-se, viu Luke abrir o portão com um saco branco e uma xicara de café equilibrada em suas mãos.

— O que você quer? — Ela perguntou, voltando-se para o jornal local que ela tinha estado lendo.

— Ora, isso é maneira de cumprimentar um velho amigo? — Perguntou.

— Velho amigo? — Ela virou a cabeça e o observou abrir o portão alto.

— Claro. — Ele sorriu. — Afinal de contas, eu te trouxe donuts e café. — Ele colocou o saco e copo para baixo e, em seguida, se sentou ao lado dela.

— Eu já tomei café da manhã. — Ela apontou para sua torrada semiacabada e a maçã.

Ele franziu a testa. — Isso não é café da manhã, isso é comida de passarinho. — Ele moveu seu prato de lado e empurrou o saco de rosquinhas na frente dela.

Ela se inclinou para trás e cruzou os braços na sua frente, percebendo que seus olhos foram para o seu peito. Ela ainda tinha que se vestir para o trabalho e estava vestindo shorts e um top, uma vez que estava surpreendentemente e maravilhosamente quente essa manhã. Ela rapidamente descruzou os braços quando seu olhar fez sua pele se sentir como se estivesse pegando fogo.

— Eu não sei por que você continua insistindo. — Ela deu uma olhada no interior do saco e quase gemeu quando viu o deleite cheio de framboesa. Alcançando, ela decidiu que ela poderia muito bem desfrutar.

A primeira mordida foi como o céu. Fechando os olhos, ela gemeu com a riqueza da sobremesa. Quando ela pegou o café, ele empurrou o copo de papel na frente dela. Ela encolheu os ombros e tomou um gole, então franziu a testa.

— Com quem você esteve falando? — Ela colocou o copo para baixo.

Ele sorriu e se inclinou para mais perto dela. — Você tem um pouco de framboesa... — ele usou seu dedo para limpar um pouco da geleia do canto da sua boca — Aqui. — Sua voz caiu para um murmúrio baixo.

Ela tinha uma imagem dele falando com ela naquele tom enquanto corria suas mãos sobre ela. Ele murmuraria para ela quando dissesse exatamente o que ele queria fazer com ela, o que ele queria que ela fizesse com ele. Balançando a cabeça, ela se afastou.

— Bem? — Ela perguntou novamente.

Ele sorriu. — Eu não sei o que dizer. — Ele enfiou a mão no saco e tirou um donut com cobertura de chocolate e deu uma mordida.

— Donuts cheio de framboesa, Frappuccino duplo de chocolate. Você esteve falando com os meus irmãos?

— Irmãos? Eu não falei com seus irmãos. — Ele se inclinou para trás enquanto tomou um gole de seu próprio café.

Ela cruzou os braços sobre o peito e olhou feio para ele quando as sobrancelhas dele se ergueram.

Ele balançou sua cabeça. — Eu não sabia que você tinha irmãos. Wendy mencionou que você tinha uma fraqueza por donuts e Frappuccino. — Ele deu de ombros.

— Wendy! — Ela fechou os olhos e jurou que demitiria a mulher se ela não fosse um grande trunfo para o seu negócio e uma amiga muito próxima.

— Não seja muito dura com ela. Eu a incomodei tanto na noite passada que fiquei surpreso por ela não me dar mais informações sobre você. — Ele se inclinou, dando outra mordida em seu donut.

— Por que você está fazendo isso? — Ela estava realmente começando a se sentir irritada e perseguida.

Ele riu. — Eu me sinto atraído por você, Cassey. Pensei ter visto uma faísca de atração em seus olhos também. — Ele deu de ombros e tomou outro gole de café. — Pensei que poderíamos explorá-la juntos.

Honestidade era algo que ela não esperava dele. Sim, ela tinha se sentido instantaneamente atraída por ele; ela não podia negar. Tinha notado isso também em seus olhos. Mas ela poderia confiar nele? Como saber que poderia confiar em si mesma para defender sua decisão, talvez pudesse se dar ao luxo de explorar um relacionamento físico. Pelo menos por enquanto.

— Eu não estou à procura de um relacionamento no momento. — Ela franziu a testa enquanto tomava um gole de café.

— Quem falou em um relacionamento? — Ele deu de ombros e pareceu um pouco distante.

Ela se inclinou para trás, tentando avaliá-lo. — Suponho que poderia usar como distração.

Ela viu suas sobrancelhas levantarem momentaneamente, mas seu rosto e os olhos mascaravam suas emoções. Então, ele balançou a cabeça lentamente. — Quando você tem uma noite de folga?

— Segunda-feira.

— Segunda-feira é bom, mas que tal esta noite?

— Hoje à noite? — Ela inclinou a cabeça, tentando entendê-lo.

— Claro você sabe a parte do dia que vem pouco antes do anoitecer. — Ele sorriu.

— Eu vou estar aqui esta noite.

— Ótimo. — Ele pegou o último pedaço de sua rosquinha e se levantou. — Eu vou te ver hoje à noite, então. — Ele estendeu a mão e pegou a dela, puxando-a para cima da cadeira, puxando-a tão perto que ela podia sentir o seu batimento cardíaco ao lado de seus seios. Ele inclinou-se para ela lentamente.

Ela viu o beijo vindo, mas depois que seus lábios se tocaram, ela percebeu que nada poderia tê-la preparado para o desejo que se chocou contra ela. As mãos dele ficaram em seus quadris, segurando-a perto de seu corpo, enquanto a boca dele explorava a dela. Seu sabor rico em sua língua a fez gemer e o puxar para mais perto, enquanto o explorava mais. Suas mãos entraram em seu cabelo grosso, o segurando até que sentiu falta de ar. Então ele se afastou, e ela jurou que viu um brilho de humor em seus olhos quando ele sorriu para ela.

— Bem, eu acho que nós estabelecemos que definitivamente há algo aqui.

Ela tentou sorrir, mas seus lábios e mente se recusavam a se concentrar. Como um homem poderia fazer isso tão depressa com ela? Sentia-se como uma massa gelatinosa. Completamente mole.

Suas mãos caíram e ele se afastou. Ela pensou que as viu tremer, mas ele as empurrou nos bolsos jeans antes que ela pudesse ter certeza. — Te vejo hoje à noite, Cassey. — Ele se virou e se afastou, enquanto ela estava ali olhando para ele. Quando o portão fechou, ela derreteu em sua cadeira com um acesso de raiva, sua mente correndo.

Seus lábios ainda tinham o gosto dos dele. Ela ainda podia sentir sua boca na dela. Ela fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás contra a cadeira e perguntou no que ela tinha se metido.

****

Luke passou as próximas duas horas em seu quarto de hotel. Ele estava hospedado em um pequeno lugar fora da cidade. Suas teclas do notebook clicavam enquanto respondia e-mails, mudou sua agenda, e enviou um temido e-mail para o seu pai. Ele clicou no botão de envio e em menos de cinco minutos depois, seu celular tocou. Sabendo que seria seu pai, ele fechou os olhos e suspirou. Ele realmente esperava o evitar por algumas horas.

— Oi, pai, — ele respondeu e segurou o telefone longe de sua orelha, esperando a explosão que estava por vir.

Uma hora depois, com seu ouvido zumbindo e sua cabeça latejando, tomou banho e se vestiu para ir até o bar da Cassey. Ele sabia que seu pai não gostaria da atualização que tinha enviado, mas ele não tinha ideia de que o velho iria ameaçar deserdá-lo se ele não fizesse este negócio acontecer. Por que a propriedade de Cassey era tão importante?

Ele tinha mais perguntas agora do que quando ele tinha recebido a tarefa, e sabia que havia apenas um lugar para obter algumas respostas.

Enquanto caminhava pelo calçadão em direção The Boardwalk Bar & Grill, ele olhou para os outros comércios ao longo do caminho. Havia lojas de souvenirs, pequenas lojas de alimento, uma sorveteria, até mesmo uma loja de tatuagem. Cada lugar tinha o charme de cidade pequena. No entanto, algumas das empresas estavam vazias, e as suas janelas escuras penduravam como uma nuvem sobre o calçadão de outra forma feliz. Cassey possuía o maior edifício e terreno no calçadão de dois quilômetros e meio e era o melhor localizado. Havia mesas e cadeiras arrumadas do lado de fora, cercadas por flores brilhantes em caixas de madeira coloridas, dando ao pequeno pátio um olhar isolado e romântico. Desde que o tempo estava ficando mais frio, não havia nenhum cliente jantando do lado de fora.

Quando ele entrou, o lugar estava quase lotado novamente. Se ela estava lutando com noites como esta, ele se perguntou como costumava ser, e onde todo o seu dinheiro estava indo. Ele sabia que ela tinha um empréstimo no lugar, mas tinha verificado os registros, e os pagamentos eram suficientemente baixos, que ela poderia facilmente os cobrir com o movimento que estava tendo. Talvez ela devesse a sua família?

Ele caminhou até o bar quando Wendy sorriu para ele. Hoje à noite o seu top era ainda menor do que na noite anterior e ainda assim ele se sentiu ausente com o seu amplo decote.

— Voltando novamente. — Ela sorriu, quando ele assentiu. — O que você vai ter, querido.

— Rum e Coca-Cola. — Ele se virou para olhar para o lugar quando ela foi pegar sua bebida. A enorme sala foi separada em dois lados. Na parte de trás estava um palco com uma grande pista de dança. A pista de dança foi separada da sala de jantar por uma pequena meia parede. Havia dois degraus que levam até a área, e ele não tinha dúvida de que a área ficava lotada nas noites que tinham música ao vivo.

O outro lado era a área de jantar com o bar ao lado. Havia cabines altas que ladeavam a parede e mesas no meio do chão. As toalhas de cor creme, juntamente com a iluminação e as flores em cada mesa, davam ao lugar um olhar quase rico. Ele tinha que admitir, ela tinha feito um grande trabalho de fazer as duas metades funcionarem lado a lado.

Meia hora e duas bebidas mais tarde, ele observou Cassey descer as escadas. Esta noite ela usava uma saia prateada que abraçava em todos os lugares certos. Botas pretas altas percorreram todo o caminho até as coxas, e ela usava uma camisa longa de crochê sobre um top prata que flutuava logo após sua barriga. Ela usava brincos de prata e joias que brilhavam na luz. Seus longos cabelos fluíam pelas costas em cachos que pareciam suaves o suficiente para ocultar o rosto.

Ela caminhou até ele, e ele se sentiu como sua língua tivesse triplicado de tamanho.

— Boa noite. — Ela sorriu e acenou para Wendy, que rapidamente providenciou uma lata de Coca-Cola. Cassey se inclinou no bar ao lado dele e tomou um gole.

— Você parece... incrível, — ele finalmente disse. Em seguida, ele a puxou para mais perto e ela o ouviu cheirar seu pescoço e cabelo, sem dúvida, cheirando seu rico perfume que gostava de usar. Ela ficou tensa por uma fração de segundo, e então relaxou no abraço.

Quando ela se afastou, ouviu Wendy suspirar. — Você vai me desculpar; eu tenho que fazer minhas rondas. Wendy... — Ela esperou até que sua amiga se

aproximasse. — Consiga para o Sr. Callaway qualquer coisa que ele quiser. — Ela se virou e começou seu ritual noturno. Ainda era cedo e a banda ainda não tinha aparecido. Ela sabia que seria uma hora antes da agitação começar. As grandes portas de trás estavam abertas para o beco para que o equipamento indo e vindo não perturbasse os comensais.

Enquanto ela andava em torno das mesas, notou que havia clientes regulares espalhados pela sala. Isso sempre a fazia feliz, mas novos clientes eram a chave para o seu negócio. Turistas compunham, pelo menos, setenta por cento da receita. E nos últimos meses, ela estava vendo esses números diminuírem.

Até o momento que ela tinha passado ao redor da sala, os pés doíam por causa de suas novas botas de salto alto de sete centímetros. Oh, elas totalmente valiam a leve dor, mas tinha que admitir que mal podia esperar para tirá-las e afundar-se em um bom banho quente.

Noites tardias tem sido parte de sua vida desde a abertura do lugar, e seu corpo estava acostumado a esse horário. Ela tinha mais energia do que a maioria das pessoas entre as sete e uma hora. Mas ainda assim, precisava de uma lata cheia de Coca-Cola para mantê-la bem; seu vício de longa data pela bebida a ajudou mentalmente passar as horas mais tarde.

Mas esta noite ela tinha o peso extra de querer saber o que aconteceria depois que trancasse aquelas portas. Procurando do outro lado da sala, viu Luke encostado no bar, olhando para ela. O calor que tinha vindo de seus olhos mais cedo tinha a queimado. Ela não conseguia se lembrar de alguma vez ter sido olhada assim antes. Não havia dúvidas do que ele queria quando a viu atravessar a sala em direção a ele. Ela pensou que, se pudesse, ele teria a levado até as escadas e de volta para seu apartamento. Imagens dele a tocando, o que ele faria com ela, tinham brilhado em sua cabeça desde que tinham feito o acordo.

Ela teve vários relacionamentos no passado, e a maioria tinha terminado amigavelmente. O mais longo tinha sido Bill, com duração de cinco semanas. Ela sabia que tinha problemas de compromisso. Inferno, quem não teria depois de viver o

horror de sua infância? Ela sempre se afastou antes de ficar muito próxima. Ela supunha que era porque ela não confiava em si mesma para ser.... bem... ela mesma ao redor dos homens.

Durante qualquer relacionamento, ela veria mudanças sutis em si mesma, e imediatamente terminaria. Nunca houveram grandes mudanças, apenas pequenas coisas como usar o seu tipo de pasta de dente em vez da dela. A maioria das pessoas simplesmente ignoraria coisas como está, mas ela não podia.

Ela observou Luke se virar e começar a falar com Wendy. Ela sabia que Wendy tinha entendido a sua dica sobre manter as mãos longe. Elas tinham sido amigas desde que a tinha contratado na primeira semana. Wendy era uma das únicas mulheres fora de sua família, que ela realmente confiava. Quando ela ouviu que Wendy tinha uma história semelhante à dela, a ligação tinha crescido rápido e forte.

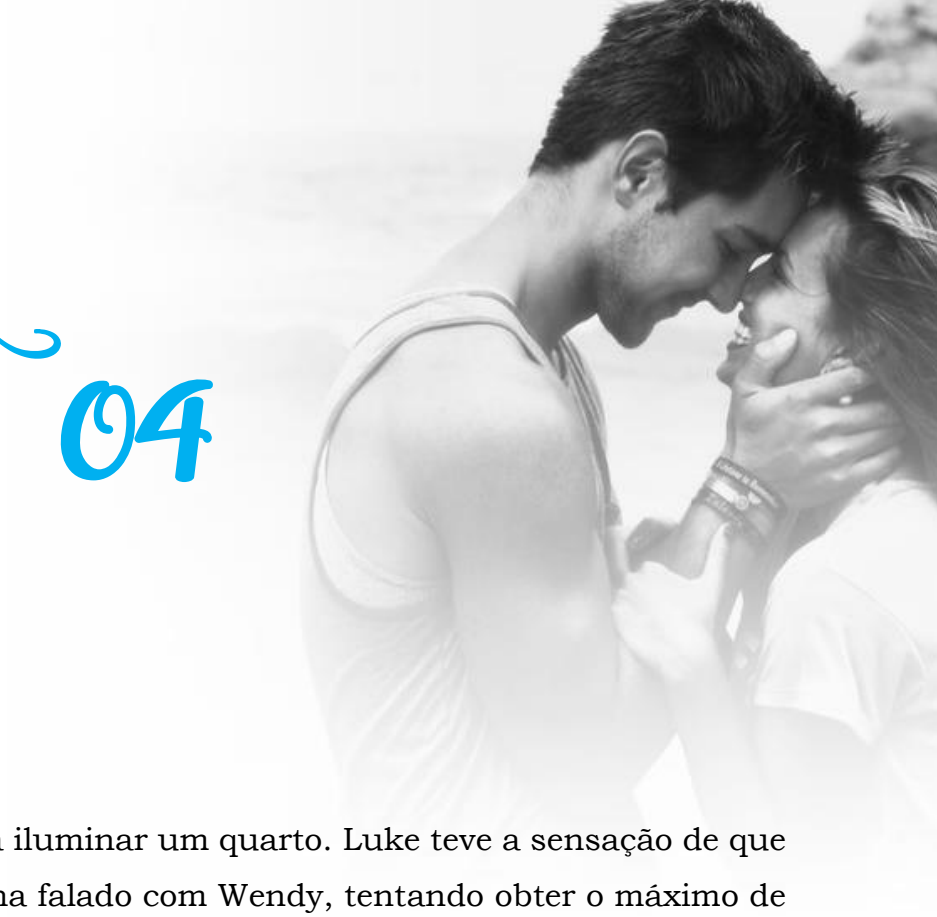
Luke riu de alguma coisa que Wendy disse, e o som ecoou pela sala. Sua voz rica era fácil de identificar no meio da multidão.

Só então, ela recebeu um texto dizendo que a banda estava no beco, esperando que ela os deixasse entrar. Andando até as portas de trás, ela as abriu e viu Mike. Mike era o epítome do retrocesso dos anos 80. Ela tinha certeza de que tinha havido um tempo em que ele estivera em muitos sonhos de jovens, mas os anos não tinham sido gentis com seu cabelo ou sua cintura. Mas ele era uma lenda por sua voz ao longo de toda a costa, e sua banda tocava todas as músicas certas e sabia como fazer para trazer uma multidão.

— Como está indo hoje à noite, Cass? — Ele moveu a grande caixa de som que ele estava segurando para abraçá-la.

— Ótima. Estamos todos prontos para você. Tyrone ainda me disse que há uma linha crescente lá fora. — Ela abriu as portas para deixar o resto da banda e todo o seu equipamento entrar.

Menos de uma hora mais tarde, a música começou a pulsar e a multidão estava embalada. Cassey encostou-se no bar e sorriu para Luke.



Capitulo 04

O sorriso de Cassey poderia iluminar um quarto. Luke teve a sensação de que ela não fazia muitas vezes. Ele tinha falado com Wendy, tentando obter o máximo de informação possível, sobre ela. Wendy não é reservada quando se trata de falar sobre sua chefe.

Ele tinha descoberto que ela tinha três irmãos, que a visitavam com frequência. Marcus, o mais velho, possuía uma das maiores empresas de construção da cidade. Roman possuía vários negócios também. Wendy não sabia qual deles, mas ela mencionou que um deles dirigia um Lexus novo e sempre dava boas gorjetas. Mas Cole foi onde ficou interessante. Cole era um dos surfistas mais conhecidos lá fora. Ele era uma lenda, na capa de todas as revistas de esportes e caixa de cereais que haviam. Luke até pensou que o tinha visto concorrendo para o homem do ano em alguma capa de revista no ano passado. Quando Wendy falou sobre Cole, sua voz ficou suave e seus olhos se tornaram sonhadores. Lembrou-se de ter encontrado o homem uma vez, anos atrás, em alguma praia no Havaí quando Luke estava se escondendo de seu pai.

Wendy mencionou que havia uma irmã, mas nenhum dos outros falavam sobre ela. Ela nem sabia o que tinha acontecido com ela.

Ele observou Cassey falar com a banda e os clientes, no entanto, ele não conseguia manter os olhos sem vagar sobre seu corpo. Ele sabia que seria uma longa

noite, então ele passou a beber uma cerveja. Ele notou que ela teve sua Coca-Cola na mão durante a maior parte da noite e sorriu.

Quando a música ficou suave, ele a encontrou em uma mesa, conversando com dois jovens casais. Andando até lá, ele pediu licença e a puxou para a pista de dança. Somente segurando-a perto, cheirando seu perfume doce, sua mente pensando um milhão de maneiras de levá-la para o andar de cima. Apenas por um momento.

— Alguma chance de que eu possa convencê-la a fazer uma pausa? — Suas mãos estavam correndo para cima e para baixo de suas costas enquanto eles balançavam ao som da música.

Ela olhou para ele, e seus olhos de cristal lhe mostraram que ela sabia exatamente o que ele queria dizer e queria o mesmo. — Meia hora.

— Não breve o suficiente. — Ele sorriu. — Você cheira tão bem. — Ele enterrou o rosto em seu cabelo. — Eu aposto que você tem um gosto ainda melhor, — ele sussurrou enquanto mergulhou e colocou seus lábios em sua boca macia. O sabor dela era algo que ele sabia que nunca esqueceria, nem queria.

Sentiu-a tremer ligeiramente e a puxou com força contra ele, certificando-se que sentiria o desejo que ele tinha por ela. Quando ela se moveu contra ele, começou a tremer.

Ele se afastou e olhou em seus olhos, percebendo que eles estavam sem foco. Sua pele brilhava e seus lábios pareciam mais escuros e mais cheios do que antes.

— Luke, — ela disse, com sua voz suave e sexy, — Você torna difícil para eu me concentrar.

Ele riu. — Bom. — À medida que a música parou, ele achou difícil soltar seu controle sobre ela para que ele pudesse se afastar. Eles ficaram em silêncio por alguns segundos, quando a banda anunciou que iria fazer uma pausa de quinze

minutos. Música pré-gravada alta começou a pulsar dos alto-falantes e as pessoas ao seu redor começaram a bater com os sons.

Ele estendeu a mão e agarrou a dela, puxando-a para as escadas estreitas. — Momento perfeito, — ele sussurrou em seu ouvido enquanto a seguiu pela escada, seus olhos concentrados no que a saia apertada fez com seu traseiro, enquanto ela caminhava na frente dele. Quando chegou ao seu escritório, ele a puxou e empurrou-a contra a porta, sua boca fundida com a dela.

Ele sentiu o engate da respiração dela quando suas mãos agarraram seu cabelo e o seguraram à sua boca. A língua dela disparou para fora, lambendo a dele eroticamente. Suas mãos se moveram rapidamente para baixo de seus ombros, movendo-se para esfregar ao longo dos montes suaves, passando por suas costelas até que finalmente descansaram em seus quadris. Seus dedos cavaram e encontraram sua suavidade até que ela gemeu. Ele empurrou suas pernas abertas enquanto ele ficava entre aquelas botas sensuais. Seus dedos levantaram a saia prateada até encontrar um pequeno tecido negro de seda cobrindo-a. Ao ouvir o material rasgar, ele gemeu quando encontrou sua pele sedosa sob os cachos macios que cobriam seu sexo.

Sua cabeça caiu contra a porta enquanto ela ofegava. Suas unhas cravaram em seus ombros enquanto seus dedos mergulhavam mais fundo em seu calor úmido.

— Mais, — ele rosnou enquanto tomava seus lábios novamente. Desta vez, o beijo foi rápido e um pouco áspero. Seus lábios eram suaves sob o dele, movendo-se para acompanhar suas exigências. Quando seus dedos se moveram para o seu zíper, ele teve vontade de rir. *Sim!* Sua mente gritou. *Agora, tem que ser agora.*

Quando ela o libertou e passou a mão macia pela pele sensível dele, seus olhos se fecharam. Ele teve um momento de clareza quando se afastou e puxou um preservativo.

— Aqui. — Ele empurrou o pacote de alumínio em sua mão e viu como ela deslizou rapidamente sobre ele. Não esperou muito tempo depois que ela terminou. Ele empurrou a saia para cima e enterrou-se nela no segundo seguinte. Ela ofegou e

arqueou as costas quando ele segurou seus quadris e começou a se mover. Em cada impulso, tentou ter controle, o qual foi rapidamente perdido. Ele manteve um rígido controle sobre si mesmo no último dia, mas agora sua contenção tinha desaparecido completamente. Como pode uma mulher fazer isso com ele tão rapidamente?

Ele sentiu seus músculos internos apertarem em torno dele quando se inclinou e tomou seus lábios novamente. O som suave proveniente de sua boca fez seu controle deslizar ainda mais. Estendendo a mão, ele agarrou sua bunda macia debaixo de sua saia e apertou até que sentiu sua convulsão em torno dele. Só então ele permitiu que seu próprio controle se rompesse.

****

Cassey tentou concentrar-se pelo resto da noite, ela realmente tentou. A princípio, ela esperava que Luke partisse na primeira meia hora depois da excitação em seu escritório. Como ela nunca estaria naquele quarto novamente sem pensar no que ele tinha feito com ela? Mas faltavam quarenta minutos para fechar e ele ainda estava sentado no bar, conversando com Wendy, e parecendo muito sexy.

Ela tinha visto o olhar que Wendy lhe dera quando eles desceram as escadas, sem dúvida, com a cara de “eu só tive o sexo mais quente de sempre” em seus rostos. Wendy tinha secretamente a encurralado no banheiro feminino uma hora após o seu encontro, morrendo de vontade de saber da fofoca.

— Derrama, — disse Wendy, certificando-se de que estavam sozinhas no banheiro dos empregados.

— Oh meu Deus! — Cassey caiu contra a pia.

— Bom assim? — Ela perguntou quando ela se inclinou contra a porta.

— Melhor.

— Como é que pode ser melhor? Você esteve lá em cima por apenas quinze minutos. — Wendy parecia chocada.

Cassey sorriu e balançou a cabeça. — O homem sabe como usar o seu equipamento.

Wendy suspirou. — Você sabe, tem sido quatro meses desde que eu tive sexo. Quatro meses e uma vida inteira desde que eu tive sexo de enlouquecer. — Wendy franziu a testa.

— Isso vai acontecer. — Cassey se virou e se certificou que a maquiagem ainda estava no lugar e refrescou o seu brilho labial. — Pronto. Agora ninguém vai ser capaz de dizer que acabei de ter sexo OMG.

Wendy riu. — Querida, está escrito por toda a sua cara. E na dele. — Ela sorriu.

Quando os últimos clientes foram levados para fora por Tyrone, e todos os funcionários tinham fechado suas contas, ela trancou as portas e se virou para ver Luke de pé ao lado do bar.

— Essa foi uma noite. — Ele sorriu para ela. — Todas as sextas-feiras são assim?

Ela encolheu os ombros. — Foi uma boa noite. Não tão boa como elas costumavam ser, embora.

Suas sobrancelhas se ergueram. — Espero que esteja tudo bem que eu fiquei, — disse ele quando ela caminhou em sua direção.

Ela assentiu com a cabeça sentindo sua boca completamente seca. — Estou feliz que você ficou, — disse ela, caminhando para seus braços. Ela se perguntou o que seria necessário para convencê-lo a passar o resto da noite com ela.

— Como você faz isso? — Ele envolveu seus braços em torno de sua cintura.

— O quê? — Ela inclinou a cabeça para trás, olhando em seus olhos escuros.

— Você é um feixe de energia. — Ele riu e olhou para o relógio. — É uma e meia e você parece tão fresca como quando desceu as escadas há seis horas e meia.

— Bem, — ela ronronou, — Eu tive um estimulante no meio da noite. — Ela sorriu enquanto ele riu.

Ele começou a caminhar para trás. — Então, depois do que eu planejei você deverá estar pronta para correr uma maratona.

Demorou muito tempo para subir a escada dos fundos que levavam ao seu apartamento. Ela não se atreveu a fazer um som enquanto destrancava a porta e o observava enquanto ele olhava ao redor do seu pequeno espaço.

— Legal, — disse ele, antes de se virar para ela e recolhê-la em seus braços. Sua cabeça mergulhou, tomando sua boca em um beijo longo e lento. — Ainda melhor, — ele ronronou quando a levava pelo corredor. Suas mãos viajavam em cima dela, a dela sobre ele, liberando ganchos e botões enquanto caminhavam, de modo que quando finalmente chegassem ao quarto, eles estariam completamente nus, exceto suas botas.

Ela deu um passo atrás para tira-las, mas ele a deteve. — Não, deixe-as. — Ele sorriu enquanto dava um passo para trás e olhou para ela. — Meu Deus, — ele sussurrou: — Você é impressionante.

Ela se sentiu tímida de repente. Ninguém jamais a fizera se sentir agitada apenas por olhar para ela. Ele estava em pé na sua frente, nu. Seu peito era impressionante, coberto com uma leve camada de cabelo escuro, mas seu pacote de seis foi o que chamou sua atenção. Seus músculos ondulavam no seu estômago, estreitando-se para baixo até seus quadris. Ele estava com as pernas afastadas; suas coxas eram grossas e pareciam fortes. Então seus olhos se moveram para seus braços novamente. Ele tinha uma tatuagem em seu bíceps esquerdo, e a tinta escura serpenteava em torno de seu braço em um design. Quando ela se aproximou, percebeu que eram ondas. Seus dedos estenderam e as tocou.

— Ondas? — Ela perguntou, olhando em seus olhos.

Ele balançou a cabeça, seus olhos escuros ficaram ainda mais escuros. — Eu perdi meu irmão Calvin alguns anos atrás. Ele estava na Marinha. — Ele balançou a cabeça, provavelmente para limpá-la das memórias.

Ela se aproximou dele. — Eu sinto muito. — Ela não podia imaginar o que era ter um irmão biológico, muito menos perdê-lo.

Ele sorriu para ela, seus dedos percorrendo a pequena tatuagem que ela tinha um pouco acima de seu quadril direito. — Um lírio?

Ela assentiu com a cabeça. — Meu anjo da guarda. — Ela sorriu e puxou sua cabeça para baixo em direção a ela. — Mais tarde, — ela gemeu quando sua boca começou a exigir velocidade. Era isso o que ela queria, suas mãos sobre ela, sua boca na dela.

Seus dedos escavavam em seus quadris enquanto ele a apoiava. Então, quando ela pensou que cairiam para a cama juntos, ele a virou de costas para ele.

Sua boca correu sobre seus ombros, enquanto suas mãos cobriam seus seios. Ela sabia que era menor no andar de cima do que a maioria das mulheres. Inferno, Wendy tinha o suficiente lá por quatro mulheres. Mas Cassey não desprezava o que ela tinha. Ela nunca tinha tido vergonha de seu corpo. Mesmo que ela fosse mais moleque do que sua irmã, ela tinha aprendido uma coisa ou duas com Marissa quando se tratava de fazer com que os homens a olhassem.

Seus olhos se fecharam quando os dedos dele desceram por suas costelas, passando por sua barriga, e encontraram seu caminho para os cachos escuros cobrindo seu sexo. Os dedos de Luke brincavam sobre sua pele, fazendo-a gemer e tentar se virar. Agora, tinha de ser agora. Mas a mão a manteve imóvel. Ele empurrou seus ombros para baixo até que ela apoiou as mãos na borda da cama. Usando seus pés, ele abriu as pernas para que sua extremidade traseira estivesse no ar.

Ele apertou os quadris contra seu sexo até que ela sentiu as pernas fraquejarem. Então ele usou os dedos e a deixando mais aberta. — Tão linda, — ele sussurrou pouco antes de deslizar lentamente para ela.

Sua cabeça sacudiu para trás, um suspiro de espanto ficou preso na sua garganta. O ”zing” foi instantâneo; seu toque apenas a fez querer mais. Seus dedos foram para seus quadris e cavou a mão na sua suavemente quando ele começou a se mover, bombeando dentro e fora dela.

Suas unhas cravaram em seu edredom macio quando ela se concentrou em seus movimentos. Fechando os olhos só aumentou a sensação.

Ela estava construindo muito rápido. Inclinando-se, ela mordeu o edredom, tentando mascarar o grito que estava construindo.

— Deixe ir, — ele disse suavemente, enquanto seus movimentos aceleraram. Em seguida, ele rosnou enquanto ela gritava seu nome em seu colchão.

Cassey estava deitada de bruços em sua cama, presa. Ela podia sentir a respiração de Luke em seu pescoço. Cada exalar causava pequenos arrepios em sua pele onde sua respiração tocava. A mão esquerda dele estava presa debaixo de seu quadril, sua direita em seu cabelo.

— Você estava errado. — Ela sorriu para o colchão.

— Hmmm?

— Eu não acho que eu poderia me mover, e muito menos correr uma maratona. — Ela o ouviu rir.

— Eu acho que isso faz dois de nós. — Ele se virou a puxando mais para a cama, mais perto dele. Sua cabeça agora repousava sobre o peito dele, e ela percebeu que ainda tinha suas botas.

Sentando-se, ela rapidamente abriu-as e as jogou ao lado da cama.

— Eu gosto das botas, — disse ele, sorrindo enquanto ela se deitou ao lado dele. — Muito. — Ele passou a mão pelo cabelo dela.

— Eu poderia dizer. — Ela sorriu para si mesma. — Eu gosto de seus movimentos. — Ela prendeu a respiração. Ela nunca se sentira tão estranha

antes. Ela já tinha feito muitas vezes sexo por sexo, mas algo estava fazendo com que ela se sentisse nervosa desta vez.

— Você se importaria se eu ficasse? — Ele perguntou em voz baixa.

Ela balançou a cabeça. — Não, eu gostaria disso. — Ela o sentiu respirar, a cabeça subindo e descendo enquanto seu peito se movia.

— Bom. — Ela o ouviu suspirar. Em seguida, sua respiração nivelou, e ela ouviu o seu coração até que ela poderia dizer que ele tinha adormecido.

Pensando que sua mente acabaria por se estabelecer, ela deitou lá e pensou sobre os últimos dois dias. Ela estava sentindo algo mais do que apenas desejo por Luke. Como isso tinha acontecido? Eles só tinham acabado de se conhecer. E ele estava atrás do bar e grill dela.

Ela ainda não confiava nele para não tentar influenciá-la a vender, mas ela iria tomar o prazer que ela podia até então. Ela não tinha um problema em manter seus sentimentos pessoais trancados. Ela tinha se escondido os primeiros sete anos de sua vida. Não foi difícil para voltar a isso.

Além disso, ela não tinha realmente se permitido chegar perto de alguém no passado, exceto sua família e talvez alguns amigos.

Movendo a cabeça ligeiramente, ela olhou para Luke no escuro. Os cílios dele descansavam em suas bochechas. Ele tinha barba crescendo sobre o queixo, o que o fazia parecer um pouco perigoso. Mas foram seus olhos que lhe causaram alarme. Se ela só podia ver o que estava por trás deles, talvez então ela saberia que carta jogar com ele.

Normalmente ela avaliava homens muito bem, mas Luke não se encaixava em nenhuma das categorias que tinha determinado que a maioria dos homens se encaixavam. Ela ainda tinha que descobrir quais eram suas verdadeiras intenções, mas sabia que ela gostava da diversão física com ele. Por que não levar seus prazeres e apreciá-lo enquanto esperava para saber mais sobre ele?

Ela bocejou e se aconchegou mais perto dele. Seus braços vieram ao redor dela enquanto dormia. Quando fechou os olhos, ela teve que admitir que era muito bom ser segurada novamente. Fazia muito tempo que não se sentia confortável o suficiente em torno de alguém para dormir ao lado dele durante toda a noite. Quando finalmente dormiu, ela sonhou com ele.



Capítulo 05

Luke acordou sentindo o cheiro maravilhoso. Bacon. Ele olhou ao redor e se lembrou de onde estava e, mais importante, quem estava lá com ele. Um sorriso apareceu em seu rosto.

Se Cassey descobrisse que ele tinha tido uma das melhores noites de sexo de sua vida, bem... Ele franziu a testa um pouco. Ele não sabia o que ela faria com essa experiência.

A maioria das mulheres que conhecera iria correr atrás dele, o perseguindo até que ele cedesse e desse o que quisessem. Por alguma razão, ele duvidava que Cassey faria algo assim.

Sacudindo a cabeça, ele encontrou seu jeans e os colocou. Seguindo seu nariz, ele saiu no pátio e encontrou Cassey lendo o jornal na pequena mesa de ferro.

— Bom dia. — Ela sorriu e ele sentiu alguma coisa mudar dentro dele. Seu sorriso era algo para se contemplar, especialmente com as cores do nascer do sol batendo no seu cabelo e rosto. — Eu fiz alguns ovos e bacon. — Ela acenou para um prato coberto. — Você chegou bem a tempo.

Ele se sentou sem dizer uma palavra. Pegando a xícara de café, tomou um gole antes de falar.

— Você não precisava, mas o cheiro é maravilhoso. — Ele levantou a tampa e sorriu quando viu dois ovos de gema mole e três fatias de bacon sorrindo para ele.

Enquanto comiam, conversavam sobre as notícias locais. Ele não estava familiarizado com os acontecimentos locais de Surf Breeze, uma vez que estava morando em Emerald Beach nos últimos seis meses, e antes disso, ele tinha estado em Boston, na faculdade. Ele tentou lhe fazer perguntas sobre si mesma, mas ela sempre desviava a conversa para longe das questões pessoais.

Ele sabia que ela só queria um relacionamento físico, mas começara a ter esperança de que a porta estaria aberta para algo mais. Não poderia imaginar não a querendo no futuro.

Quando ela se moveu para se levantar, ele rapidamente pegou a sua mão e a puxou para mais perto, assim estavam de pé quadril com quadril.

— O que você acha de tomar um banho antes de eu sair? — Disse ele, inclinando-se para saborear seus lábios.

— Sair? — Ele poderia dizer que ela estava tentando não fazer a pergunta não dita.

— Eu tenho que viajar de volta para Emerald Beach por um dia ou dois. Mas... — ele sorriu, — Vou estar de volta ao meio-dia da segunda-feira. Nós temos um encontro, lembra?

Ela sorriu e acenou com a cabeça, e ele teve a sensação de que ela estava escondendo algo atrás desses olhos. Chegando mais perto, ele pegou sua mão. Ela hesitou por uma fração de segundo e então lentamente relaxou.

— Eu espero que você não tenha problemas com a sua família em relação a tudo isso. — Ela pegou o café com a mão livre.

Ele não pôde deixar de rir da ironia. — Problema? Eu estive em apuros com a minha família desde o dia em que nasci, — disse ele amargamente. Calvin tinha sido a criança que seu pai sempre desejara, não ele. A tristeza ameaçou se infiltrar, mas ele a sacudiu e olhou para Cassey. Ela era a essência de tudo o que ele esperava na

vida. Ela era gentil, se importava com os outros, trabalhadora, inteligente e engraçada. Ele não queria que seu pai manchasse o mundo em que ela vivia.

Ao longo dos próximos dias, esperava ver exatamente o que seu pai estava planejando para ela e seu bar. Não faria mal saber o que ele estava enfrentando. Ele estava começando a pensar que poderia ter que impedir os planos de seu pai, por causa dela. Ele não poderia descrever seus sentimentos por ela ainda, mas deseja seguir o que estava lá, e ele não queria que seu pai colocasse um fim antes que pudesse decidir o que queria.

Cassey estava sentada do outro lado da mesa, olhando-o como se ela estivesse tentando descobrir o que estava acontecendo. Ele deu de ombros.

— Calvin era o favorito do meu pai. Eu nunca tive isso contra ele. — Ele sorriu, lembrando-se de seu irmão mais velho. — Às vezes você apenas tem que aceitar seu destino.

— O que você quer dizer? — Houve uma pequena ruga entre as sobrancelhas.

— Você sabe... você se ligou a este lugar, entrou com o seu negócio na propriedade de sua família, enquanto seus irmãos estão fazendo suas próprias coisas, sendo quem eles querem. Quando Calvin morreu, a maioria das minhas escolhas na vida foram tiradas de mim. Fui para a faculdade de negócios para obter o diploma que meu pai tanto queria para que eu pudesse um dia assumir o negócio que o meu bisavô, avô e pai passaram suas vidas construindo. — Ele tomou outro gole de café, que tinha ficado frio. O colocando para baixo, ele saiu da cadeira e caminhou até uma árvore que tinha um banco de madeira construído em torno dela.

Ela foi atrás dele. Suas mãos foram até seus ombros aí ele se virou. — Luke... — Ela esperou que ele olhasse em seus olhos. — Todos nós temos escolhas na vida. Nós não somos destinados a fazer algo porque alguém exige. Eu estou aqui... — ela fez um gesto ao seu redor — Porque eu escolhi estar. Eu trabalhei muito duro para chegar onde estou hoje. — Ela deu um pequeno sorriso. — Meu coração está aqui. É onde eu pertenço. Se não quer estar onde você está na vida, então mude. Não seja algo ou alguém, porque isso é exigido de você.

Ele sorriu e levantou seus ombros, desejando que a vida fosse assim tão simples. Inclinando-se, ele colocou um beijo suave nos lábios dela. — Você é incrível.

Ela sorriu para ele, e ele sabia que o sorriso o ajudaria a superar os próximos dois dias.

****

Algumas horas depois, ele estacionou no Crystal Shores e ficou sentado em seu carro, olhando para o lugar. Era enorme, e estava em casa. Não conseguia se lembrar de uma época em sua vida em que não tivesse pensando no grande edifício branco com todas as suas janelas brilhantes como tal.

Ele se recostou no banco e franziu a testa. Por que ele não se sentia da mesma maneira sobre este lugar, como Cassey se sentia sobre o seu bar? Ele fechou os olhos e se perguntou o que o faria sentir tanto desejo em sua vida. Até agora, apenas uma imagem do rosto de Cassey quando ela sorriu para ele veio à sua mente.

Ele sacudiu a cabeça. Estava começando a se importar demais com ela? Ele a tinha pesquisado por três meses antes de encontrá-la cara a cara, então ele sentiu como se a conhecesse por mais tempo do que alguns dias.

E o sexo tinha um jeito de preencher essas pequenas lacunas no relacionamento também. Por alguma razão, quando ele a olhou nos olhos, sentiu como se quisesse estar com ela por mais tempo.

Pegando o elevador até o último andar, onde o escritório de seu pai ficava no lado leste da torre, ele imaginou entrar na grande sala e dizer a seu pai que se demitia. Talvez seu pai aceitasse, o abraçasse e lhe desejasse o melhor na vida. Ele sabia que isso nunca iria acontecer, então, quando ele entrou no escritório de seu pai depois de esperar três minutos até a sua recepcionista anunciá-lo, ele manteve os ombros para trás e se preparou para a trituração que sabia que estava por vir.

****

Cassey estava em seu escritório olhando para a pista de dança quase vazia. Ela sabia que noites ruins aconteciam tão frequentemente quanto às boas, mas os sábados costumavam ser mais cheios do que as sextas-feiras. Desde que as vans pararam, era imprevisível.

Mais de metade da sua sala de jantar estava vazia também. Suspirando, ela cruzou os braços sobre o peito e calculou em sua cabeça. Ela estava fazendo malabarismos com as finanças há alguns meses. Mesmo com a quantia que tinha na poupança, estaria acabando muito mais cedo do que havia calculado anteriormente. Ela precisava desses serviços de transporte, ou pelo menos que a temporada começasse mais cedo.

Ela fechou os olhos e encostou a testa contra o vidro unidirecional. Havia uma ligação que ela precisava fazer, mas ela estava temendo isso nas últimas semanas.

Ao caminhar até sua mesa, pegou o telefone e discou o número de seu irmão. Roman atendeu no primeiro toque.

— Oi, mana. O que se passa? — Ela poderia dizer que ele estava trabalhando fora, algo que ele sempre gostou de fazer. Ele dirigia sua própria empresa de paisagismo, uma das muitas empresas que possuía, e trabalhava muito com seu irmão Marcus, que dirigia sua própria empresa de construção de moradias. Eles eram uma equipe imbatível quando se tratava de nova construção na área.

— Oi, eu não quero incomodá-lo. Parece que você está trabalhando, — disse ela.

Ela o ouviu respirar e se afastar do barulho. — Você nunca é um incômodo. Além disso, eu precisava de uma pausa.

— Eu odeio fazer isso, mas eu vou atrasar um pouco os meus cheques para ajudar na casa este mês. Na verdade... — ela suspirou, — Pode demorar algum tempo até que eu possa conseguir o valor total de novo.

— Existem problemas? — Ela ouviu a preocupação em sua voz.

— Nada que eu não possa lidar. Apenas alguns contratempos. Eu realmente esperava evitar isso, especialmente com as férias ao virar da esquina. — Ela mordeu o lábio inferior.

— Cassey... — A voz de seu irmão quebrou os cálculos que ela fazia em sua cabeça. Ela estava desesperadamente tentando descobrir como obter o dinheiro extra para que pudesse continuar a ajudar o seu irmão com a sua casa no meio do caminho. Ela e seus irmãos faziam o que podiam para apoiar financeiramente a casa que Roman dirigia para crianças carentes. — Não se preocupe com isso. Marcus e eu tivemos um par de meses de muito sucesso. Podemos cobrir por você até que as coisas voltem ao normal. — Ela suspirou e fechou os olhos enquanto as lágrimas começaram a se formar. Ela não esperava nada menos de seus irmãos. — Se você precisar de qualquer coisa...

Ela balançou a cabeça, segurando as emoções. — Realmente não. Eu só tenho algumas coisas para descobrir, e então estarei de volta em pleno andamento. — Ela sorriu. — Obrigada, Roman. Agradeça a Marcus, também.

— Claro mana. Bem, Marcus está gritando comigo para pegar estes malditos armários, então é melhor eu voltar para ele. Nós passaremos aí em breve.

— Gostaria disso. Até lá, então. — Ela desligou e foi até o vidro e olhou para baixo novamente. Se ao menos pudesse recuperar seus números de volta para que pudesse pagar Roman e se livrar desse sentimento vazio em seu coração.

Na manhã seguinte, ela caminhava pelo calçadão antes de muitas das lojas abrirem. Havia uma padaria no final do calçadão que fazia os melhores “cinnamon rolls”. Os pães eram do tamanho de seu punho e tinham o gosto do céu. Os proprietários eram amigos dela e algumas das pessoas mais agradáveis que já conheceu. Alfred e Marvin não eram um casal, mas eram amigos muito próximos. Eles lhe disseram que tentaram ser mais do que amigos alguns anos atrás, mas agora só tinham uma relação de trabalho. Parecia funcionar. O Lunch Box foi a melhor coisa que poderia ter acontecido a eles. Marvin era um viciado em recuperação em cocaína

e Alfred tinha passado por um divórcio conturbado depois que sua esposa de vinte anos descobriu que ele era gay. Ela tinha levado seus filhos, sua casa e seu coração. O Lunch Box era seu primeiro e único amor agora.

Cassey se sentou no bar ao ar livre, Marvin aproximou-se com um sorriso. — Não é a nossa menina favorita. Como estão os truques?

Ela sorriu. — Nada mal, — ela disse enquanto ele lhe serviu uma xícara de café e colocava um "cinnamon roll" maior do que o normal na frente dela. O vapor saia do pão cremoso e quando o cheiro de canela e passas a golpearam, sua boca encheu de água. Afastando o café para uma mordidela no pão quente, ela fechou os olhos e gemeu.

— Marvin, eu já disse isso um milhão de vezes antes, mas esta é a melhor coisa que eu já tive na minha vida. — Ela deu outra mordida, maior desta vez. Quando seus olhos se abriram, ela olhou em volta. Havia menos de uma dúzia de pessoas sentadas em torno das mesas no pequeno edifício. Ela podia se lembrar de uma época em que aqui havia uma espera de quinze minutos apenas para tomar uma xícara de café em uma manhã de domingo.

— Como vão as coisas por aqui? — Ela franziu a testa um pouco.

— Não se preocupe conosco; nós estamos indo muito bem. Pagamos o banco no ano passado e tudo o que ganhamos apenas enche nossos bolsos. Você, por outro lado... — Ele franziu a testa enquanto ela tomava um gole de café. — Estamos preocupados com você. Sabemos aonde vai o seu dinheiro e...

Ela ergueu a mão, balançando a cabeça. — Estou bem. Roman e Marcus estão ajudando agora. — Ela sorriu enquanto alívio cruzava o rosto de Marvin.

— Nós com certeza odiaríamos ver algo acontecer com aquele lugar. Todo o bem que vocês quatro fazem. — Ele balançou a cabeça e sorriu.

Quando ela terminou de comer seu café da manhã, caminhou em direção à pequena área do shopping onde havia lojas de roupas. Decidindo que amanhã à noite precisava de um vestido novo, tomou seu tempo escolhendo a roupa perfeita. Algumas

horas mais tarde, ela encontrou o que estava procurando. O vestido era perfeito. Sua renda verde piscina destacava seus olhos e tom de sua pele perfeitamente. Sem falar que ela já tinha um par de saltos que combinavam com a cor alegre.

Ela levou um tempo caminhando de volta pelo calçadão. Era apenas após o meio-dia e quase todos os lugares estavam abertos. Ela foi parando em cada loja, conversando com os proprietários ou funcionários e desfrutando de seu tempo.

Ela realmente se sentia parte dessa comunidade. Era maravilhoso o quão próximos todos eram. Nunca houve animosidade entre os proprietários das empresas. Todos eram gentis e geralmente preocupados com a manutenção do fluxo de turistas no calçadão.

Ela conhecia algumas das crianças locais e sempre sabia quando elas faltavam à escola durante a semana porque a maioria delas ficavam na praia. Caminhando para um grupo que conhecia bem, sorriu para o Bobby, o líder.

— Como vai? — Ela perguntou enquanto se recostava no corrimão da passarela. Olhando para a praia, viu que a areia estava quase vazia. Havia alguns corredores e várias famílias enfrentando o tempo mais fresco, mas nada como durante a temporada.

— Oh, hey, Cass. — Ele levemente colocou um braço ao redor dela. Ele tinha crescido quase trinta centímetros desde o verão passado e agora ela tinha que esticar o pescoço apenas para olhar em seus olhos azuis. Seu cabelo castanho incontrolável estava caindo em seu rosto, um rosto que a maioria das meninas do ensino médio se apaixonavam.

— Eu ouvi que você entrou para a equipe de futebol este ano, — disse ela com um sorriso orgulhoso no rosto. Dois dos amigos de Bobby riram então ela levantou as sobrancelhas para eles em interrogação.

— Todos nós entramos, — Steve, o menor dos três, disse. — Por padrão. Não haveria crianças suficientes para uma equipe inteira se ele não tivesse nos arrastado para os testes.

— Bem, ainda acho que é maravilhoso que todos vocês vão jogar. — Ela sorriu e deu um tapinha no braço de Bobby. Ela sabia a história de Bobby, que era muito parecida com a sua. Ele tinha sido colocado no sistema quando tinha cinco anos depois que seu pai o tinha colocado no hospital por derrubar água fervente por todo seu pequeno corpo.

Participar da caridade de Roman, o Abrigo de Primavera Para Meninos, teve seus altos e baixos. Observar Bobby crescer e se tornar um jovem confiável na cidade tinha sido um privilégio. Ela o tinha visto crescer muito desde que ele tinha sido colocado na casa dirigida por seu irmão.

— Bem, é melhor eu ir. Deixe-me saber quando será o seu primeiro jogo. Eu adoraria torcer por você.

Ele acenou com a cabeça e sorriu, parecendo um pouco envergonhado. Ela se virou e caminhou em direção ao seu bar, um sorriso em seu rosto e seu coração mais leve.

Quando entrou, não esperava ver Luke sentado no bar, mas lá estava ele, vestido de jeans cáqui e uma camisa de manga curta. Sua jaqueta de couro estava jogada sobre outra cadeira, enquanto falava com Wendy, rindo de algo que ela havia dito.

Ela sorriu e caminhou até ele. — Bem, isso é uma surpresa. — Ele se virou e olhou para ela ao ouvir sua voz. Seu sorriso aumentou.

— Nós estávamos falando sobre você, — disse Wendy antes de descer no bar para preencher uma ordem.

— Oh? — Ela se virou para Luke.

— Só coisas boas, eu juro. — Ele colocou as mãos nos seus quadris e a puxou para mais perto. Ele enterrou o rosto em seu pescoço e respirou fundo. — Pronto — ele suspirou, — Agora me sinto melhor.

Quando ela se afastou, pensou ter visto um flash de algo em seus olhos. Foi tristeza? Sumiu tão rapidamente como tinha atravessado seu rosto.

— Eu não estava esperando você até amanhã. — Ela sorriu e desfrutou da sensação de estar perto dele.

— Eu terminei com minhas reuniões mais cedo do que o esperado e queria estar aqui, em vez disso. — Ele sorriu. — Você já almoçou? — Ela balançou a cabeça. — Ótimo. — Ele sorriu e acenou para uma mesa vazia. — Por que não comemos em um lugar próximo?

Ela sorriu. — Ouvi dizer que eles têm a melhor lula e camarão no coco.

— Conte comigo. — Ele pegou sua mão e então notou a sacola que ela carregava. — Compras?

Ela sorriu enquanto assentia com a cabeça. — Vou deixar isso lá em cima e volto logo. — Ela subiu correndo as escadas para seu escritório. Tomando algumas respirações profundas, ela tentou acalmar os nervos enquanto reaplicava um pouco de maquiagem e brilho labial. Quando desceu as escadas, se sentia mais controlada.

Ele estava sentado em uma das cabines maiores ao longo da parede traseira. A janela com vista para o calçadão e da praia. Era um de seus lugares favoritos. Ele havia pedido para ela um gelado Pineapple Sunset, uma de suas exclusivas bebidas especiais, e para ele uma cerveja.

— Eu pedi para nós lula e camarão para começar. Eu estou pensando em pedir alguns tacos de peixe. E você?

— Você não pode se dar mal com os tacos do Sam. Eu absolutamente amo o sanduíche de Mahi Mahi[2]. Nós nos orgulhamos de ter o melhor ao longo do Golfo. — Ela se sentou ao lado dele na cabine e tomou um gole de sua bebida. Ela percebeu quão bem se sentia ao se sentar no seu lugar e desfrutar da atmosfera.

Luke pôs o braço ao seu redor e a puxou para mais perto. — Pronto... — Ele sorriu para ela. — Agora posso relaxar.

[2] Tipo de peixe

Ela sorriu e olhou em volta. — Você sabe, eu nunca estive em um encontro aqui antes, — disse ela distraidamente.

— Sério? — Ele olhou ao redor com ela. — É um ótimo lugar. Confortável. — Ele inclinou a cabeça, como se estivesse pensando em alguma coisa. — Se a comida é tão boa como você diz, não vejo nenhuma razão para você estar com dificuldades.

Ela suspirou e descansou o queixo em suas mãos. Bella, uma de suas garçonetes, entregou seus aperitivos.

— Eu estou com dificuldades, todos nós estamos, porque as vans pararam, — ela disse enquanto pegava um pouco de molho com sua lula. Os ricos sabores atingiram sua língua, lhe causando um momento de puro prazer.

— Vans? — Ele olhou para ela, uma carranca em seus lábios. — Não, elas não pararam.

Suas sobrancelhas se ergueram. — É claro que elas pararam. Cerca de dois meses atrás, logo após a estação ocupada. — Ela viu quando ele pegou algumas lulas e provou.

— Tenho certeza que elas não pararam. Pelo menos não no Crystal Shores. — Ele franziu a testa enquanto provava o camarão. — Isso é maravilhoso. — Ele deu outra mordida.

— Tive a sorte de contratar o Sam. — Ele assentiu com a cabeça e agarrou um dos camarões maiores e permitiu que a mordida derretesse na sua língua. Os sucos, o tempero – tudo sobre ele era perfeito. Fechando os olhos por um segundo, ela suspirou e apreciou o gosto. Quando ela abriu os olhos, Luke estava olhando engraçado para ela. Seus olhos aquecidos, observando sua boca enquanto sua língua disparou para fora para lamber um pouco do molho picante de seus lábios. Ela conhecia aquele olhar, mas não estava preparada para o calor que se espalhou por todo o seu corpo apenas vendo sua reação a ela.

O encanto foi quebrado quando a garçonete se aproximou e interrompeu. Depois de terem feito os seus pedidos para o almoço, Luke olhou para ela e franziu a testa um pouco.

— Você disse algo sobre as vans pararem?

Ela suspirou. Ela realmente não queria falar de negócios, não enquanto os olhares que ele estava lhe dando fazia seu interior ferver. Mas ela poderia afirmar que o ânimo tinha passado e agora ele estava totalmente no negócio.

Ela assentiu com a cabeça e tomou outro gole da sua bebida.

— Isso simplesmente não faz sentido. Não são os hotéis que executam o serviço, mas os municípios. — Ele franziu a testa um pouco mais e tomou um gole de sua cerveja. — Afinal de contas, beneficia a todos. — Ela poderia dizer que ele estava pensando profundamente, então ao invés de comentar, ela viu quando sua mente girou, decifrando. Ela sabia que a conclusão a que ele tinha chegado; era a mesma que ela chegou algumas semanas atrás. Ele demorou quase cinco minutos para resolver tudo na sua cabeça antes de dizer mais alguma coisa a ela.

— Você sabe, existem vários proprietários de hotéis que estão em lugares privilegiados no conselho do município. Alguns foram nomeados, outros votados. — Ele franziu a testa um pouco mais e ela sorriu. — Meu pai é um deles. — Ele parou de falar quando a garçonete deixou seu almoço.

Ela deu uma mordida em seu sanduíche e o observou distraidamente dar uma mordida no seu lanche. — Você sabe, — disse ele, abaixando o hambúrguer, — se eu quisesse comprar as terras dos comércios por um valor mais baixo, a primeira coisa que eu faria é encontrar uma maneira de garantir que a terra não valesse muito. — Ele pegou uma batata frita e a mergulhou no catchup.

— Grandes mentes pensam da mesma forma, — disse ela, em voz baixa.

— O quê? — Ele abaixou seu hambúrguer e olhou para ela.

Ela balançou a cabeça e deu outra mordida em seu sanduíche.

— Você acha que isso é o que meu pai está fazendo? — Ele perguntou, parecendo um pouco magoado.

Ela encolheu os ombros. — Você me diz. Você foi o único que entrou no meu bar com uma oferta que é três vezes menor do que este lugar vale.

Ela viu o choque no seu rosto e reconheceu o segundo que a realidade bateu nele. Ele parecia chateado, genuinamente ferido, e, pela primeira vez, ela pensou que talvez o julgou mal.

Capítulo 06



Luke tomou outro gole de sua cerveja, mas agora tinha um gosto amargo. Ele deveria saber que seu pai se rebaixaria assim. Afinal de contas, seu bisavô tinha ganhado o hotel em um jogo de cartas há mais de oitenta anos.

Sua família estava cheia das piores pessoas. Ele tinha um tio que simplesmente não conseguia manter suas mãos para si mesmo e estava em sua sétima esposa, que tinha menos da metade da sua idade.

Quando olhou para Cassey, seu sangue começou a ferver. Como poderia sua família ter feito algo tão terrível para alguém tão doce? Ele pegou sua mão e a sentiu tremer em sua própria. — Cassey, eu sei que vindo de mim provavelmente não é muito, mas eu sinto muito.

Suas sobrancelhas se ergueram. — Você sente muito? Por que você está arrependido?

Ele olhou para suas mãos unidas e encolheu os ombros. — Por meu pai. Por minha família. Pelo que eles fizeram a você, ao seu negócio. — Ele balançou a cabeça em desgosto.

— Luke... — Ela esperou até que ele olhou em seus olhos cinzentos antes de continuar. — Você não tinha nada a ver com isso. Eu posso ver isso claramente. Você não tem nada que se desculpar.

Ele deixou cair sua mão, sentindo-se enojado consigo mesmo. Havia mais que ele precisava dizer a ela, mas olhando ao redor, sabia que esse não era o momento nem o lugar.

Pegando seu hambúrguer, ele deu outra mordida e começou a falar sobre a comida e quão maravilhosa era. Ele podia ver que ela sabia que ele estava tentando mudar a conversa e depois de alguns minutos, ela desistiu de tentar convencê-lo de sua falta de culpa.

— Então... — Ele se inclinou um pouco mais perto dela, pegando a mão novamente na sua. Suas mãos eram pequenas e macias, e ele queria segurá-las enquanto podia. — Diga-me um pouco mais sobre si mesma. O que você gosta de fazer no seu tempo livre?

Ela o olhou engraçado e depois sorriu. — Eu pensei que você já sabia quase tudo sobre mim. — Ela assentiu com a cabeça em direção ao bar. — Eu sei que Wendy pode ser bastante vocal, e... — ela suspirou, — Eu pensei que você e seu pai tivessem um grosso arquivo sobre mim.

Ele encolheu os ombros. — Você não pode aprender tudo sobre alguém a partir de um arquivo e de boca a boca.

Ela sorriu. Ele estava se acostumando com aquelas pequenas voltas de seus lábios. Tinha a sensação de que não o fazia com muita frequência, então ele desfrutava de cada pequena contração.

— Bem, eu faço vinte e cinco na Primavera deste ano. Tenho três irmãos e uma irmã. Fui criada pelas pessoas mais atenciosas do planeta que, ocasionalmente, agiam como se elas ainda vivessem nos anos sessenta. — Ela sorriu um sorriso amplo, e seus olhos brilhavam na penumbra da sala de jantar. — Suas filhas eram mais como minhas irmãs, e ajudaram a criar todos nós. Mesmo quando meus irmãos deixavam todos loucos, eles não nos mostravam nada além de amor e paciência. — Ela piscou algumas vezes e seu sorriso caiu. — Trabalhei por alguns anos, frequentei a faculdade à noite, obtive meu diploma, e abri este lugar. — Ela pegou sua bebida.

— E sua irmã? — Ele viu seus olhos ficarem enevoados e viu todo o seu corpo tenso.

— Ela nos deixou logo após seu aniversário de dezessete anos. — Ela olhou para suas mãos. — Nós não temos notícias dela desde então.

— Deve ter sido maravilhoso ter uma família tão grande. — Ele sabia que ela estava grata pela mudança do assunto.

Ela assentiu com a cabeça. — Conte-me sobre o seu irmão.

Agora foi sua vez de ficar com os olhos um pouco tristes. — Calvin era o meu oposto completo. — Ele suspirou e se inclinou para trás. A única maneira de ganhar a sua confiança era lhe dar algo em troca. — Ele era tudo o que meu pai queria em um filho. A minha mãe também. Ele ajudou o meu pai a dirigir o hotel até os dezoito anos. Depois de alguns anos na faculdade, ele chocou a todos por se juntar à Marinha. — Ele sorriu um pouco, lembrando como seu irmão havia enfrentado seu pai para lutar por seu País. — Ele serviu dois anos antes do acidente. Ele trabalhava na sala de máquinas. O acidente matou quatro pessoas.

Ela estendeu a mão e pegou a sua novamente. Ele podia ver a tristeza em seus olhos. — Eu sinto muito.

Ele sorriu e acenou com a cabeça. — Então, depois que Calvin foi embora, meu pai voltou os olhos pela primeira vez na minha direção. Eu fui retirado da minha faculdade e enviado para uma faculdade mais prestigiosa para um curso de negócios, assim eu poderia um dia assumir o império. — Ele deixou cair sua mão e tomou um gole de sua cerveja quente.

— Tenho certeza que seus pais estão orgulhosos de você.

Ele riu. — Claro que estão. Me dizem constantemente que alegria eu sou a ambos.

Só então, a garçonete se aproximou e pegou os pratos vazios. Depois que ela saiu, Luke olhou para Cassey. Seu cabelo estava preso em uma trança solta. Sua camisa e calça pareciam confortáveis, e ele percebeu que era a primeira vez que a

tinha visto em roupas simples. Ele gostava de ver o olhar mais relaxado sobre ela; lhe convinha, de alguma forma, assim como o vestido justo e saltos assassinos que ela tinha.

Ele se inclinou para mais perto dela, sentindo o aroma de seu perfume. O doce cheiro inundou sua mente com imagens dela nua por baixo dele. — Quanto tempo nós temos antes que você precisa estar no turno novamente?

Seus olhos cinzentos ficaram um pouco mais escuros. — Eu acho que isso depende do que você tem em mente, — ela ronronou.

Ele agarrou a sua mão, jogou um punhado de notas sobre a mesa para a garçonete, e a puxou para a escada dos fundos.

Ela riu quando ele a puxou pelas escadas. — Luke, mais devagar. — Ele sentiu sua respiração difícil quando eles alcançaram a porta dos fundos, e ela tirou suas chaves.

Ele a prendeu contra a parede ao lado da porta e a beijou até que ele estava sem fôlego também. As mãos dela foram para seu cabelo, o aproximando, enquanto eles rapidamente exploravam um ao outro. Finalmente, ele se afastou e pegou as chaves dela. — Depressa, — disse ela enquanto ele deslizava a chave na fechadura e abria a porta da frente.

Então, ela o empurrou contra a parede, usando as mãos para tirar sua camisa e afrouxar seu jeans. Seus dedos não trabalharam rápido o suficiente quando ele se atrapalhou e tirou suas roupas. Quando suas roupas estavam no chão, ela o puxou pelo corredor em direção a seu quarto.

Eles chegaram ao quarto apenas quando a última peça de roupa caiu no chão. Ela riu e se afastou, caminhando lentamente até a cama. Seu cabelo era uma bagunça causada por suas mãos, seus olhos pareciam aquecidos, e ele nunca tinha a visto parecer mais bonita do que agora.

Ela levantou um dedo e o moveu para ele. — Venha me pegar. — Sua língua lambeu o lábio inferior e ele não conseguiu parar de caminhar em direção a ela.

Quando ele a alcançou, ela prendeu suas mãos com a dela, mantendo-as longe de seu corpo. — Ah não. Desta vez, eu quero o controle completo. — Ela fez sinal para ele chegar mais perto, ainda segurando levemente suas mãos.

— Tudo o que você quiser. — Ele olhou nos seus olhos, e parte dele acreditava que iria lhe dar exatamente isso. Qualquer coisa.

Um sorriso brilhou em seus lábios rapidamente e então foi embora quando seus olhos aqueceram ainda mais. — Deite-se. — Ela fez um gesto em direção à cama. Ele se posicionou com as mãos apoiadas atrás da cabeça.

— Eu estou pronto. — Ele sorriu, observando seus olhos pararem em sua ereção. Ele estava, de fato, pronto. Sua língua lambeu os lábios novamente, fazendo com que ele gemesse.

Então, ela foi deslizando para cima na cama, as coxas ao redor de seus quadris enquanto ela pairava sobre ele, olhando para seu rosto.

— Fique parado. — Ela se inclinou e deu um beijo ao longo de sua clavícula. Ele fechou os olhos e desfrutou a sensação de ser explorado. Seus dedos correram sobre seus braços e no peito, seguido de perto por sua boca e língua. Quando ela alcançou seu umbigo, ele prendeu a respiração quando seus dedos baixaram e o agarrou levemente. Ele gemeu quando ela explorou seu comprimento lentamente. Quando sua cabeça abaixou, e ela o levou completamente em sua boca, suas mãos entraram em seu cabelo, segurando-a.

— Utt, utt. — Ela estalou a língua e sacudiu a cabeça, puxando para trás até que ela olhou para ele. — Mãos atrás da cabeça. — Ela sorriu.

— Sim, senhora. — Ele moveu suas mãos para trás, sabendo que ia matá-lo não tocá-la. Ela esperou até que ele estava estabelecido novamente antes de mergulhar a cabeça de volta para baixo para terminar sua tarefa. Ele nunca tinha sido dominado tão maravilhosamente antes. Ela usou sua boca e dedos para guiá-lo para a beira de perder o controle. Ela deve o ter sentido na borda, porque ela se sentou, rapidamente puxou um preservativo de sua mesa de cabeceira, e rolou sobre ele. Então ela se levantou, com os joelhos em ambos os lados de seus quadris e se

afundou lentamente sobre ele. Suas mãos foram para seus quadris, mantendo-a imóvel enquanto sentiu seus músculos internos abraçarem em torno de sua excitação.

Quando olhou para ela, seus olhos estavam fechados. Sua cabeça estava jogada para trás enquanto gemia de prazer.

— Mais, — disse ele, cravando os dedos em sua pele macia para fazê-la se mover nele. Seus quadris se moveram um pouco, girando com o prazer dela quando ela começou a se mover sobre ele.

Sua mente, seu corpo, cada parte dele focou em não perder o controle, lhe dando prazer antes de tomar o seu próprio. Ele estendeu a mão e passou as pontas dos dedos pela sua pele sensível, até que sentiu sua velocidade aumentar. Quando chegou ao ponto sensível entre suas pernas, ele a sentiu endurecer em torno dele enquanto gritava seu nome.

Ela se derreteu em cima dele. Usando seus quadris, ele a torceu até que ela estava debaixo dele. Ele olhou para seu rosto; seus olhos estavam fechados e sua doce boca estava levemente aberta. Lembrando como ela se sentiu envolvida em torno de seu pênis, ele flexionou suas costas, deslizando mais profundo em sua umidade.

— Mais uma vez, — ele rosnou. — Eu vou ter isso de novo.

Seus olhos se abriram, e ele viu que eles estavam cheios de desejo. Quando a sua velocidade aumentou, ele observou o rosto dela corar e seus olhos aquecerem enquanto as suas unhas afundavam em seus ombros. O fôlego deles estava forçado, quando juntos se perderam.

****

Cassey estava em seu chuveiro, e deixou a água quente acalmar seus músculos doloridos. Ela esperava que, ao controlar a situação, ela o teria mantido a uma distância. Em vez disso, tinha lhe permitido que ele se aprofundasse em sua cabeça.

Ela nunca quis que essa relação fosse outra coisa que não física. Ela não podia permitir isso. Afinal, a família dele estava tentando tirar tudo pelo qual ela já tinha trabalhado. Ninguém jamais iria fazê-la se sentir inferior novamente. Ela passara tanto tempo treinando para não se sentir inútil. Não que ele a fizesse se sentir assim, apenas um pouco frustrada. Ela ainda não tinha certeza das reais intenções de Luke. Ela estava curtindo os aspectos físicos de seu relacionamento. Quem não gostaria? Mas por baixo de tudo, sempre houve dúvidas sobre seus reais motivos.

Ela acreditou nele quando falou sobre sua família, mas sabia que não iria impedi-lo de cumprir uma obrigação familiar. Especialmente quando isso significava todo o seu futuro. Sabendo que tinha apenas um pouco mais de tempo para desfrutar de estar com ele, ela estava determinada a aproveitar ao máximo cada segundo que tinha. Ela realmente estava gostando de jogar esse jogo.

Ela suspirou, lembrando o que tinha acabado de fazer, e pegou o shampoo, exatamente quando a porta do chuveiro se abriu. Ela se impediu de gritar, apenas um pouco.

Ele riu e ficou ali nu, olhando para ela. — Desculpe, não queria assustá-la.

Ela balançou a cabeça. — Você não assustou. — Ela sabia que era ridículo, mas seu queixo se elevou.

Ele riu de novo quando entrou no chuveiro e fechou a porta de vidro. — Eu aposto que você assistiu *Psicose* muitas vezes.

Ela encolheu os ombros. — Quem não?

Ele riu novamente, pegou um pouco de shampoo e jogou na cabeça dela. Usando as pontas dos dedos, ele começou a massagear o couro cabeludo. Seus olhos se fecharam e todo seu corpo ficou frouxo. Essa era sua única fraqueza.

— Você gosta disso, hein? — Ela o ouviu sussurrar ao lado de sua orelha, fazendo com que arrepios percorressem o seu corpo.

Ela assentiu com a cabeça. — Hmmm, sim.

— Aqui... — Ele pegou suas mãos e as colocou na prateleira do seu chuveiro. — Segure-se. — Usando as mãos, ele a aproximou da parede, permitindo-se mais espaço atrás dela.

Seus olhos fecharam quando ela se inclinou para frente. A água escorria sobre os ombros e pelas costas enquanto ele corria as mãos ensaboadas pelo mesmo caminho. Finalmente, seus dedos tocaram a pele sensível, enviando uma onda de choque por seu corpo até seus dedos se sentiram entorpecidos.

Ele apertou mais um pouco de sabão em sua mão, e passou levemente sobre seus cachos até que ouviu o som de sabão misturado com sua excitação.

Ela o sentiu deslizar lentamente dentro dela até que ele estava tão profundo que ela sentiu cada batimento cardíaco dele. Ela gemeu enquanto suas mãos corriam sobre os seus seios, e ele usou os dedos para beliscar ligeiramente seus mamilos. Ela se sentiu construindo, enrolando os dedos dos pés quando suas pernas começaram a tremer.

— Vá em frente, — ele sussurrou ao lado de sua orelha. — Deixe ir.

Ela não poderia ter parado mesmo se ela quisesse. Sua boca quente estava ao lado de sua pele quando ela gritou e agarrou a prateleira tão forte, que seus dedos ficaram brancos.

Capítulo 07



Era após da uma hora quando subiram as escadas para o seu apartamento. Ele tinha tomado três Coca-colas apenas para manter os olhos abertos até hora de fechar. Cassey, por outro lado, parecia que tinha acabado de acordar.

— Eu ainda não sei como você faz isso. — Ele balançou a cabeça enquanto entravam em seu apartamento, sua bolsa de viagem jogada por cima do ombro.

Ela riu. — Anos de prática. Eu tenho vivido neste horário desde o ano anterior que terminei o ensino médio. — Ela se aproximou e abriu as portas de vidro que levaram ao pátio.

A chuva começou a cair quase uma hora atrás, lotando o bar quando todos correram para sair do calçadão. Ele jogou sua bolsa na cama e caminhou atrás dela. Envolvendo seus braços ao redor dela, ele observou como o céu se iluminava com os relâmpagos.

Ela suspirou e descansou em seu peito. — Eu sempre gosto do outono nesta região. As tempestades loucas, o clima mais frio. — Ela suspirou novamente.

— Aposto que não faz mal que as coisas diminuam um pouco também.

Ela girou em seus braços, envolvendo as mãos em volta do seu pescoço. — Isso também. — Ela se inclinou e deu um beijo em seus lábios. — Você parece cansado. Fico feliz que você decidiu ficar aqui esta noite em vez de voltar para o seu hotel.

Ele sorriu para ela. — Eu também. Além disso, ainda temos o nosso encontro amanhã. Lembra?

Ela sorriu e acenou com a cabeça. — Sim, eu estou ansiosa por isso.

Ele tinha a sensação de que ela estava escondendo alguma coisa dele. A declaração não atingiu seus olhos, e por uma fração de segundo, pensou que ela estava mentindo. Mas depois ela estava puxando-o para sua cama e tirando suas roupas, e esqueceu tudo sobre o olhar que ela lhe deu.

****

No dia seguinte, caminharam de mãos dadas ao longo do calçadão. Ela estava levando-o para um local próximo para tomar o café da manhã. Ela usava uma calça de cor clara e um top de cor creme com um casaco leve por cima. A chuva tinha parado logo antes do amanhecer, e ele poderia afirmar que hoje ia ser quente o suficiente para que eles pudessem realmente se divertir.

— Aqui estamos. — Ela parou na frente de um pequeno lugar que servia café da manhã. As listras vermelhas e brancas nos toldos e os pisos de azulejo preto e branco faziam o lugar parecer “vintage”. Eles entraram e se sentaram nos bancos de bar, e ela pediu dois pães de canela e duas xícaras de café.

Ele a observou conversar com um dos proprietários enquanto bebia seu café e esperava um novo lote de pães saírem do forno. Ela parecia confortável aqui, conversando com os moradores.

Quando algumas crianças entraram, logo após terem sido servidas, ela se aproximou deles e os repreendeu por não estarem na escola. Quase riu de como ela

era maternal com eles. Ela conhecia cada criança pelo nome e até mesmo falou com eles sobre esportes.

Finalmente, as crianças tomaram seu café da manhã e prometeram que iriam para a escola. Cassey pareceu aliviada quando ela se sentou novamente para terminar o seu pão de canela.

— O que foi aquilo? — Ele perguntou, tentando entendê-la.

Ela encolheu os ombros. — Bobby é um bom garoto.

Ele esperou e quando ela não terminou, ele perguntou: — E por que você tem tanto interesse em saber se ele está na escola ou não?

Ela riu. — Porque ele é difícil de lidar, e ele é uma das crianças do meu irmão.

Suas sobrancelhas se ergueram. — Eu não sabia que você tinha um sobrinho. — Ele se virou para ver o garoto caminhar no calçadão.

— Não, — ela riu. — Eu não tenho. Meu irmão dirige uma casa para menores carentes. Tipo como meus pais faziam, mas em uma escala maior. — Ela mordiscou o último pedaço de seu pão. Ele tinha terminado o seu e estava tentando não pedir outro. Em vez disso, tomou um gole de café e sonhou com outro pão.

— Qual irmão?

— Roman. Ele comprou uma casa antiga no centro de Spring Haven, bem ao lado da baía. Marcus, Cole, e ele reconstruíram o lugar logo após o ensino médio. Então... — ela encolheu os ombros — ele começou a cuidar das crianças.

Ele balançou sua cabeça. — Não é muito difícil esse tipo de coisa?

Ela riu. — Você não tem ideia do que ele teve que passar nos primeiros dois anos. Pronto? — Ela se levantou e acenou adeus para seus amigos.

— Claro. — Ele tirou a carteira para pagar, mas ela balançou a cabeça.

— Aqui não. — Ela sorriu e acenou com a cabeça. — Alfred e Marvin ficarão chateados se você pagar por algo.

— Alfred e Marvin?

— Os donos. É uma regra permanente no calçadão entre nós proprietários.

— Sério? — Ele parou de andar do lado de fora da porta e olhou para ela. — Vocês não cobram de ninguém e eles não te cobram?

Ela sorriu e acenou com a cabeça. — Nós somos uma família. Você não cobra da família.

Ela tomou sua mão quando eles começaram a caminhar até o calçadão. Quando chegaram à grade, ela se apoiou, fechou os olhos e respirou fundo.

— Eu amo isso aqui. — Ela virou-se, descansando as costas contra a grade e olhou para ele. — Há sempre algo para fazer, pessoas para observar. — Ela acenou para um casal idoso ao passar por eles. Estavam vestindo camisas e shorts vermelhos brilhantes combinando. Cassey sorriu e acenou para eles. — Então o que você quer fazer?

Ele olhou para ela e sorriu. Quando ela viu o olhar em seus olhos, riu. — Podemos fazer isso novamente mais tarde. Quero dizer, o que você quer ver ao longo do calçadão em primeiro lugar?

— É o seu bairro. O que você quer me mostrar?

Ela agarrou o seu braço e começou a puxá-lo para baixo do calçadão, um sorriso brincando em seus lábios. — Eu sei para onde vamos primeiro. Você vai adorar. — Ele a seguiu de bom grado pelo calçadão. Ela entrou em um grande edifício azul com um cartaz que dizia “Boardwalk Arcade” em néon em cima da porta.

Deteve-a apenas no interior das portas e sorriu para ela. — Sério? Um fliperama?

Ela riu. — É muito mais do que apenas um fliperama. Vamos. — Ela puxou seu braço novamente.

****

Três horas mais tarde, ele não só estava exausto, mas morrendo de fome novamente. Ela o matou três vezes na Arena de Tag laser, cada vez chutando sua bunda até que finalmente ele cedeu e perguntou se eles poderiam tentar os karts lá fora. Ele estava orgulhoso quando rodou seu pequeno kart vermelho, e finalmente a venceu em alguma coisa. Ele a tinha convencido a correr mais uma rodada, desta vez na pista escorregadia onde ele a aniquilou mais uma vez.

Eles jogaram uma partida de minigolfe e empataram, então entraram para pedir uma fatia de pizza e uma Coca-Cola. Eles comeram do lado de fora em uma grande mesa de piquenique, sob um toldo, e ele não conseguia se lembrar de ter tanta diversão em um primeiro encontro.

Eles riram e brincaram um com o outro sobre a pizza, e então ela o puxou para o fliperama novamente. Eles ganharam créditos suficientes para comprar um grande cachorro de pelúcia, que ela levou pelo calçadão com orgulho.

No momento em que atravessaram as portas do seu bar, sua mente foi feita. Ele iria dizer ao seu pai da próxima vez que o ver, que seu novo esquema não iria funcionar e, mais importante, ele não teria nada a ver com isso.

****

Quando Cassey entrou no seu bar com o grande cão de pelúcia em seu quadril, não pode deixar de sorrir. Ela não podia negar, nem para si mesma; tinha acabado de ter o melhor dia desde... bem, desde que ela conseguia se lembrar.

Estar com Luke era fácil, quase fácil demais, mas ela não ia pensar nisso agora. O lugar estava bastante vazio, o que era de se esperar em uma segunda-feira fora da temporada. Mas estava ainda mais vazio do que ela esperava. Ela não estava muito preocupada já que seus irmãos não esperavam nada extra, por algum tempo. Ainda assim, teria sido bom pagar ao banco o adicional ao qual estava acostumada a pagar. Se ela pudesse ter seguido com seus planos, teria os pagos em

menos de cinco anos. Agora, no entanto, ela estava vendo que adicionaria pelo menos alguns meses nisso.

— Eu espero que você não esteja pensando em me dispensar para o jantar, — disse ele próximo de sua orelha, causando pequenos choques que subiram pelo seu pescoço.

Balançando a cabeça, ela se virou e sorriu para ele. Ela se encontrava fazendo isso mais frequentemente ao redor dele, e estava quase se tornando natural. Tinha havido poucos homens em sua vida que a fizeram sorrir tanto – seus irmãos, um namorado ocasional – mas ninguém jamais a fizera se sentir tão jovem assim. Mesmo quando criança, nunca se sentiu tão despreocupada.

— Eu só quero primeiro tomar um banho e me trocar, — disse ela, acenando para Wendy enquanto passavam.

— Um banho parece bom. — A forma como ele disse isso deixou sua mente girando e o calor se espalhou por todo seu corpo.

Ela parou no primeiro degrau e se virou para ele. — Talvez eu deixe você lavar as minhas costas, novamente. — Ela envolveu os braços ao redor de seus ombros enquanto ele se inclinou e deu um beijo suave em seus lábios.

— Mmm. — Ele colocou as mãos em volta da sua cintura e a puxou para mais perto. Ela sentiu seu desejo pressionando contra seu quadril, e seu pulso saltou ao pensar nele dentro dela.

Sorrindo, ela se virou e subiu correndo as escadas, segurando sua mão e o puxando rapidamente.

Depois do chuveiro compartilhado e de algum sexo muito quente, Luke a deixou sozinha no banheiro para se preparar para o jantar. Pela primeira vez naquele dia, ela teve um momento para si mesma.

Sua mente reproduziu o tempo gasto com ele nos últimos dias. Talvez ela estivesse o construindo para ser algo maior do que ele estava em sua mente. Tentou ser o mais racional possível, lembrando como ele a tratava, como ela era ao seu

redor. Ela continuava voltando ao fato de que tudo o que poderia pensar era em passar mais tempo com ele.

No momento em que ela estava vestida e pronta para sair à noite, estava determinada há aproveitar o tempo que tinha com ele, não importando o quê.

Ele a surpreendeu ao levá-la até o seu carro, um modelo clássico mais antigo, que ele disse que reconstruiu com um amigo alguns anos atrás. Quando ela se sentou no banco de couro, sentiu como se estivesse andando em um carro novo em vez de um construído no início dos anos sessenta.

Ela não tinha planejado sobre ele se dirigindo para Emerald Beach, ou sobre eles indo para Crystal Shores para o jantar. Ela nunca tinha estado no hotel de sua família antes, nem nunca tinha estado em um restaurante tão elegante assim. Ela se sentiu um pouco fora de seu elemento quando o maître a olhou quando eles entraram.

— Boa noite, Sr. Callaway, — disse o homem com um leve sotaque. — Eu acredito que sua viagem foi agradável.

— Sim, obrigado, André. — Luke segurou sua mão enquanto seguiam o homem para uma mesa isolada perto das janelas.

Depois que eles se sentaram, Luke pediu um vinho e eles foram deixados sozinhos para olhar os menus. Ela abaixou o dela e olhou para o Luke.

— Por que você não me disse que estava me trazendo aqui? — Ela percebeu o quão confortável ele parecia sentado em uma sala que, para ela, estava abafada e a fazia se sentir mal vestida. Ele deu de ombros. — Eu não pensei que seria realmente importante. — Ela notou que ele estava falando a verdade. Para ele, este era apenas outro lugar para jantar. Para ela, era como dormir com o inimigo. Então, novamente – ela riu um pouco – realmente ela *estava* dormindo com o inimigo. Realmente de qualquer maneira isso não importa; ela iria aproveitar o resto de sua noite juntos.

— Então, me diga o que é bom para comer aqui, — disse ela, pegando o menu novamente e olhando por cima. Ela tentou não ofegar quando percebeu os preços. Ela poderia imaginar como vazio seu lugar seria se seus preços fossem tão altos.

— A lagosta e camarão são os meus favoritos, mas o chef faz algumas costelas de porco realmente ótimas. — Ele sorriu por cima da mesa para ela, e ela se lembrou que o tinha visto tão animado para ter uma fatia de pizza fria por poucos dólares no almoço.

— Você me surpreende, — disse ela, abaixando seu cardápio novamente. Quando ele ergueu as sobrancelhas e a olhou, ela continuou: — Você dá a impressão de que é uma pessoa que bebe cerveja e come pizza, mas então você me traz aqui. — Ela faz um gesto ao redor para todas as pessoas vestindo roupas que custam mais do que todo o seu guarda-roupa, e a sala de jantar faria mais em uma noite do que ela ganharia no bar e grill em uma semana inteira. — E ainda assim você se encaixa aqui. Mais do que isso, você nasceu para isso. — Ela se ouviu dizer aquelas palavras, e por uma fração de segundo, seu coração parou.

Sua mente gritava para ela, querendo saber o que ela estava fazendo brincando com alguém como Luke Callaway.

Ele estava olhando para ela meio engraçado, e então ele sorriu. — Você sabe, eu nunca realmente pensei neste lugar como qualquer coisa, além de como minha casa. Onde a maioria das pessoas não podem ver além das toalhas de mesa passadas e do alto preço dos alimentos, tudo o que vejo, sou eu como um adolescente... — ele acenou para uma mesa na área — Naquela mesa fazendo minha lição de casa com meu irmão e comendo três refeições por dia, quer na cozinha ou em uma mesa vazia porque nossos pais estavam ocupados demais para fazer o jantar ou nos levar para casa. — Ela observou quando um olhar triste atravessou seu rosto.

Ela nunca tinha pensado nisso assim. Ela começou a se perguntar como seria se ela começasse uma família. Será que ela seria diferente do que os pais dele tinham sido? Será que seus filhos seriam forçados a sentar em um estande e desperdiçar suas infâncias porque ela estava muito ocupada dirigindo o seu negócio?

Balançando sua cabeça, ela tentou empurrar esses pensamentos para o fundo de sua mente. Ela nunca pensou em ter sua própria família, não até hoje. Ela não

estava pronta para uma família ou, neste momento, se comprometer com alguém por mais do que algumas semanas de cada vez.

Capítulo 08



Luke não tinha certeza do que mudara durante o jantar, mas toda a atmosfera tinha mudado de leve e amigável para silenciosa e solene. Não ajudou as coisas que, logo depois que haviam pedido, seu pai tinha aparecido em sua mesa. Ele tinha certeza de que André o tinha chamado no andar de cima e avisado da sua chegada.

— Luke, eu ouvi que você estava aqui embaixo. — Ele se levantou para apertar a mão de seu pai. Ele e seu pai nunca tinham estado realmente em termos amigáveis, especialmente desde a morte de Calvin.

— Sim, senhor. Posso apresentar Cassey Grayton. Cassey, este é o meu pai, Jeffery Callaway.

— Como vai você? — Seu pai apertou a mão de Cassey. Ele podia ver um olhar chocado e um pouco encurralado no rosto de Cassey. Ele teria feito qualquer coisa para removê-lo e substituí-lo pelos sorrisos que ela lhe tinha dado todo o dia.

— Como vai. Você tem um lugar adorável, — Cassey falou asperamente.

— Obrigado. Eu não vou atrapalhar sua refeição. — Seu pai se virou para ele. — Luke, eu posso ter uma palavrinha com você?

Luke olhou para Cassey, que assentiu rapidamente.

Ele seguiu seu pai para a área do escritório e sentiu toda a força da sua raiva depois que ele fechou a porta.

— O que você está fazendo? — O pai dele era apenas dois centímetros mais baixo do que ele, mas o homem ainda tinha o poder de fazê-lo sentir como se tivesse apenas um metro de altura.

— Eu estou desfrutando de um jantar. Você disse que queria que eu tentasse todos os meios possíveis. — Ele cruzou os braços e prendeu a respiração.

— Eu não esperava que você trouxesse aquela mulher aqui. — Seu pai começou a andar de um lado para o outro. Jeffery Callaway nunca ficava ocioso; o fato de ele estar andando não escapou à atenção de Luke.

— Sério? — Ele se inclinou ligeiramente contra a porta fechada. — Quando você me manda fazer um trabalho, deve confiar em mim o suficiente para completar a tarefa em meus próprios termos. No entanto, desde que me entregou esta tarefa, você não fez nada além de interferir. — Ele se levantou quando seu pai parou de andar bem na frente dele, e então ele viu seu rosto começar a ficar um tom escuro de vermelho. — Se você terminou, tenho um encontro me esperando. — Luke se virou e saiu da sala sem dizer mais nada.

Enquanto voltava para a mesa, tentou não pensar no fato de que seu pai era um idiota. Ele estava determinado a desfrutar o resto da noite, independentemente do que seu pai pensava dele ou de Cassey.

Cassey parecia aproveitar sua refeição, mas em vez de pedirem sobremesa ou bebidas após terminarem seus pratos, ele rapidamente pagou. Então, ele a levou pelas portas de vidro que davam para a grande piscina tropical. Haviam luzes baixas penduradas ao redor das palmeiras e uma música suave tocava nos alto-falantes escondidos, mas ele ainda não parou. Em vez disso, passando pelos portões de ferro ele a levou para praia. Fazendo uma pausa para que ela pudesse tirar os sapatos, ele tirou os seus e arregaçou as calças. Ela riu baixinho e o ajudou de modo que a areia e a água não os destruíssem.

— Aqui, podemos deixar nossos sapatos aqui. — Ele andou até uma pequena área de mato do lado de fora do portão de ferro.

Ela olhou em volta interrogativamente.

Ele riu. — Estive escondendo meus sapatos aqui toda a minha vida, e eu nunca tive um par roubado. — Ela sorriu, acenou com a cabeça e colocou seus saltos sexy ao lado de seus sapatos pretos.

Então, ela pegou sua mão quando eles começaram a caminhar pela longa faixa de praia. Ele sempre amou a sensação de areia branca sob seus pés. Seu resort limpava as areias por tanto tempo quanto ele poderia se lembrar. Aqui, você não corria o risco de ser ferido por uma concha quebrada ou uma garrafa de vidro perdida.

Ele suspirou quando chegaram à beira da água. Uma vez que era outono, a água estava fria e quando atingiu seus pés, ambos ofegaram e então riram.

— Talvez devemos evitar a água. — Ela correu da orla, o arrastando junto. Caminharam por um tempo em silêncio, suas mãos levemente juntas, balançando ao lado deles.

— Seu pai parece legal, — disse ela, sem jeito.

Uma gargalhada escapou de seus lábios.

— O quê? — Ela puxou sua mão até que ele parou e a olhou.

Balançando a cabeça, ele olhou para ela. — Não vamos estragar a noite falando sobre meu pai. — Ele a puxou para mais perto, observando como seus olhos prateados cintilavam no luar. Ele afastou seu cabelo do rosto quando a leve brisa o empurrou nos seus olhos.

— Você está linda esta noite. — Ele a puxou para mais perto. — A maneira como seu cabelo brilha na luz. — Ele afastou uma mecha de seu cabelo fora do seu rosto novamente. Ela cacheou seu cabelo nesta noite, deixando os longos fios em pequenos caracóis. O vestido sem alças que usava permitia que seu cabelo caísse levemente sobre os ombros nus. Seus dedos deslizaram pelo seu cabelo até que pode sentir sua pele macia sob suas mãos. Passando um dedo levemente sobre seu ombro,

ele observou quando sua respiração engatou. Seu peito subia e descia levemente, fazendo com que seus olhos seguissem os ligeiros movimentos.

Ele estava paralisado, enquanto observava a cabeça dela cair para trás. Seus olhos se fecharam ligeiramente e ela prendeu a respiração quando seus dedos tocaram sua pele. Ele passou um dedo por seu pescoço até que não conseguiu se deter, e mergulhou a cabeça para saborear a pele macia onde seus dedos tinham acabado de estar.

Ele a sentiu gemer contra seus lábios, e o som vibrou ao longo de suas mãos enquanto corriam por suas costas. A suavidade de seu vestido, sua pele, quase o desfez. Levou toda a sua vontade de se afastar e começar a caminhar até a praia novamente.

Eles chegaram a uma pequena cabana ao longo da praia que vendia sorvete italiano e se sentaram nos bancos de bar apreciando o deleite fresco. Ele tinha frequentado o pequeno negócio durante muitos anos, mas nem sequer sabia quem era o dono. Sabia que, se a cabana estivesse ao longo do calçadão de Cassey, ela conheceria os proprietários e as histórias de suas vidas, também. Ele se perguntou o que isso dizia dele como pessoa. — Isso é incrível, — disse Cassey, quebrando seus pensamentos profundos. Ele sorriu para ela. — Eu nunca provei sorvete italiano antes; é basicamente sorvete, certo?

Ele riu. — É realmente mais perto de um “sorbet”. — Ele levantou uma colher de seu favorito, pina colada. — Aqui, prove este.

Ele a observou quando tomou a colher em sua boca e fechou os olhos. — Yum. — Sua língua saiu para lamber seu lábio inferior. — Isso é tão bom quanto o de framboesa.

Ele sorriu e acenou com a cabeça. — O favorito de Calvin era de framboesa.

Ela sorriu. — Minha irmã, Marissa, amava pina colada. Meus irmãos sempre tiveram um favorito, laranja. — Ela riu. — É engraçado, nunca concordaram com o que tinha para o jantar ou para beber, mas sempre concordaram com sorvete de laranja.

— Eu em algum momento gostaria de conhecê-los, — ele deixou escapar antes que soubesse o que estava fazendo. Ele não sabia o que o levara a dizer isso, e nem sequer sabia se realmente queria conhecê-los. Mas quanto mais tempo passava com Cassey, mais tempo queria passar com ela.

Ele entendia o arranjo deles, que era apenas físico. Ele realmente não estava procurando um relacionamento de longo prazo, especialmente um que ele já sabia que seu pai não aprovaria. Não que ele precisava da aprovação de seu pai para namorar uma mulher. Inferno, se ele pensava sobre isso, ele *queria* uma mulher que seus pais não aprovavam. Mas já havia tanto coisa que seu pai estava em pé de guerra. A maior parte era culpa dele, algumas não era, mas ele tinha certeza de que seu pai iria encontrar uma maneira de culpá-lo por tudo de qualquer maneira.

Ele suspirou e tentou se concentrar no agora, em vez das velhas discussões com seu pai.

— Onde você foi? — Perguntou ela quando ele piscou e limpou a mente.

— Hmm? — Ele tentou recuperar, tomando outra mordidela de seu sorvete.

Ela se inclinou sobre o balcão e lhe deu um olhar de eu não estou acreditando. Ele tinha certeza de que poderia fugir da explicação, mas então suspirou novamente e cedeu.

— Eu tive uma discussão com meu pai mais cedo. Eu só estava pensando em como ele sempre me culpa por tudo.

— Tenho certeza que ele não o culpa por tudo.

Ele riu. — Você sempre tem um olhar positivo para as coisas?

Ela balançou a cabeça. — Não, mas você deve ter tido alguns momentos maravilhosos enquanto crescia.

— Eu tive. Meu irmão foi a melhor parte. Calvin me protegia da maior parte da ira dos meus pais. Ele me ensinou a jogar futebol, me incentivou a pedir Tammy Lynn na quinta série, comprou a minha primeira caixa de preservativos. — Ele sorriu. — Ele também me ensinou a dirigir e me passou o seu amor por carros clássicos. — Ele

tomou um gole da garrafa de água que tinha pedido. — Se eu pensar nisso, todos os grandes momentos na minha vida aconteceram por causa do meu irmão.

— Eu adoraria tê-lo conhecido. — Ela inclinou o rosto em sua mão apoiada no balcão e o escutou como em um devaneio. — Meus irmãos também desempenharam um grande papel em minhas lembranças. — Ela riu, e se sentou. — Eles me ensinaram a não ser ingênua, a trabalhar duro pelo que você quer, e nunca fugir de uma luta.

— Ok, agora você vai ter que me explicar tudo isso. — Ele riu.

Ela sorriu ao terminar a última mordida de seu sorvete italiano. — Ok, mas vamos ter essa conversa no caminho — Ele balançou a cabeça e pegou o último pedaço de seu sorvete e empurrou toda a colherada em sua boca, enquanto ela ria.

****

Cassey adorava falar sobre sua família. Não só eles eram suas pessoas favoritas, mas eles eram seu assunto favorito também.

Enquanto caminhavam ao longo da praia, o vento fresco salgado atingia seus rostos, ela lhe contou história após história sobre como seus irmãos tinham a convencido de coisas como a existência de alienígenas e fantasmas, e até mesmo que a fada do dente roubava todos os seus dentes se você não colocasse o seu dente perdido debaixo do travesseiro.

Quando ela era pequena, ela era jogada por seus irmãos na piscina e quando ela surfou com Cole, seus irmãos aprenderam que era mais fácil tentar novos truques quando se é pequena. Cole habitualmente a instigava a se jogar. Ele praticava seus movimentos de surf com ela sobre seus ombros até ficar satisfeito com as suas manobras. Ela ficava cansada de ser lançada pelas ondas, e ele teve que resgatá-la uma dúzia de vezes quando a empurrava além de seus limites.

Uma vez, ela entrou em uma briga na escola com algumas outras meninas, Marcus a levou a aulas de judô e a forçou a aprender alguns movimentos básicos. Roman a ensinou como dar um soco como um profissional e, depois de um incidente em particular no vestiário feminino, as meninas nunca a provocaram novamente.

Ele riu de todas as suas histórias enquanto segurava sua mão, enviando calor para o seu braço e seu peito. Ela nunca tinha falado sobre sua família para um homem que ela estava vendo. Na verdade, alguns dos homens com quem namorara no passado eram amigos de seus irmãos. Dois deles tinham sido melhores amigos de Roman, que lhe arrumou. Foi divertido; Roman estava sempre tentando ajudá-la, mas nunca tinha namorado alguém pelo que ela pudesse se lembrar.

Seus irmãos sempre brincavam com ele, mas Cassey sabia por que ele não namorava. Ele confessou a ela, que já tinha encontrado a mulher com quem queria envelhecer, e estava apenas esperando que ela descobrisse que era ele com quem passaria o resto de sua vida.

Quando adolescente, suspirava e imaginava uma bela mulher que conquistaria o coração do seu irmão fazendo algo heroico. Mas a menina estava cega e não via o homem maravilhoso que ela tinha bem na sua frente. Até hoje, ela ainda não sabia quem era aquela garota ou se Roman se sentia da mesma forma sobre ela ainda.

— Então, me diga porquê você brigou com o seu pai esta noite, — ela perguntou uma vez que eles estavam de volta em seu carro, dirigindo de volta para Surf Breeze.

Ele olhou para ela, parecendo um pouco surpreso. — Na verdade, era sobre você.

Era a sua vez de parecer surpresa. — Eu?

Ele assentiu. — Sim. Meu pai não está feliz com a falta de progresso que estou tendo em persuadi-la a vender o seu bar.

Ela olhou pela janela e desejou não ter perguntado. — Eu não queria...

— Hey. — Ele pegou sua mão e esperou até que ela olhasse em sua direção. — Está tudo bem. Se não fosse esta noite, teria sido outra coisa. Honestamente, eu estou pensando em desistir.

— Desistir? Você pode desistir da sua família?

Ele riu. — Eu não sei, mas estou pensando em tentar. — Ela sorriu para ele e riu levemente.

— Eu suponho que você *poderá* desistir da sua família. Eu desisti da minha primeira família, meu pai e madrasta, quando eu tinha sete anos. É claro que eu tive a ajuda do meu anjo da guarda.

Ele olhou para ela. — O quê?

Ela sorriu. — Lilly, a assistente social que salvou a minha vida e me trouxe para os Graytons.

— Você tinha sete? — Perguntou.

— Sim, — ela assentiu, olhando para fora da janela, lembrando-se daquela noite tantos anos atrás. — Até os sete anos, só tinha saído da minha casa três vezes. Cada vez, eu tive que me esconder no carro para que ninguém visse o quão mal eu estava. Eu passei a maior parte do meu tempo trancada no porão ou em um armário, porque eles sempre me pegavam furtando alimentos. Não foi tão ruim, até que meu pai se casou novamente. Pelo menos eu acho que eles eram casados. — Ela fechou os olhos, tentando se lembrar, mas ela tinha bloqueado muitas das suas memórias de infância. — Kimberly, minha madrasta, cuidava de mim durante o dia. Ela gostava de se sentar no sofá e assistir televisão, e as crianças pequenas tendem a fazer muito barulho. Então, eu ficava trancada no porão da hora que meu pai havia saído antes do amanhecer até que ele voltasse para casa depois de escurecer.

— Que terrível. — Ele flexionou os dedos sobre os dela.

Ela olhou para ele. — Então eu vim para o Graytons e encontrei minha verdadeira família. Lembro-me dos primeiros meses de me sentir culpada por ter permissão para todos os tipos diferentes de alimentos. Lilly tinha me dado a minha

primeira coca-cola naquela noite. — Ela sorriu. — Acho que posso dizer que meu vício começou aí.

Ele sorriu. — Bem, eu nem sequer conheço os Graytons e já gosto deles.

— Você poderia. Eles gostariam de você também. Eles sempre procuraram cuidar de pessoas como nós. — Ela percebeu o que tinha dito tarde demais.

— Pessoas como nós? — Perguntou.

Ela assentiu. — Eu acho. Você sabe... — Ela encolheu os ombros e olhou pela janela. — Meus pais podem ter abusado de mim fisicamente, mas pelo tom, o seu negligenciou você. Negligência é uma forma de abuso, também.

Ele pensou sobre isso. — Suponho que você esteja certa. Engraçado, acho que eu poderia ter lidado com isso muito melhor se tivessem me perturbado um pouco. Sabe meu pai nunca gritou comigo até que Calvin foi embora.

— Ele provavelmente sente muita falta dele. Eu não posso imaginar como é perder alguém tão próximo a você.

— Você não pode? Pelo que você disse, sua irmã fugiu aos dezessete anos e não voltou. Isso não é muito parecido como perdê-la?

Ela pensou sobre isso e, em seguida, sacudiu a cabeça. — Não. Eu sei que Marissa está lá fora em algum lugar. Ela escolheu nos deixar; Calvin não teve uma escolha.

— Suponho que você está certa. Mas acho que isso dói da mesma forma. O vazio, o espaço que costumava preencher. — Ele apertou a mão dela um pouco. — Alguma vez você já pensou em procurá-la?

Ela encolheu os ombros e olhou pela janela. Estava muito escuro para ver qualquer coisa, mas ela caminhava por esta estrada o suficiente para saber o que estava lá fora. Árvores, casas, um vislumbre ocasional da costa. Marissa estava lá em algum lugar, provavelmente perto o suficiente para alcançar e tocar se tivesse tentado.

— Eu procurei uma vez, pouco depois que nos deixou, — ela sussurrou.

— E?

— Ela não quer ser encontrada. Se quisesse, teria deixado algumas pistas para mim.

— Que tipo de pistas?

Ela se virou e olhou para ele. — Por que você está tão interessado?

Ele deu de ombros e deixou cair sua mão para manobrar em torno de uma curva acentuada. — É um mistério. — Ele sorriu quando a estrada se endireitou. — Eu gosto de resolver mistérios.

Ela inclinou a cabeça um pouco, olhando para ele através do carro escuro. — Nós sempre conversamos sobre o que queríamos fazer quando crescêssemos. Eu estava determinada desde os onze anos a abrir o meu próprio bar e grill. — Ela riu. — Marissa tinha outras ideias. Ela queria comprar casas antigas e consertá-las. Ela estava sempre ajudando Marcus e Roman quando eles trabalharam em torno da casa em que crescemos. Os três realmente formavam uma grande equipe. Ela guardava pilhas de recortes de jornais em uma caixa; ela recortava anúncios das casas e sonhava em reformá-las. Depois que ela saiu, eu passei por cada casa que ela havia olhado. — A tristeza ainda a oprimia algumas vezes. — Ela sempre falava sobre um lugar com vista para Dolphin Bay, perto de Spring Haven. Eu sei que ela está em algum lugar perto, mas até que ela queira ser encontrada, ficará oculta.

— Alguma ideia do por que ela ter ido embora?

— Sim e não. Eu sei que isso não teve nada a ver comigo ou com os Graytons. Ela teve uma grande briga com Roman no dia anterior à sua partida, mas acho que não teve algo a ver com isso, também. Ela começou a sair com um rapaz. Tommy, eu acho, era o nome dele. Roman não gostava de Tommy. Ele achava que era uma má influência, e ele estava certo. Eu nem sequer gostava do cara. Naquela última noite, quando conversamos, eu disse a ela meus pensamentos. Ela parecia tão triste, como se eu tivesse a machucado de alguma forma. — Ela não percebeu que estava chorando, até que uma lágrima escorreu pelo seu rosto. Ela a limpou rapidamente, antes que Luke pudesse vê-la. Virando a cabeça

para a janela, ela deu de ombros. — Seu bilhete dizia que queria descobrir sozinha quem ela era. Que amava a todos nós e que não deveríamos nos preocupar.

— Parece que ela só queria a sua independência. Talvez ela esteja vivendo o seu sonho?

— Ela sempre se preocupava que iria acabar como sua mãe. Sua mãe tinha engravidado dela na adolescência. Ela bebia e usava drogas e nunca realmente cuidou de Marissa. Ela achava que essa condição era hereditária. Perguntei-lhe, se essa sua condição, como gostava de chamar, era hereditária, eu também estava destinada a ter um filho e trancá-lo. Ela disse que não, porque foi meu pai quem tinha feito àquilo comigo. — Cassey sacudiu a cabeça. — Ela alegou que os genes ruins eram passados de mãe para filha, e que eu tinha tido sorte porque minha mãe morreu quando eu era jovem, então eu não sabia como iria acabar. Éramos tão ingênuas.

Ele riu. — As crianças pensam todos os tipos de coisas. Eu pensei que meu pai era o homem mais inteligente na Terra.

Eles subiram e estacionaram ao lado da porta dos fundos. Ela olhou para a porta e suspirou. — Eu só queria que Marissa estivesse aqui, então ela poderia ver que eu realizei o meu sonho.

Ele estendeu a mão e pegou a mão dela. — Ela ficaria orgulhosa do que você construiu para si mesma.

Cassey sorriu e assentiu. Era muito difícil dizer alguma coisa, desde que havia um nó em sua garganta só de pensar nisso. Ela nunca tinha falado assim antes com ninguém sobre Marissa, nem mesmo com seus irmãos. Ela se perguntou por que havia escolhido o Luke para se abrir tanto.



Capítulo 09

Nos próximos dias, Luke passou tanto tempo quanto pôde com Cassey. Seu pai continuava o chamando em seu celular, e toda vez ele desligava. Tinha passado quase todas as noites em sua cama, então ele cancelou a reserva do seu hotel. Ele aproveitou o tempo que passou com ela e se perguntava quanto mais duraria. Sabia que não poderia evitar o seu pai por muito mais tempo.

Ele trabalhou em seu laptop durante o dia, enquanto Cassey trabalhava. Não que tivesse um monte de coisas para fazer por Crystal Shores. Para ser honesto, seu pai o havia encarregado de tarefas sem sentido, e ele estava começando a se sentir mais como um secretário que um filho e herdeiro do império.

Era difícil olhar para tudo que Cassey tinha feito por si mesma e comparar com a sua vida. Claro, ele tinha um diploma de ensino superior onde ela só tinha uma faculdade técnica. Mas ela estava realmente construindo seu próprio império em vez de ser uma desocupada. Quanto mais pensava sobre isso, mais queria sair do controle de sua família.

Nos últimos dias, ele realmente começou a tomar medidas para garantir seu próprio futuro. Ele passara mais tempo trabalhando em seu próprio plano de negócios do que trabalhando para seu pai. E ele não se importava quais seriam as consequências.

Ele estava teclando em seu laptop e não percebeu que alguém havia entrado no escritório até que a pessoa limpou a garganta atrás dele. Olhando em volta, viu um homem na casa dos vinte anos, com cabelo escuro e olhos azuis profundos o encarando. Ele ficou tenso.

— Quem diabos é você e o que está fazendo no escritório da minha irmã?

Luke relaxou um pouco. — Você deve ser Marcus. — Ele se levantou e estendeu a mão. — Eu sou Luke Callaway. — Ele esperou que o homem apertasse sua mão, mas ele apenas continuou ali o olhando.

— Callaway? Crystal Shores Callaway? — Luke assentiu. — Você respondeu uma das minhas duas perguntas.

Luke riu levemente. — Eu vou ficar aqui por um tempo, com a sua irmã.

— Bem, por que não disse antes? — O homem pegou sua mão e a apertou. Um sorriso atravessou seu rosto e Luke gostou imediatamente dele.

— Cass não mencionou você. — Ele pegou a cadeira ao lado de Luke, virou-a para trás, e se sentou, cruzando os braços sobre o dorso. — Eu a deixei lá embaixo. Ela me disse que iria me trazer um pouco de almoço. Talvez você tenha sorte e consiga um pouco, também. — Marcus sorriu.

Luke olhou para o relógio do computador e se sentou novamente. — Sim, ela costuma trazer. Cassey me disse que você está no ramo da construção.

Marcus assentiu. — Casa, empresas, o que quiser. Você procura no mercado um prédio?

— Pode ser. Eu tenho trabalhado em um plano de negócios e tenho interesse em uma propriedade nos arredores da cidade.

As sobrancelhas de Marcus dispararam. — Os quinze acres na Mercer Street?

Luke balançou a cabeça e sorriu. — Parece um bom lote?

Marcus assentiu. — Há anos penso sobre o que poderia ser lá. Seria um ótimo lugar para um hotel. Crystal Shores está procurando se expandir em Surf Breeze?

Luke balançou a cabeça, mas antes que pudesse responder, Cassey entrou com três caixas de isopor empilhadas uma sobre a outra.

Sentaram-se ao redor da mesa e conversaram enquanto comiam. Marcus ficou de boca calada sobre os planos de Luke, e Luke gostou ainda mais dele por isso. Depois que Cassey voltou para o andar de baixo, eles terminaram a conversa. Luke disse a Marcus seus planos e pediu que ele os mantivesse em segredo por enquanto, pelo menos até que a tinta secasse sobre os contratos. Eles apertaram as mãos e Luke sabia que tinha dado o primeiro passo para a liberação do controle de seu pai em sua vida. Agora tudo o que tinha a fazer era ir para o banco ou em um lugar pior – a casa do seu avô.

****

Cassey observou Luke caminhando em sua direção. Ela gostou do almoço com ele e Marcus, e pensou que seu irmão aprovava Luke. Não que isso significava muito; Marcus geralmente aprovava qualquer pessoa que ela namorava. Era Roman que aprovava qualquer homem que ela namorasse.

Luke estava usando terno e gravata, e todas as mulheres no local o observaram passar. Quando se aproximou dela e a beijou nos lábios, ela imaginou ter ouvido alguns suspiros.

— Você se arrumou muito bem. — Ela sorriu e envolveu seus braços ao redor de seus ombros.

— Eu tenho uma reunião. Não devo demorar muito. Se tudo correr bem, eu gostaria de comemorar com um jantar hoje à noite.

Ela assentiu e sorriu. Observou-o se afastar e suspirou. Ele certamente era uma visão maravilhosa em seu terno.

Uma hora depois, ela ficou chocada ao ver o pai de Luke passar pelas portas da frente. Ele pegou o caminho mais curto em direção a ela depois que a viu do outro

lado da sala. Desculpou-se com casal que estava falando e o encontrou no outro lado do salão.

— Senhorita Grayton. — Ele assentiu. — Você tem algum lugar que possamos conversar?

Ela assentiu e o levou para o escritório. Fez um gesto para que ele se sentasse na cadeira em frente à sua mesa. Ele permaneceu em pé, então ela se sentou atrás da mesa, escondendo as mãos sob a mesma para que ele não percebesse o quanto elas tremiam. O que ele estava fazendo aqui?

— Entendo que o meu filho esteja ficando aqui. — Ele olhou para ela, o desgosto estampado em seu rosto.

Em vez de dizer qualquer coisa, ela balançou a cabeça em concordância.

— Típico, — disse ele asperamente. — Eu o envio até aqui para fazer um trabalho, e ele decide tirar férias e dormir por aqui, enquanto isso. — Ele se virou e começou a andar no seu pequeno escritório. — O que vai me custar desta vez? — Disse ele após se virar, e olhar para ela novamente.

— Eu sinto muito? — Ela interrogou, chocada.

— Vamos senhorita Grayton, todos têm seu preço. Preciso que você rapidamente termine com ele. Hoje, se possível. Eu entendo que você não está no mercado para vender o seu... pequeno lugar. Estou disposto a esquecer isso, mas não vou permitir que você arraste o nome do meu filho pro meio da lama, por assim dizer.

O tremor em suas mãos parou; em vez disso, ela começou a moer os dentes de trás. Colocando lentamente as mãos sobre a mesa, e se levantou na sua altura. — Eu não sei quem você pensa que é, mas eu não posso ser comprada. Você manda...

— Eu sou um pai preocupado, — ele interrompeu enquanto caminhava para frente da sua mesa. — Eu vou te dar essa chance. Você não terá outra, — alertou.

— Eu não preciso de outra. Tanto quanto eu sei, você pode sair agora. — Ela se inclinou ligeiramente em sua mesa, observando seus olhos escuros ficarem ferozes.

— Tudo bem, — disse ele, olhando para ela. — Existem outros métodos para obter o que eu quero. Vou ter este lugar, ou vê-lo fechado, apenas para provar meu ponto. — Ele se virou e caminhou para fora.

Quando a porta se fechou atrás dele, ela se sentou enquanto o tremor começava de novo. Quando Luke voltou uma hora mais tarde, ela ainda estava sentada lá, e um plano se formando em sua mente.

— Hey, — ele disse, sorrindo.

— Oi. — Ela fez um gesto para que ele se sentasse. Foi realmente só há duas semanas que ela o conheceu pela primeira vez, nesta mesma sala? Como ela se permitiu ser arrastada para sua vida, sua confusão, tão rapidamente? — Luke, acho que precisamos conversar. — Ela esperou até que o sorriso desapareceu de seu rosto. — Sejamos honestos, ambos sabíamos que isso não iria dar certo. Não é como se nós caminhássemos para isto com quaisquer suposições.

Ele balançou a cabeça e cruzou os braços sobre o peito. — O que a levou para este caminho?

Ela balançou a cabeça. — Eu não sou o tipo de pessoa de me aproximar. Eu nunca tive um relacionamento por mais de poucas semanas. Que é uma das razões pelas quais eu fui honesta com você desde o início.

Ele assentiu. — Você foi. — Ele se levantou e se apoiou na frente de sua mesa. — O que causou isso agora? Você recebeu a visita do meu pai?

Ela assentiu com a cabeça. — Mas a minha decisão não tem nada a ver com a sua visita. Eu pedi a ele para sair, e ele ameaçou o bar e grill.

— Tenho certeza que ele fez. — Ele se inclinou e olhou para ela. — Eu não encararia suas ameaças levemente.

Ela assentiu com a cabeça. — Pelo que eu ouvi, ele se preocupa com você.

Ele riu. — Certo. Você não tem que fazer isso. Posso te ajudar. Eu posso ajudar o seu restaurante.

Ela balançou a cabeça. — Eu não preciso de sua ajuda. — Ela se levantou. — Espero que possamos continuar...

— Não. — Ele andou em volta da mesa e a puxou para mais perto, esmagando as mãos dela junto ao peito dele. Quando ele baixou a cabeça, ela o ouviu gemer. Seus lábios esmagaram os dela enquanto ela agarrava o paletó dele. Ela podia sentir a raiva e frustração lentamente deixá-lo enquanto sua boca aquecia a dela, deixando mais do que suas mãos tremendo.

Quando ele se afastou, ele a olhou. — Não diga que ainda podemos ser amigos. Não iria funcionar. Eu ainda quero você, e eu não posso imaginar um momento no futuro, sem te querer. Eu quero muito mais do que apenas amizade. — Ele se virou e saiu pela porta sem outra palavra.

Ela deslizou em sua cadeira, sua espinha derreteu no encosto. Ela nunca tinha sido beijada assim antes, e pediu a Deus que ela nunca iria ser beijada assim de novo por mais ninguém. Fechando os olhos, deixou que as lágrimas escorressem pelo seu rosto.

Duas horas mais tarde, depois de tomar banho e se vestir, ela desceu as escadas e foi trabalhar. A cozinha estava sem pessoal nesta noite, graças à gripe que estava acontecendo, então passou seu tempo lá atrás, ajudando. No final da noite, estava exausta e caiu na cama, totalmente vestida.

Na semana seguinte, só piorou à medida que mais e mais pessoas de sua equipe ficaram doente. Ela trabalhava no bar, servia e limpava as mesas, e até mesmo fez os pratos. Ela não se importava, pois se manter ocupada estava ajudando a manter sua mente longe do Luke. Todas as noites, quando caia na cama, ela sentia falta dele ao seu lado. Ela sentia falta de falar com ele enquanto comia seu almoço no pátio, então ela começou a comer o almoço em seu escritório. Quando isso não funcionou, ela se sentou na sala de jantar ou no bar.

Quanto mais o tempo passava, percebeu que não poderia enganar a si mesma. Ela percebeu que tinha se apaixonado por Luke e isso a frustrava. Agora só precisava decidir o que iria fazer a respeito.

No dia seguinte, se esqueceu completamente de Luke, quando descobriu um grande cartaz afixado sobre suas portas afirmando que o Ministério da Saúde tinha fechado o prédio até segunda ordem.

Ela ficou na fila por duas horas no edifício da Prefeitura para se encontrar com o chefe do departamento de saúde. Depois de discutir com ele sobre sua agenda e quanto dinheiro ela iria perder se ele não fosse em breve, ela finalmente o convenceu a vir nas próximas quarenta e oito horas.

Quando se afastou do edifício, ainda não estava claro para ela o que o fez fechar suas portas tão rápido. Ele havia mencionado algo sobre infrações, mas até o momento, não tinha apresentado uma lista ou quaisquer explicações. A pior parte era que Boardwalk Bar and Grill seria fechado no fim de semana, seus dias mais movimentados. Ela imaginava quem era o responsável.

Enquanto caminhava pelo calçadão, ela notou mais três avisos afixados nas portas e sentiu sua frustração crescer. Em vez de caminhar para o bar e grill, ela foi até seu carro e o vapor não parou de rolar para fora dela, até que estacionou na frente da Crystal Shores. Antes que soubesse o que estava fazendo, ela estava de pé do lado de fora do escritório do pai de Luke, ouvindo sua secretária lhe dizer que ele não estava disponível. Ela andou ao redor da mesa da mulher e abriu uma das portas duplas. Quando invadiu o local, ela notou duas coisas: uma, que ele não estava sozinho, e dois, seu rosto estava vermelho como beterraba enquanto ele gritava com o filho.

Luke estava sentado em uma cadeira de couro, parecendo um pouco presunçoso enquanto seu pai gaguejava sobre ele.

— Que diabos? — Ele se virou e olhou para ela. — Carolyn, entre aqui.

Sua secretária estava sobre os seus saltos e rapidamente se desculpou quando Cassey avançou mais determinada do que nunca.

— Sr. Callaway, eu entendo a sua briga comigo, mas essas outras lojas não têm nada a ver com isso. Você fechá-las é jogo baixo. — Ela parou bem na frente dele, com as costas e os ombros retos, cruzando os braços sobre o peito.

— Deixem-nos, Carolyn, — ele gritou e depois esperou até que a mulher fechasse a porta suavemente com um clique silencioso. — Tenho certeza, senhorita Grayton, que não sei do que você está falando. — Ele andou para trás de sua mesa e se sentou. Do jeito que ele disse seu nome fez seus dentes de trás rangerem.

— Você pode ter amigos importantes e ser capaz de me fechar durante o fim de semana, mas Alfred, Marvin, e Judy não tiveram nada a ver com o nosso pequeno desentendimento.

Ele esperou, só olhando para ela. Luke levantou-se. — O que é tudo isso? — Ele perguntou, com preocupação aparente em sua voz.

Ela se virou para ele. — Como se você já não soubesse. Você me avisou que isso poderia acontecer. Suponho que eu deveria ter prestado mais atenção. Ele fez o departamento de saúde fechar todos os restaurantes ao longo do calçadão. Sem qualquer alimento não existe nenhum negócio para nós. As pessoas vão parar de visitar Surf Breeze completamente. Eu não posso acreditar que a cidade concordou com seu esquema. — Ela se virou para o Sr. Callaway que agora estava parecendo bastante presunçoso atrás de sua mesa.

— Isso é verdade, pai? — Perguntou Luke. Quando seu pai não respondeu, ele pegou o envelope que seu pai estava agitando quando ela entrou e o jogou para ele. — Terminei. Sem mais brigas, sem mais conversas. Você não vai mesmo mais me ver nos feriados. — Ele agarrou a mão dela e começou a sair pela porta. Quando eles chegaram ao corredor, ela puxou sua mão e se voltou contra ele.

— Não me diga que você não conhecia seus planos. — A raiva ainda irradiava através dela. Sua mente racional gritava para ela parar, mas no momento ela estava trabalhada na adrenalina.

— Cassey, eu não sabia o que ele estava fazendo. Eu juro. Eu não o vi ou falei com ele desde a noite que jantamos algumas semanas atrás. — Ele estendeu as mãos e deu um passo para trás.

Ela olhou para ele, avaliando seu rosto, e podia ver que ele estava dizendo a verdade. Depois de um minuto, ela suspirou e relaxou os ombros. — Eu sinto muito; tem sido um dia estressante.

— Eu entendo. Você já almoçou?

Ela estava tão presa em sua raiva com o seu pai, que levou um momento para processar o que ele lhe perguntara.



Capítulo 10

Cassey estava sentada em frente a ele no seu lugar favorito de fast food na cidade, e ele podia ver a cautela em seu rosto. Seus olhos prateados, que eram normalmente brilhantes, estavam parados e nebulosos. Havia olheiras sob seus olhos, e ele poderia dizer que ela não estava conseguindo dormir o suficiente. Ela parecia ter emagrecido, também, mas ele sabia que era melhor não mencionar.

Ele estendeu a mão sobre a mesa e tocou sua mão levemente. — Tem sido tão ruim assim?

— O quê? — Ela olhou para ele enquanto esfregava a testa. — Não. — Ele poderia dizer que ela tinha simplesmente negado automaticamente.

Quando ele suspirou e olhou para ela, ela fechou os olhos e baixou a mão da sua têmpora.

— Sim, bem, tem. Metade da minha equipe tem estado afastada nas últimas semanas com gripe. — Ela riu um pouco. — Para ser honesta, no começo eu pensei que era obra de seu pai. Então, esta manhã, depois de ver o aviso, eu passei algumas horas discutindo com o inspetor de saúde local, que é aparentemente o *único* inspetor de saúde no Município de Adams. Depois de idas e vindas, eu finalmente consegui que ele concordasse em voltar no meu Bar e o inspecionasse novamente na segunda-feira à tarde. Quando eu voltei da reunião, notei que dois outros locais, incluindo The

Lunch Box, estavam fechados devido a infrações, também. Eu nem me lembro de ter dirigido até Emerald Beach. — Ela fechou os olhos e sacudiu a cabeça.

— Sinto muito que você esteja tendo que lidar com tudo isso sozinha, — ele disse e falou sério. Ele desejou que ela não o tivesse afastado. Havia doído não estar com ela, mas o tempo separados só havia reforçado seu desejo de estar com ela. Ele tinha tomado tantas decisões nos últimos dias, e sabia que uma vez que tivesse tudo alinhado, iria encontrar uma maneira de mudar sua mente sobre seu relacionamento. Tudo o que ele precisava era de algum tempo.

— Não é tão ruim. Tenho a nova inspeção na segunda-feira. — Ela encolheu os ombros. — Eu dei aos funcionários um dia de folga.

— Um dia? — Ele perguntou, com curiosidade em sua voz.

— Sim, todo mundo está programado para estar lá na primeira hora do domingo para uma limpeza completa do local. Quero que o inspetor possa comer no chão. — Ela sorriu e ele adquiriu ainda mais respeito por ela.

— Eu não tenho nada para fazer no domingo se você precisar de outro par de mãos. — Seu sorriso diminuiu um pouco, e ele pode ver a preocupação brilhar em seus olhos.

— Eu não sei. — Ela olhou para fora, puxando sua mão. Ela balançou a cabeça e olhou para ele. — Eu só não acho que posso lidar com você agora.

Ele sentiu vontade de rir. — Lidar comigo?

Ela assentiu com a cabeça. — Você... — Ela parou e engoliu em seco e, então pegou seu chá gelado e tomou um gole. — Você disse que não poderia ser meu amigo.

Ele esperou, respirando antes de falar. — Não, eu disse que quero ser mais do que apenas amigo, e eu ainda quero dizer isso.

Ela olhou por cima do ombro dele. Ele podia ver seus olhos lacrimejarem um pouco quando sua mão foi para a testa de novo e começou a esfregar sua têmpora.

— Eu não posso. — Ela balançou a cabeça levemente.

— Não pode ou simplesmente não quer?

Ela piscou, mantendo os olhos fechados por um momento. — Ambos. Tenho muito para suportar agora. Eu não acho que possa lidar com a tentativa de descobrir o que está acontecendo entre nós.

Ele pensou sobre isso. — E se voltamos a ser como era antes?

Ela piscou e olhou para ele. — Como?

Ele sorriu levemente, decidindo que poderia funcionar. Alcançando o outro lado da mesa, ele pegou a mão dela e se inclinou um pouco mais perto. — Cassey, eu quero você... fisicamente. Eu sei que você me quer, também. — Ele observou o calor substituir o cansaço nos seus olhos. — Desta forma, eu posso estar lá para te ajudar. Eu quero estar lá para você.

— Eu... — Ela suspirou e ele podia ver sua mente mudando. — Eu só não sei. — Ele tinha que fazer algo rápido, ou ele perderia sua chance, a perderia. Ele não queria perdê-la.

— O que você acha de eu te levar para casa? Eu estive hospedado em Surf Breeze por quase uma semana.

— E o seu carro? Você não dirigiu aqui?

Ele balançou sua cabeça. — Meu pai enviou um carro para mim. Eu realmente não tinha escolha, senão vir. — Ela olhou para ele pela primeira vez. Ele usava uma camisa velha e moletom – não sua roupa normal.

— O que ele fez, — ela riu, — enviou o Hulk atrás de você?

Ele olhou para baixo e percebeu que suas roupas de ginástica tinham adquirido mais alguns buracos desde a última vez que ele tinha as usado. Rindo, ele assentiu. — Ricardo pode parecer como ele às vezes. Pense no seu Tyrone com esteroides.

Ela assobiou. — Por que seu pai emprega alguém assim? — Ela se inclinou para frente, tomando outro gole de chá. Pela primeira vez hoje, seus os olhos estavam realmente brilhando.

— Oh, você ficaria surpresa quem meu pai já ameaçou. — Ele se levantou, levando sua bandeja no lixo. — O que me diz se eu te contar tudo sobre isso, enquanto te levo para casa?

Ela suspirou e se inclinou para trás. — Tudo bem, você ganhou. Estou muito cansada para discutir ou dirigir de volta sozinha. — Ela ficou de pé e esperou ele limpar sua mesa. — Você sabe... — Ela sorriu enquanto saíam pela porta. — Eu poderia usar um novo rapaz de limpeza. — Ele riu.

Ele conversou com ela enquanto voltavam para Surf Breeze, contando histórias de sua infância e do que ele tinha ouvido falar sobre o seu pai de algumas das pessoas que trabalharam para ele ao longo dos anos. Ela ouviu e riu, mas ele tinha mantido as histórias alegres e otimistas. Não havia nenhuma razão para mencionar alguns dos movimentos mais agressivos que seu pai e avô fizeram em nome de manter o negócio da família prosperando.

Quando eles pararam no estacionamento ao lado do seu apartamento, seus olhos estavam quase fechados. Ele afastou uma mecha de cabelo sobre o ombro.

— Você parece cansada. — Ele sorriu um pouco.

— Eu me sinto cansada. Ouça, provavelmente não vou ser a melhor companhia.

Ele balançou a cabeça e a puxou mais perto que pôde com o console no meio do caminho. — Cassey, você não tem sempre quem me entreter. Eu tenho o meu laptop. — Ele apontou para a bolsa escura em seu banco de trás. — E eu tenho um trabalho que posso fazer.

Ela suspirou e descansou a cabeça em seu ombro. — Que tal um chocolate quente e um filme antigo em vez disso?

Ele sorriu. — Soa maravilhoso.

Uma hora mais tarde, seu braço esquerdo estava completamente adormecido atrás de seu pescoço enquanto ela dormia tranquilamente em seu ombro. "*Inferno na Torre"* passava tranquilamente no "set". Ele tinha colocado o volume no mínimo quando viu os olhos dela fecharem pela quarta vez. Suas canecas de chocolate quente estavam sobre a mesa de café, vazias. Ele tinha feito uma grande tigela de pipoca com caramelo no micro-ondas, que ela mal tinha tocado.

Ele sabia que ela estava muito estressada, graças ao seu pai. Na verdade, ele tinha certeza de que nas próximas semanas, ele iria lidar com alguns de seus próprios problemas por causa de sua família.

Ele queria terminar uma parte do trabalho que esperava ter completado hoje, antes de ser levado por seu pai.

Movendo-se, ele pegou Cassey e facilmente a levou para o seu quarto. Ela gemeu baixinho, depois, se aconchegou mais perto dele enquanto ele andava de lado pela porta do quarto. Deitando-a suavemente em sua cama, ele observou como ela se aconchegou em seu travesseiro macio. Ele tirou seus sapatos baixos e sorriu para as unhas dos pés rosa brilhante. Ele sentira falta dela nas últimas semanas; seus dedos dos pés eram o mais bonito que ele já tinha visto. Seus tornozelos não eram ruins. Ele sorriu enquanto seus olhos seguiram suas longas pernas por cima de seu corpo. Ela tinha um corpo maravilhoso, ele pensou, enquanto seus olhos descansaram em seus cílios. Ele franziu a testa quando notou os círculos escuros sob seus olhos.

Caminhando para a sala ao lado, ele pegou seu laptop e começou a trabalhar, tentando não pensar em qualquer coisa que seu pai iria jogar nele nas próximas semanas.

À meia-noite, ele pensou que tinha todas as suas bases cobertas. Ele tinha enviado e-mail a todos os empreiteiros que tinham trabalhado com ele, bem como o seu contato no escritório da cidade para confirmar que suas licenças não seriam perturbadas. Ele até fez um comunicado à imprensa, e o enviou para vários jornais locais ao longo da costa. Ele pensou que uma vez que a informação sobre o seu negócio estava fora, não haveria como pará-lo.

Ele se levantou, esticou as mãos sobre a cabeça, e virou seu pescoço. Ele estava um pouco duro, uma vez que o seu treino tinha sido interrompido por seu pai, e não tinha conseguido se acalmar. Andando pelo corredor, ele tirou seus tênis e subiu na cama. Cassey rolou no sono e se aconchegou ao seu lado. Ele colocou seu braço em volta dela e fechou os olhos. Pela primeira vez em semanas, se sentiu em paz.

****

Cassey estava de volta à sua antiga casa, olhando ao redor no quarto escuro. Ela prendeu a respiração enquanto alguém passava. Ela rezou para que fosse seu pai, mas pela forma como o assoalho rangeu sob o peso extra poderia dizer que era Kimberly. Dos dois, Kimberly era pior. Seu pai normalmente só ficava bravo com ela quando ele estava cansado ou com fome, mas Kimberly era furiosa o tempo todo.

Não havia luz suficiente no pequeno quarto para ver nada, então quando a porta se abriu e luz inundou, ela fechou os olhos por causa do brilho ofuscante. Seu coração batia em seus ouvidos, ensurdecendo-a, então agora ela estava cega e surda para o que ia acontecer a seguir. Seu braço foi puxado com força quando ela foi levantada do chão. Seu pequeno braço estalou quando ela foi retirada da área do armário, e quando ela tentou se levantar, suas pernas dobraram debaixo dela, porque tinha estado sentada por muito tempo.

Nenhuma palavra foi falada quando as mãos grandes tentaram fazê-la caminhar, empurrando-a para frente. Ela tropeçou quando as pernas começaram a funcionar. Seus olhos ainda estavam fechados com a luminosidade da sala. Quando ela caiu, ela caiu com força sobre suas mãos e joelhos e, quando seus olhos se abriram, ela gritou.

— Cassey! — Luke a sacudiu várias vezes e, finalmente, seus olhos se abriram. — É apenas um sonho. — Ele a abraçou enquanto seu coração batia freneticamente em seu peito. Suas mãos tremiam quando ela colocou os braços ao redor de seus ombros.

Os sonhos sempre voltavam quando ela estava estressada. Ela deveria ter esperado o pesadelo depois do que tinha acontecido ontem. Ela sabia o que vinha depois que seus olhos se abriram, o quão perto de certa surra ter acabado com ela. Tinha demorado dias antes de ela ter sido capaz de abrir a mandíbula e meses antes que ela pudesse andar novamente.

Quando seu pai chegou em casa, Kimberly tinha dito que ela tentou chamar a polícia. Ela nem sabia como usar um telefone, muito menos como chamar alguém para ajudar. Mas seu pai acabou fazendo um lugar para ela se deitar no porão, e que se tornara sua nova prisão, até que finalmente ela escapou naquela noite fatídica.

— Eu estou bem agora, — disse ela em seu peito. Quando ele se afastou e a olhou, ela percebeu que a luz do seu lado da cama estava acesa. Ela se perguntou quanto tempo demorou para acordá-la. Quando ela estava morando em casa, às vezes precisava dos seus três irmãos para que seus olhos finalmente se abrissem e sua mente se libertasse dos sonhos.

Seus olhos demonstraram sua preocupação. — Você tem certeza? Você estava gritando tão alto. — Ele a aproximou mais uma vez para um leve abraço.

Assentindo com a cabeça, ela fechou os olhos por um momento para apreciar a sensação dele ao lado dela. Tinha sido muito tempo. Ela tinha esquecido como ele se sentia como ele cheirava. Então, ele se afastou e sentou encostado na cabeceira da cama.

Ela suspirou e o seguiu. — Eu sei que você quer saber o que é tudo isso. — Quando ele assentiu, ela descansou a cabeça contra a cabeceira da cama e começou a esfregar a testa. A dor de cabeça que vinha depois dos sonhos já tinha começado. — Eu já lhe disse como os Graytons salvaram meus irmãos, minha irmã e eu. Quando eu tinha sete anos, eu fugi do meu pai e madrasta. — Ela abriu os olhos e olhou para ele.

Ele tinha relaxado um pouco e estava esperando pacientemente para ouvir sua história.

— Até que eu tinha cinco anos, eles me mantiveram trancada em um pequeno armário. Só me permitiam sair uma vez por dia para ir ao banheiro. Se eu tivesse acidentes, eles me batiam, então cedo aprendi a me controlar. Eles pouco me alimentavam, e também não me deixavam beber muita água. Eu devia ter por volta de seis anos quando Kimberly, minha madrasta, me bateu tanto que fiquei confinada a uma cama no porão durante meses. Aquele espaço de três metros por dois e meio no porão se tornou minha cela. Eu agora tinha um chão de terra, que eu poderia usar como um banheiro a qualquer hora que eu quisesse, e espaço suficiente para andar e usar minhas pernas, pela primeira vez na minha vida. Minhas pernas ficaram mais fortes, e uma noite, eu subi em uma pilha de lixo no porão e me rastejei pela janela. Corri até perder as forças e, em seguida, me escondi debaixo de uma árvore. É aí que meu anjo da guarda me encontrou. — Ela sorriu, lembrando-se de ver Lilly pela primeira vez. — Ela observou a casa durante semanas, sabendo que havia uma criança que vivia lá, mas nunca me vendo. Meu pai continuava dizendo a eles que eu tinha morrido com a minha mãe, mas Lilly nunca desistiu. Eu tinha saído de casa três vezes na minha vida. Na terceira vez, alguém tinha me visto me escondendo no caminhão do meu pai e chamou o serviço social. — Ela sorriu. — Você sabe, a única razão pela qual eu estava no caminhão aquele dia era porque era meu aniversário. Meu pai pensou na pequena viagem para o posto de gasolina como uma espécie de presente de aniversário. Metade do tempo, eu mantive meus olhos fechados com força, porque eu não estava acostumada com as luzes brilhantes.

— Me fala, pagaram pelo que fizeram com você. — Sua voz era baixa, e ela podia ver a raiva em seus olhos.

Ela assentiu com a cabeça. — Por um tempo, sim. Quando eu estava na escola, eu ouvi os Graytons falando que ambos haviam saído da prisão. Durante anos, tive medo que eles me caçassem e me fizessem pagar. Mas eu não ouvi ou os vi desde então, e parei de me preocupar que eles iriam me encontrar.

— Eu só posso imaginar quão horrível viver assim deve ter sido. — Ele a puxou para perto e beijou o topo da sua cabeça. — Como você se recuperou de algo assim?

— Os Graytons foram à única razão pela qual eu superei tudo tão rapidamente. Eles, os meus irmãos e Marissa. Ao ouvir o que cada um deles haviam passado me ajudou a me recuperar e aprender a confiar.

— Você é incrível. — Ele se afastou e olhou-a enquanto ela sorriu para ele.

— Eu só tenho os sonhos quando meu dia é estressante. — Ela franziu a testa um pouco.

— Eu tenho pensado em sua situação. — Ele olhou para o relógio. — Mas é muito cedo para falarmos de negócios agora. — Ele a puxou para baixo até que eles estavam deitados. Ela se moveu ao seu redor até que ele estava de conchinha com ela, sua boca junto ao seu ouvido. — Descanse um pouco mais. — Ele beijou seu pescoço, logo abaixo da orelha. — E desta vez sonhe comigo. — Ele a beijou suavemente novamente.

Ela sonhou, e quando acordou três horas mais tarde, se sentiu totalmente revigorada. Não doía ter o corpo quente de Luke ao lado dela. Seus braços estavam envolvidos firmemente ao redor dela no sono. Quando tentou se mover, ele a puxou para mais perto enquanto ela ria.

— Bom dia. — Ela se virou e olhou em seus olhos castanhos.

— Hmmm. — Ele se inclinou e deu um beijo quente em seus lábios. — Sim, é. — Ela podia sentir suas pernas se envolverem em seus quadris enquanto ela passava as mãos sobre os ombros dele. — Você sonhou comigo?

Ela corou um pouco, lembrando como o resto dos sonhos de sua noite tinham sido. Vendo seu rubor, ele sorriu lentamente. — Importa-se de me dizer exatamente o que eu fiz para você em seus sonhos que poderia causar isso?

Ela riu e depois ficou séria. — Que tal eu te mostrar? — Ela se inclinou e olhou para ele enquanto colocava um beijo suave nos lábios. Suas mãos foram para seu cabelo, segurando sua boca na dela. Em cima dele, sentiu seu desejo matutino, que combinava com o calor que se espalhou por todo o corpo. Ela tinha tirado a roupa no

meio da noite, e agora ela usava um par de shorts preto e um top preto. Suas mãos percorreram seus quadris enquanto ela pressionava seu desejo no dele.

Ela sentiu seus quadris saltarem quando o atrito entre eles aqueceu. Seu short de ginástica cinza foi fácil de puxar para baixo de seus quadris. Removendo sua camiseta, encharcou-se ao vê-lo. Parecia que ele tinha malhado muito desde a última vez que o vira. Seus braços pareciam maiores; os músculos estavam mais definidos quando ela passou os dedos sobre cada um deles.

— Mmmm, eu gosto. — Ela olhou em seus olhos e sorriu. Ele flexionou sob seu toque, e ela não conseguiu parar de mergulhar sua cabeça para lamber seu caminho até seu umbigo. Ela levou o seu tempo a explorar o pacote de seis ao longo do caminho.

Quando ela o agarrou, ele gemeu, fechou os olhos e disse baixinho: — Você está me matando.

— Agora você sabe como eu me sinto quando você me toca. — Ela sorriu enquanto seus quadris se moviam sob seus dedos. Suas unhas escavaram em seus ombros, puxando-a para cima até que ela estivesse bem acima dele.

— Agora. Meu Deus, Cassey, agora, — ele gritou.

Enquanto observava seu rosto, ela deslizou lentamente para baixo em todo seu comprimento. Como ela tinha ficado quase duas semanas inteiras sem isso? Sem ele?

Quando ela começou a se mover, ele usou suas mãos em seus quadris para empurrar e puxá-la, e depois virou a posição, quando disse: — Muito lento.

Quando suas costas bateram no colchão, ela soltou uma risadinha nervosa, então um gemido, quando ele puxou seus joelhos até seu peito e empurrou mais profundo, mais rápido.

Seus olhos se encontraram com os dela enquanto ele batia seus quadris nela. Sua respiração se tornou difícil enquanto uma pequena gota de suor se formava em sua têmpora. Suas mãos eram ásperas quando ele gentilmente a abaixou e segurou seu seio. Quando ele se inclinou e colocou um beijo ardente em seus lábios,

ela fechou os olhos e empurrou seus quadris com sua liberação, sabendo que ele estava logo atrás dela.

Eles ficaram ali por algum minuto, até que recuperou o fôlego. Então ele a ergueu em seus braços e a levou para o chuveiro.

Ele sem pressa usou o sabão e as mãos para limpá-la gentilmente. Ela estava tão relaxada no momento em que ele saiu do chuveiro, deixando que se enxaguasse que seus joelhos pareciam ser feitos de pudim.

Poucos minutos depois, quando ela finalmente saiu do banho, sentiu o cheiro de comida e o ouviu batendo em torno da cozinha.

Ela vestiu uma calça “legging” e uma camiseta larga, penteou o cabelo e aplicou uma pequena quantidade de maquiagem. Quando saiu para o pátio, ela o viu teclando em seu laptop. Havia dois pratos cobertos dispostos em cima da mesa ao lado dele. Quando olhou para cima, ela sorriu para ele.

— Você não tem que fazer o café da manhã. — Ela se sentou e descobriu o prato. Continha uma grande pilha de rabanadas e ovos mexidos. — Uau, isso deve ser o seu prato. — Ela o moveu em direção a ele.

— Não. Eu não consigo cozinhar pequenas quantidades. Eu acho que é uma coisa aprendida. Quando eu começo a fazer rabanada, eu costumo fazer todo o pão. — Ele riu.

— Bem, se eu comer tudo isso, hoje você vai ter que me rolar por aí. — Ela riu e comeu uma garfada de comida. A Rabanada está perfeita. A crosta estava crocante e ele acrescentou uma pitada de canela e mais alguma coisa que ela não conseguia identificar.

— Manteiga de amendoim, — disse ele, sorrindo para ela.

— Hmmm? — Ela olhou para ele em interrogação.

— O ingrediente secreto é manteiga de amendoim. — Ele apontou para a rabanada e sorriu.

— Você coloca manteiga de amendoim na rabanada? — Ela olhou para seu prato com espanto.

Ele assentiu. — Na verdade, você espalha um pouco sobre ela quando está quente. Você sabe, em vez de manteiga. Dessa forma, quando você derrama a calda sobre ela, tudo derrete dando esse sabor especial.

— Uau. — Ela deu outra mordida. — Minha nova maneira favorita de comer rabanada. — Ela sorriu para ele e uma pequena parte dela derreteu.



Capítulo 11

Luke estava do outro lado de Cassey e tentou não olhar para ela pela milionésima vez. Seu cabelo estava amarrado para trás com um lenço branco. Ela usava uma camiseta branca e um velho par de jeans desbotados, que parecia malditamente sexy nela. Havia um pouco de poeira em seu queixo e ele podia ver uma gota de suor em sua testa. Ela usava grandes luvas de borracha cor de rosa, e quando ela se abaixou para limpar a prateleira inferior do fogão, ele não conseguia tirar os olhos de como o seu jeans acentuava seu traseiro firme.

— Você está enrascado, mano. — Marcus deu um tapa no ombro dele.

— O quê? — Ele deu um pulo enquanto afastava seus olhos do exótico traseiro da Cassey.

Marcus apontou para a irmã. — Você sabe, eu nunca a vi tão distraída antes.

— Distraída? — Luke olhou para Cassey que estava enterrada até os ombros no grande forno, com os braços e luvas coberto de manchas escuras de sujeira, que ela estava meticulosamente limpando.

Marcus riu e deu um soco em seu ombro novamente. — Desde que eu a conheço há mais tempo, você vai ter que confiar em mim.

Luke balançou a cabeça e tentou voltar a trabalhar, enquanto Marcus continuava a falar com ele, contanto histórias engraçadas de quando ele era jovem.

Eles estavam dentro da câmara frigorífica, removendo produtos vencidos. Havia uma grande lata de lixo que estava quase cheia, mas as prateleiras ainda estavam forradas de produtos que eles poderiam manter. Enquanto o inspetor não permitisse Cassey reabrir, ela só perderia o estoque mínimo.

Menos de dez minutos depois, Marcus recebeu uma chamada em seu celular e saiu para atender.

— Tenho que atender isso, — ele murmurou enquanto saía.

Luke voltou para sua tarefa, que era organizar a seção de carnes congeladas. Ele não era muito de cozinhar, mas sabia que a comida abastecida no pequeno congelador era de alta qualidade. Olhando para um balde de peixe, ele se perguntou o que ela faria com tudo isso, se fosse forçada a fechar por um tempo.

— Isso é ruim, hein? — Cassey perguntou, caminhando até ele, uma carranca em seus lábios enquanto olhava para dentro do balde.

— Hmm? — Ele ergueu os olhos do grande balde de peixe congelado. — Oh, não, eles estão bons.

— Bom. — Ela deu um breve sorriso, e se apoiou contra a parede do congelador. — Bem, eu fiz tudo o que podia fazer com os fogões. — Ela limpou o braço sobre o rosto, deixando uma faixa em sua bochecha.

Ele riu e se aproximou dela. Usando uma toalha, limpou o local. — Você sabe, não há uma partícula de poeira deixada neste lugar. Eu sei que o inspetor vai aprová-lo. — Ele sorriu para ela e passou o dedo pelo nariz dela, então levemente pegou seu rosto e mergulhou um beijo suave. — Mmm, você tem gosto de mel.

Ela riu. — Wendy trouxe alguns de seus biscoitos de mel. Eu perco todo o controle quando se trata deles.

— Mmm. — Ele baixou a cabeça e pegou outra amostra, enquanto ele a empurrou até que suas costas estivessem pressionadas contra a parede. Ele a sentiu tremer e ofegar quando suas costas bateram na parede fria. Rindo um pouco, ele inverteu suas posições até que sentiu o frio entre as omoplatas.

Ela sorriu para ele e empurrou contra seus ombros um pouco mais. — Frio?

Ele balançou a cabeça e riu. — Com você pressionada contra mim, é uma surpresa que não estamos derretendo.

Ela envolveu seus braços em volta do seu pescoço e ficou na ponta dos pés, e começou a beijá-lo novamente. Quando ela se afastou, ele estava começando a se perguntar como a pequena sala não estava cheia de vapor.

— Cassey, vamos decretar a hora do almoço e enviar todos para casa, — ele disse enquanto mordiscava a pele logo abaixo de sua orelha.

Ela riu e balançou a cabeça. — Não é possível. — Ela se afastou. — Nós temos a sala de jantar para limpar depois do almoço.

— Tudo bem, mas pelo menos podemos dar a todos uma longa pausa para o almoço, — disse ele, puxando-a para mais perto.

— Mmm, isso soa...

— Ei, você sabia que seu irmão é um completo idiota? — Disse Marcus, entrando e balançando a cabeça.

Cassey suspirou e deu um passo para trás de Luke. — Eu sei disso há anos, mas você não deve ser tão duro consigo mesmo. — Ela sorriu, e apertou o braço de Marcus levemente.

Ele riu. — Engraçadinha. Eu estava falando sobre Cole. Ele está indo para Austrália. Há um ciclone se aproximando da costa norte de Queensland, e ele está indo para Byron Bay para surfar nas enormes ondas. — Ele balançou a cabeça e franziu a testa um pouco.

— Cole sabe o que está fazendo. — Cassey sorriu, e acariciou o ombro de seu irmão. — Além disso, ele é muito bom no que faz.

— Eu vi algumas das imagens da tempestade lá em baixo. — Ele balançou a cabeça novamente.

Nesse momento, Wendy entrou. — Ei, chefe, vamos parar para o almoço. Você quer que a gente escolha qualquer coisa para você?

— Não. — Ela olhou para Luke e tentou esconder o sorriso. — Estamos resolvidos.

— Onde vocês irão? — Perguntou Marcus, começando a andar com ela. — Eu poderia sair com vocês.

— Estamos indo para...

Luke não ouviu o resto, já que Cassey o empurrava pela porta e pelo corredor.

— Você deve estar morrendo de fome. — Ele riu quando ela o empurrou através de uma porta.

— Faminta. — Ela fechou a porta atrás dela. Uma vez que as luzes estavam apagadas e a porta se fechou, ele não tinha ideia de onde estavam. Quando suas mãos vieram até seu peito, empurrando-o contra a parede, ele percebeu que não se importava mais.

***

Cassey não conseguia controlar o tremor. Seus dedos tremiam quando ela tirou a camisa de Luke de seus braços. Quando ela sentiu sua pele exposta, ela abaixou a cabeça e lambeu sua pele salgada. Seu gosto era melhor do que os biscoitos de mel que ela devorara a menos de meia hora atrás.

Seus dedos foram para o cabelo dela, segurando-a perto de sua pele enquanto ele gemia seu nome repetidas vezes.

— Eu te quero tanto, — ele gemeu enquanto ela lambia seus mamilos lisos. Quando seus dedos alcançaram a fivela do seu cinto, ele se moveu para o lado e inverteu suas posições até que ela foi empurrada contra a parede, com as mãos presas sobre a cabeça.

— Minha vez, — ele gemeu quando afastou sua camiseta e expôs sua pele. Com a mão livre, ele empurrou para baixo o sutiã até que seus mamilos se enrugaram com o ar frio do armário de vassouras. Ela estava tão cega de desejo, que acabou decidindo pelo primeiro quarto que não estava abaixo de zero. No momento, que ele puxou o cós do seu jeans, ela desejou que eles estivessem em seu quarto, e que eles tivessem o dia inteiro para explorar um ao outro.

Suas mãos liberam as dela acima da sua cabeça e viajaram por seu corpo, explorando e fazendo sua pele aquecer por onde ele tocou. Ele puxou seu jeans até ela ficar exposta, então ele correu os dedos sobre sua lingerie de algodão.

— Atraente, — disse ele, enquanto brincava com o tecido macio até que sentiu ela ficar úmida de desejo.

— Luke. — Ela cravou as unhas em sua pele, tentando puxá-lo para mais perto dela.

— Eu sei, — ele gemeu enquanto tirava a calça jeans de suas longas pernas. Então ele enfiou os dedos em seus quadris enquanto corria a boca sobre o peito exposto. Ela estendeu a mão e abriu sua calça jeans, em seguida, envolveu seus dedos em torno de seu comprimento. Ele era perfeito. Poderia passar horas explorando o comprimento dele, curtindo o jeito que ele se sentia em suas mãos.

Com seu jeans pendurado na cintura, quase caiu quando se moveu para se aproximar dela.

Xingando baixinho, deu um passo para trás, tirou os sapatos, e libertou as pernas dos jeans.

Estava muito escuro no pequeno quarto para ver claramente. Ela rapidamente se livrou do resto de suas roupas quando o ouviu remover a dele. Então ele se virou pressionando contra ela, começando um beijo que se aprofundou mais do que qualquer outro que ela já tinha experimentado.

Ele tomou sua perna esquerda em sua mão e a puxou para o alto até que seu joelho estava ao lado de seu peito, expondo-a completamente, e então ele deslizou em

seu calor enquanto ambos gemiam. Sua perna se envolveu em torno de seu quadril, o puxando para mais perto, enquanto ele a empurrava contra a parede.

— Cass, eu não posso... — ele gemeu ofegante.

Ela cravou as unhas em seus ombros enquanto suas estocadas ficavam mais rápidas e mais fortes. Sua cabeça caiu para trás e seus olhos se fecharam para esse milagre. Sua pele estava escorregadia com o calor à medida que a escuridão os cobria, fazendo com que os sentimentos, gostos e sons fossem intensificados. Ela nunca tinha experimentado essa experiência sensorial até aquele momento.

Seus dedos percorreram sua pele, beliscando seus mamilos levemente. Seus lábios correram por seu pescoço, logo abaixo das orelhas, enquanto mordiscava o seu caminho de volta para o lóbulo da orelha.

Quando sentiu que estava perdendo o controle, ela estendeu a mão, agarrou seu cabelo, e puxou sua boca de volta para a dela enquanto sentia a pressão final.

Poucos minutos depois, quando ela acendeu a luz do pequeno armário, tentou não rir. Parecia cena de um filme. Suas roupas estavam jogadas por todo o quarto. Ela encontrou sua calcinha na prateleira de cima com vários rolos de papel higiênico. Seu sapato esquerdo estava em um balde vazio e seu outro estava preso atrás de uma vassoura.

— Eu não sabia que você poderia se divertir tanto em um armário de vassouras. — Ele riu enquanto vestia sua camisa.

Ela sorriu. — Nem eu. Talvez devêssemos experimentar o armário de suprimentos lá em cima algum dia, — disse ela, puxando seus sapatos, enquanto tentava não cair de cara no chão.

Ele riu. — Estou dentro.

Só então, ouviram vozes pelo corredor e pararam de se mover. Ela prendeu a respiração quando ouviu Wendy falar com alguém do lado de fora da porta. Gritando era mais parecido.

— Você é estúpido? — A ouviram dizer. — Ou você apenas quer se matar?

— Nem um nem outro, — Cassey ouviu seu irmão Cole dizer. Ela não sabia que ele ainda estava por aqui. Depois do que Marcus tinha dito, ela esperava que Cole estivesse num avião à caminho da Austrália.

Ela colocou seu dedo sobre os lábios e acenou para Luke, que estava sentado em um balde virado, colocando seus sapatos.

— Eu pensei que você tinha aprendido a lição da última vez. Eu não vou te cobrir novamente — disse Wendy.

— E eu aprecio sua ajuda para evitar que minha família descubra, mas eu posso lidar com isso. Além disso, eu preciso do dinheiro para ajudar Cass.

— Mentira, — disse Wendy. — Você vive para o perigo. É um desejo de morte.

Cole riu. — Eu já te falei, é mais perigoso vir aqui, e sempre comer aqueles seus bolinhos de mel. Um cara provavelmente ficará gordo e preguiçoso neste lugar por muito tempo.

— Então vá, — Wendy gritou. — Veja se eu me importo. — Eles a ouviram se afastar.

— Wendy. — Eles ouviram Cole correr atrás dela.

— Eu não sabia que eles eram um casal, — disse Luke, levantando-se novamente.

Cassey se virou rapidamente. — O quê? — Em seguida, ela riu. — Não, Cole e Wendy não estão namorando. — Ela quase teve vontade de rir novamente, mas algo a deteve. A conversa que tinham acabado de ouvir poderia ter sido facilmente interpretada como uma discussão entre um casal, mas ela tinha certeza. Seu irmão tinha uma mulher diferente em cada praia que surfou.

— Sério? — Ele sorriu para ela e começou a andar em sua direção. — Eles poderiam ter me enganado.

Ela balançou a cabeça. — Eles brigam mais do que meus irmãos. Honestamente, eu não acho que Wendy pode ficar com Cole. Eles se toleram por amor

a mim. É uma relação de ódio, e ódio. — Ela sorriu e envolveu seus braços ao redor do pescoço dele.

— Como costumávamos ter? — Ele sorriu, então baixou a cabeça e deu um beijo suave nos seus lábios.

****

As palavras de Luke se reproduziram repetidas vezes em sua mente pelo resto do dia. Ela tentou se concentrar na limpeza, mas simplesmente não conseguia evitar o que tinha acontecido durante o almoço.

Ela sempre foi capaz de manter seus sentimentos separados de seus relacionamentos físicos. Ela sempre teve um plano, no que diz respeito aos relacionamentos. Manter seu coração seguro tinha sido o objetivo número um em sua vida. Por que, então, ela estava começando a sentir como seu coração não estivesse escutando os objetivos que ela tinha definido para si mesma?

Luke era o filho de seu inimigo, ela continuava a repetir para si mesma. Até agora, ele tinha estado lá para ela, fisicamente e pessoalmente, mas ele simplesmente não era o tipo de homem que ela se apaixonaria. Por um lado, ele era rico. Ela não era um esnobe, mas era realista. Ele cresceu com dinheiro, muito dinheiro. Ele provavelmente nunca experimentou desejar qualquer coisa em sua infância. Em todas as histórias que ele lhe contara sobre sua infância, nunca teve dificuldade em conseguir o que queria.

Ele viveu em um dos hotéis mais bonitos, comeu em um dos restaurantes mais caros, foi para uma escola, e para uma das faculdades mais prestigiadas da região.

No momento em que a noite se encerrou, ela se convenceu de não ter qualquer sentimento por Luke. Era melhor. Ele estava fora de seu alcance.

Quando ela encerrou a noite, olhou novamente ao redor. Na primeira hora da manhã, o inspetor estaria lá, decidindo seu destino.

O lugar nunca esteve tão limpo como agora. Tudo brilhava. Seus irmãos tinham ajudado seus funcionários durante a maior parte do dia, mas depois do almoço, Cole tinha partido para o aeroporto em sua viagem de surf. A notícia tinha se espalhado pelo anoitecer, em todas as televisões, que ele estaria surfando as altas ondas.

Ela não tinha se preocupado até que parou para ouvir um dos conjuntos no bar que estava tocando uma música sobre a tempestade, e ela conseguiu seu primeiro verdadeiro olhar nas ondas que seu irmão estava voando meio mundo para surfar. Marcus andou atrás dela e colocou as mãos em seus ombros e sussurrou: — Ele vai ficar bem.

Ainda assim, ela desejou ter dito algo mais para Cole antes dele partir. Talvez se ela tivesse gritado com ele como Wendy fez, ele teria ficado.

Ela estava em pé no topo da escada, com a mão no corrimão, quando Luke subiu as escadas em direção a ela.

— Não se preocupe. Tudo vai dar certo amanhã. — Ele sorriu e suas mãos em seus quadris.

Ela balançou a cabeça. — Na verdade, eu estou preocupada com o meu irmão.

Ele inclinou a cabeça. — Cole? — Quando ela assentiu, ele sorriu. — Aquele cara é uma lenda. Eu nunca vi um surfista que nasceu para a água como ele, e eu vi alguns dos melhores. Quando eu estava na faculdade, tirei férias em um verão e fui para o Havaí. Passei alguns meses sem fazer nada pelas praias, tentando descobrir o que eu queria fazer na vida. Desde que não consigo surfar, e não era uma ameaça para os moradores, fiz amigos com facilidade. — Ele continuou sua história enquanto pegava sua mão e andava o resto da escada em direção ao seu apartamento. — Bem, eu esbarrei em Maka um dia. — Ele parou e ela viu um sorriso atravessar seu rosto, atingindo os seus olhos.

— Maka? Você quer dizer...

Ele assentiu. — O melhor surfista de sempre. Ele tem mais recordes no surfe do que eles têm para surfar. Bem, Maka decidiu me levar sob sua asa naquele verão. — Ele fez uma pausa quando ela abriu a porta. — Ele me disse que se eu quisesse, eu poderia estar surfando como ele até o final do verão. — Ele balançou a cabeça. — Eu me sentava com ele na praia, e todos os dias ele tentava me convencer a entrar na água. — Ela se virou a tempo de ver um olhar triste atravessar seu rosto. Aproximando-se, ela segurou seu braço. Ele balançou a cabeça e suspirou. — Mas por causa do que aconteceu com Calvin... — Ele balançou a cabeça novamente. — De qualquer forma, eu assisti os surfistas indo e vindo, todos tentando impressionar Maka, ver se eles poderiam convencê-lo a ensiná-los. Maka se sentaria e apontaria o que cada surfista estava fazendo de errado. Então, seu irmão apareceu com um grupo de surfistas. Ele não estava lá para impressionar o grande Maka. Em vez disso, ele foi para um local onde o surf não era tão bom e desfrutou da água. Maka o viu surfando, pegou meu braço e disse: "Aquele ali. Ele tem um *ka'i'ininokekai*[3], coração de água. Ele tem o poder de subir em qualquer onda que ele quiser na vida. Olha como ele se levanta, como ele passeia pelas ondas como se fossem feitas apenas para ele".

— Ele disse isso sobre Cole? — Ela pegou seu braço. Luke assentiu.

— Eu saí no dia seguinte depois que meu pai me localizou e disse que tinha me inscrito para as aulas de verão. — Ele balançou a cabeça. — Cole vai ficar bem. Ele era o melhor surfista na praia do Havaí, e tenho certeza que ele será o melhor na Austrália.

Ela sorriu para ele. — Eu sei que você está certo. Agora tudo o que tenho com que me preocupar é o inspetor amanhã.

Ele riu. — Eu tenho algumas ideias para manter sua mente fora disso. — Ele a puxou e a beijou até que ela não estava mais preocupada com seu irmão ou com o inspetor.

---

[3] Palavra no idioma havaiano.



Capítulo 12

Luke acordou cedo na manhã seguinte. Podia sentir o cabelo de Cassey em seu peito. Seu cheiro doce estava em torno dele, fazendo desejar que ele não tivesse um milhão de outras coisas para fazer naquele dia, em vez de ficar deitado nu com ela na cama o dia todo.

Quando ela começou a se mover sob suas mãos, ele gentilmente beijou sua pele até que ela se acalmou novamente. Então, quando ele deslizou para dentro dela, ele ouviu seu suspiro e observou seus olhos abrirem e se concentrarem nele.

— Bom dia. — Ele sorriu para ela, e ela sorriu de volta, envolvendo seus braços em volta dele. Ele poderia se acostumar com isso. Estar aqui com ela. Acordar ao lado dela, dentro dela.

Eles foram lentos quando o sol nasceu, e, então, porque tinham levado um pouco mais de tempo na cama, tomaram banho rapidamente. Ela pegou um muffin de mirtilo e uma Coca-Cola, correu para fora de seu apartamento, e se dirigiu para seu escritório, onde ela tinha algumas coisas para terminar antes do inspetor chegar.

Ele escolheu se sentar do lado de fora e beber seu café comendo seu muffin de mirtilo lendo o jornal da manhã.

Ele tinha várias reuniões hoje e planejava correr de volta para Emerald Beach para concluir aquela conversa com seu pai. Ele odiava pensar que seu velho iria para

deserdá-lo, como ele tinha ameaçado fazer, mas estava determinado a manter suas armas desta vez.

Quando ele deixou Cassey, ela estava lá embaixo limpando o bar pela milionésima vez. Ele sabia que o inspetor não chegaria pelas próximas duas horas e se perguntou se ela ia sobreviver esse tempo, mas, em seguida, Wendy apareceu e ela pareceu relaxar um pouco.

Enquanto dirigia para seu primeiro encontro, ele pensou sobre a noite passada. Só de estar com ela novamente lhe deu a coragem que precisava para enfrentar seu pai mais tarde naquele dia. Imaginar segurá-la fez com que ele percebesse que poderia superar a difícil reunião.

A reunião com Marcus e o inspetor da construção correu muito bem, o deixando ainda mais alegre. Em seu caminho para Emerald Beach, ligou para o celular de Cassey.

Quando ela atendeu, ouviu um monte de gritos no fundo e ficou preocupado até que ele percebeu que estavam comemorando.

— Parece que o encontro com o inspetor correu bem.

Ela riu. — Melhor do que bem. Estamos prontos para abrir as portas amanhã.

— Isso é realmente ótimo. — Ele sorriu e virou o pisca-pisca ligado, ultrapassando uma mulher que estava apressada demais para chegar a algum lugar. Desde que ele tinha instalado o “viva-voz” um ano atrás, ele sempre imaginou que parecia um tolo, falando sozinho no carro enquanto dirigia.

— Onde você está? — Ela perguntou, e pode perceber que ela tinha entrado em uma sala silenciosa para falar com ele.

— Indo para Emerald Beach. Ele é meu pai. Eu simplesmente não posso deixar as coisas do jeito que ficaram na outra noite.

A linha ficou em silêncio por um tempo. — Espero que as coisas corram bem com o seu pai. — Ele sentiu preocupação em sua voz e se perguntou o que tinha feito para ser abençoado em conhecer alguém que se importava tanto. Mesmo quando seu

pai estava determinado em destruí-la, ela ainda se importava que ele pudesse fazer a coisa certa com o homem.

— Obrigado.

— Eu sei que pode não ajudar, mas acho que ele te ama muito.

Luke não disse nada por um tempo. — Obrigado. Talvez eu tenha que passar a noite aqui. A minha mãe está de volta de Paris hoje, e sei que ela vai querer que eu fique à noite. — Ele podia imaginar ela mordendo seu lábio inferior com esta notícia. — Eu gostaria de poder estar aí para te abraçar agora, — ele disse suavemente.

— Eu também. Eu estava esperando que nós comemorássemos hoje à noite, — ela sussurrou.

Imagens dela brilharam em sua mente, o fazendo sorrir. — Mesmo? O que você estaria vestindo?

Ele a ouviu rir. — Eu tenho guardado uma roupa apenas para esta ocasião. — Sua voz ficou rouca e baixa. — Um bustiê branco, meias arrastão brancas, e você.

— Oh, Deus! — Ele segurou o volante com mais força enquanto sua mente corria.

— Tem certeza de que quer ficar lá durante a noite?

Ele não podia responder. Todo o sangue tinha deixado seu cérebro e acabado em suas calças. Ele queria dar a volta com o carro e dirigir o mais rápido que podia para voltar para ela.

— Luke? — Ela perguntou, rindo.

— Meu Deus, eu quero você tão ruim agora. — Ele desejou poder fechar os olhos e imaginá-la na roupa, mas o tráfego estava ficando pior na estrada de duas pistas e ele estava apenas entrando na cidade, onde parecia outro fim de semana movimentado, repleto de turistas.

— Eu quero você também. Amanhã. — Ele a ouviu falando com outra pessoa. — Escute, eu tenho que ir. Cole sofreu um acidente. Eu falo com você mais tarde. — Ela desligou e ele imediatamente começou a se preocupar.

Ele ainda estava há alguns minutos fora da cidade, então começou a trocar estações do rádio, tentando encontrar algo no noticiário. Enquanto dirigia para o estacionamento em Emerald Beach, finalmente encontrou um canal que relatava que o surfista Cole Grayton havia sido ferido em um acidente de moto em Pensacola quando estava a caminho para o aeroporto. Eles informaram sua condição como boa, mas não tinham mais detalhes.

Quando ele entrou no prédio, estava tão preocupado com a notícia do acidente de Cole que quase passou diretamente por sua mãe e um casal de mulheres que estavam na entrada.

— Oh, você está ai Luke. — Sua mãe correu até ele e o abraçou alegremente. Sua mãe sempre fora elegante. Ela usava a última moda, mantinha-se em forma jogando tênis, e sempre teve diamantes suficientes para justificar um guarda costas.

— Olá, Mãe. — Ele beijou sua bochecha.

— Você se lembra de Jenna Wallace e sua filha Ângela. Eu estava agora dizendo a elas que você deveria estar aqui a qualquer minuto. Elas chegaram para uma visita de fim de semana de Nova York. — Sua mãe segurou seu braço em um aperto forte e o conduziu para as duas mulheres. Ambas eram altas e loiras e poderiam estar na capa de uma revista. Pareciam irmãs em vez de mãe e filha. Ele pode perceber a diferença de idade quando se aproximaram. Ele também poderia dizer que Jenna tinha feito várias cirurgias para parecer tão jovem enquanto sua filha o era naturalmente. Mas isso não nega o fato de que ambas eram mulheres deslumbrantes.

Ao vê-las em pé no saguão, ele soube imediatamente o próximo passo de seu pai. Ele havia namorado Ângela alguns meses antes de Calvin morrer. A relação tinha sido puramente física, e eles tinham terminado de comum acordo. Mas olhando nos

olhos de Ângela agora, ele poderia dizer que ela teria novos motivos. Graças a seus pais, muito provavelmente.

No momento em que ele conseguiu chegar ao seu escritório para que pudesse verificar se havia mais notícias sobre Cole, ele estava com uma grande dor de cabeça. Ângela era uma mulher sensata, mas sua mãe era bastante faladora.

Quando entrou em seu escritório, ficou chocado ao vê-lo completamente vazio. Sua mesa, suas cadeiras, até mesmo seus diplomas tinham desaparecidos. Ele deveria ter imaginado que seu pai daria esse passo. Entrando na sala de conferências algumas portas para baixo, ele abriu seu laptop e começou à procura de mais notícias sobre Cole. Ele não encontrou muito, então mandou uma mensagem para Cassey, deixando-a saber, que se ela precisasse de alguma coisa para avisá-lo.

Ele recebeu um texto de volta, dizendo que Marcus estava a levando para Pensacola para estar com Cole e que ela iria avisá-lo como ele estava uma vez que chegassem lá.

Após uma hora de procrastinação, ele arrumou seu laptop e se dirigiu para o escritório de seu pai. Não ficou surpreso ao ver sua mãe, Jenna e Ângela sentadas no escritório de seu pai como se pertencessem ao lugar. Ele esperava finalmente resolver as coisas com seu pai. Saber que seu pai estava usando os Wallaces como um escudo, teve a certeza de que seu pai estava à beira de ceder.

— Aí está você, Luke. Já era hora de você estar aqui. Sua mãe me disse que você chegou há mais de uma hora. — Seu pai olhou para ele e Luke poderia dizer que ele estava sorrindo porque seu escritório não estava mais lá.

— Só precisava amarrar algumas pontas soltas. — Ele sorriu de volta para seu pai e se sentou na grande cadeira de couro ao lado de sua mãe.

Se seu pai queria jogar um jogo de gato e rato, longe dele para estragar seu plano.

****

Cassey se sentou no banco do passageiro do caminhão de trabalho de seu irmão e sentiu vontade de morder as unhas.

— Você não pode dirigir mais rápido? — Ela se inclinou para frente até que o cinto de segurança travou, empurrando suas costas para o banco.

— Gostaria de poder, mas é uma zona escolar. — Marcus acenou com a cabeça para as luzes amarelas piscando e o ônibus cheio de crianças à frente deles. — Ele vai ficar bem. Roman deve estar lá em breve. Ele nos dará um...

Sua declaração foi interrompida pelo toque de seu telefone. — Aqui, responda. — Ele passou o telefone para ela.

— Alô.

— Cassey? — Ela ouviu a voz de Roman na outra linha. — Estou aqui. Cole está indo bem, apenas uma clavícula quebrada e o braço. — Ela podia ouvir o estresse em sua voz.

— O que é isso?

— O quê? — Perguntou Roman volta.

— Roman, eu posso sentir que você não está me dizendo algo. — Ela se preocupou ainda mais. Se Roman estava escondendo algo dela, sabia que era ruim.

— Não tem nada a ver com Cole. Eu juro, ele está sentado flertando com todas as enfermeiras e comendo gelatina. Não se preocupe com ele. — Ela podia ouvir Cole falando em segundo plano e ela relaxou um pouco.

— Então o quê? — Ela ouviu o nível de ruído cair um pouco e pensou que Roman tinha acabado de sair para o corredor. Ela podia ouvir um monte de máquinas apitando.

— Eu acho que vi Marissa.

— O quê? — Ela se endireitou no assento, o cinto de segurança apertando seu ombro. — Onde? Quando?

— Aqui, apenas alguns minutos antes de eu entrar no quarto de Cole. — Seu irmão suspirou. — Quando eu tentei segui-la, eu a perdi no saguão do hospital. Cass, ela parece à mesma.

— Oh, Roman. — Ela suspirou e se sentou de volta. Foi como da última vez. Até o momento, Roman tinha visto Marissa um total de dez vezes nos últimos dez anos.

— O quê? É o garoto, ele está bem? — Marcus perguntou do outro lado do assento.

Ela cobriu o telefone e concordou. — Se acalme. Clavícula quebrada e braço. Ele já está flertando com as enfermeiras. — O que, essa era a história de Cole, era o melhor sinal.

— Aquele garoto e enfermeiras. — Marcus balançou a cabeça e se concentrou em dirigir.

— Roman, vamos falar sobre Marissa quando chegarmos lá. Como uma família. — Ela o ouviu suspirar.

— Ok, mas desta vez eu sei que era ela.

Quando chegaram, encontraram Cole sentado em sua cama de hospital, uma jovem enfermeira de pé sobre ele, tomando sua pressão arterial e outra verificando sua IV. Todo mundo sabia que só precisava de uma enfermeira para fazer o trabalho, então quando a outra entrou, todos riram.

— Sr. Grayton precisa descansar agora, — disse uma enfermeira duas horas depois. Cassey percebeu que seu irmão parecia cansado, então saíram para jantar no hotel que Marcus tinha reservado para eles nesta noite.

Enquanto estavam sentados comendo Poboys[4] e bebendo cerveja, Roman trouxe Marissa para a conversa.

— Será que iremos simplesmente ignorar o fato de que eu vi Marissa? — Ele tomou outro gole de cerveja.

— Não. — Cassey baixou o copo. — Tem certeza que era ela? — Quando ele assentiu, ela continuou. — É só que parece que você é o único que sempre a vê.

— Eu não sei o que te dizer. Era ela. Seu cabelo está mais curto, mas ela parece à mesma. — Roman fechou os olhos.

Cassey se lembrava perfeitamente de sua irmã, mas se perguntava se iria reconhecê-la se passasse por ela. Fazia dez anos. Ela tinha mudado muito ao longo dos anos; Marissa era obrigada a ter mudado também.

— Eu perguntei a todos os enfermeiros. Parece que Marissa estava perguntando por Cole, mas quando ela descobriu que ele estava bem, ela saiu. A enfermeira da recepção até mesmo confirmou que ela disse que era sua irmã. — Ele franziu a testa. — Mas ela deu à mulher o seu nome.

— Meu? — Cassey franziu a testa. — Por que Marissa usaria o meu nome?

— Eu não sei, mas pode ser uma das razões por que não a encontramos antes. Nós nunca pensamos sobre ela usando o seu nome antes, — disse Roman, franzindo a testa para sua cerveja.

Depois do jantar, eles se dirigiram para o pequeno hotel, onde ela ligou para Luke e deixou uma mensagem de voz, o atualizando da condição de Cole.

Quando finalmente adormeceu, sonhou com sua irmã e o dia em que ela chegou a Spring Haven.

Ela acordou algumas horas mais tarde com seu telefone tocando.

— Como você está? — Luke perguntou baixinho ao telefone.

[4] Sanduíche de baguete com rosbife.

— Estou bem. Melhor agora que sei que Cole está bem. Como foram as coisas com o seu pai?

Ela o ouviu suspirar. — Elas não foram. Ele usou alguns velhos amigos para distrair todos durante a noite. Parece que eu vou ficar preso aqui este fim de semana. Você vai voltar amanhã?

— Sim, eu vou estar de volta a tempo de abrir para o almoço. Wendy disse que iria lidar com tudo, mas desde que Cole está bem e muito provavelmente será liberado amanhã, não vejo razão para ficar mais tempo.

— Isso é bom. — Ele suspirou novamente. Após um momento de silêncio, ele disse: — Me fale mais sobre aquele 'bustiê' branco.

Ela riu e teve um dos melhores e mais quente sexo via telefone.

Quando ela entrou no hospital na manhã seguinte com seus irmãos, eles pararam no balcão da recepção e perguntaram por Marissa, sem sorte.

Quando levaram Cole menos de uma hora depois, havia uma fila de enfermeiras que acenaram adeus para ele.

— O que posso dizer? — Ele sorriu enquanto Roman o ajudava a entrar no carro. — Valeu a pena a dor. — Ela observou Cole encolher-se quando ele bateu seu ombro. — Quase.

Voltando para Surf Breeze, ela e Marcus comentaram sobre a possibilidade de Marissa estar usando o seu nome, e por que ela sentia que tinha que se esconder de sua família.

— Você acha que teve alguma coisa a ver com a briga que tivemos na noite anterior? — Perguntou ela. Todo mundo sabia sobre a pequena briga, e mesmo que ela dissesse a si mesma que não foi uma grande briga – elas tiveram piores – o pensamento ainda passava por sua cabeça ao longo dos anos.

— Não, — Marcus balançou a cabeça. — Eu acho que havia algo a mais acontecendo. Talvez ela só quisesse fugir? Talvez sua mãe tivesse algo a ver com isso.

— A mãe dela? O que você quer dizer?

Marcus se encolheu. — Nada.

— Marcus Wyatt Grayton, você está escondendo alguma coisa de mim. Por alguma razão, eu sempre pensei que a mãe de Marissa tinha morrido.

Marcus balançou a cabeça. — Ela apareceu algumas semanas antes do aniversário de dezessete anos de Marissa. Assustando a todos. Parecia que tinha sido ferida algumas vezes e tinha marcas de agulha em todos os braços. Mas Marissa nunca a viu; pelo menos nós pensamos assim. Chamamos a polícia e a mandamos embora, uma vez que a ordem de restrição ainda estava em vigor naquela época.

— Eu não sabia. — Cassey olhou para suas mãos. A memória de sua última noite com Marissa passando outra vez em sua mente.

Você acredita em destino?

Destino, com certeza, eu acho que sim.

Estou destinada a ser como minha mãe.

Agora desejava que pudesse voltar no tempo e mudar a sua resposta. Qualquer coisa que teria feito a sua irmã ficar.

— Eu gostaria de poder vê-la novamente. Para dizer a ela...

Marcus estendeu a mão e pegou a sua. — Onde quer que Marissa esteja o que quer que ela esteja fazendo, ela está fazendo o seu próprio caminho pelas suas próprias razões. Ela sempre foi inteligente, mais experta que todos nós juntos. — Ele sorriu para ela. Foi uma longa piada como Marissa era um estudante nota dez e no quadro de honra.

— Eu sei. Nunca duvidei que ela esteja lá fora, em algum lugar fazendo o que ela quer. — Ela suspirou e se apoiou contra a janela, observando as árvores passarem. — Eu imaginei sua vida de tantas maneiras diferentes. Espero que ela seja feliz. Tudo que eu sempre quis para ela era sua felicidade.

Marcus apertou a mão dela. — Eu tenho certeza que ela é.

Pelo tempo que eles levaram para chegar até o seu bar, a mente de Cassey estava totalmente focada novamente na abertura do bar e grill. Ela estava feliz em ver que todos os seus funcionários já estavam lá e parecendo muito ansiosos para abrir as portas. Ela subiu as escadas rapidamente para colocar suas roupas de trabalho, e então ela desceu as escadas para abrir. No meio da tarde, ela sentiu que tudo estava de volta ao normal.

Levou um tempo para que ela sentisse que poderia desaparecer em seu escritório, e quando o fez, foi recebida por um grande envelope pardo. Ela o jogou sobre a mesa e foi atender ao telefone, que estava tocando.

— Como está minha garota favorita? — Ela ouviu o homem que viria a conhecer como seu pai perguntando do outro lado do telefone. Mark Grayton tinha estado lá para ela, desde que chegara a sua casa há muito tempo. Depois que sua esposa, Elizabeth, morreu há quase sete anos, Mark tinha sido a mãe e o pai para os cinco. E eles nunca precisaram de qualquer coisa. Especialmente desde que sua filha Julie era como a irmã mais velha que ela sempre sonhou.

— Estou ótima. Abrimos a loja novamente hoje.

— Então, eu ouvi. Aquele teu irmão tem falado na minha orelha. Parece que ele vai ficar comigo até que ele esteja de volta na prancha de surf. — Ele riu. — Aquele garoto sempre está quebrando alguma coisa.

Era verdade. De todas as crianças, Cole sempre fora o mais provável a ter uma torção, gesso ou curativo. Talvez porque ele era o mais aventureiro do grupo.

Ela se lembrava de vários verões onde ele não pode entrar na água devido a ter um gesso ou em seu braço ou em sua perna. Uma vez, ele teve um gesso em ambos. Esse foi o verão que Marcus o desafiou a conduzir seus karts caseiros fora do cais e para o lago. Mas ainda assim, Cole conseguira praticar mais horas de surf do que a maioria de seus amigos. Sem mencionar que ele ganhou três troféus naquele outono e conseguiu vários contratos importantes.

Marcus sempre desafiava seus outros irmãos a fazer coisas loucas. Roman era muito sensato para aceitar a maioria deles, enquanto Cole topava qualquer coisa que parecesse divertido e perigoso.

Ela sorriu, lembrando-se de sua infância com seus três irmãos loucos. — Isso é bom. Tenho certeza que você vai desfrutar de tê-lo por perto.

— Já está deixando sua tia louca. Julie diz que ela está se mudando, caso Cole insista novamente em ouvir sua música muito alta, como ele fazia quando era mais jovem.

Ela sorriu, lembrando-se de todos os bons momentos na velha casa.

— Bem, eu sei que você é uma mulher ocupada, mas eu queria ter certeza de que você virá para Ação de Graças em algumas semanas.

— Ação de graças. Não pode já ser novembro. — Ela olhou para o calendário e, com certeza, era 7 de Novembro.

— Você perde a noção do tempo quando fica muito ocupada. Você precisa de uma semana de folga, e eu sei exatamente o lugar para isso, — disse Mark, rindo.

— Isso soa maravilhoso. Eu estarei lá. Eu poderia até levar um amigo. — Ela pensou em Luke e sorriu. Uma semana no campo é exatamente o que eles precisavam.

— Bem, agora, isso é a primeira vez. Ele vai ser recebido de braços abertos. Vou deixar você voltar ao trabalho.

— Obrigada, pai. — Ela desligou e se perguntou por que ela tinha acabado de prometer levar Luke para umas férias em família. Foi um dos sinais mais reveladores. Conhecer a família de alguém significava que estava falando sério. Então, a pergunta travou em sua mente – eles eram sérios?



Capítulo 13

Luke finalmente teve um momento com seu pai mais tarde naquela semana, ele tinha tido o suficiente das Wallace. Parecia que onde quer que fosse lá estavam elas.

Enquanto ele trabalhava na sala de conferência menor no segundo andar, Jenna passou pensando que sua sala de massagem estivesse apenas a três portas. Quando ele foi para um mergulho pela manhã, lá estava Ângela, deitada à beira da piscina, fingindo não se lembrar de que ele nadava todas as manhãs.

A dupla tomava café da manhã, almoço e jantar com sua mãe e seu pai, então ele não conseguia uma refeição com eles, mesmo se tentasse.

Precisou caçar seu pai em um banheiro para finalmente ter um momento a sós com o homem.

— Luke. — Seu pai parecia chocado ao vê-lo no banheiro dos homens do lobby. — Eu estava apenas indo...

— Você quer dizer se esconder, — Luke interrompeu.

— O quê? — Ele observou seu pai lavar as mãos rapidamente. Ele se recostou na bancada de mármore.

— Enfrente papai, você tem usando mamãe e as Wallaces como um escudo. Nós vamos ter que conversar em algum momento. — Ele observou o rosto de seu pai quando constatação veio.

Seu pai secou as mãos e balançou a cabeça. — Muito bem. Por que você não vem até o escritório agora.

Enquanto pegavam os elevadores para o andar superior, ele construiu a coragem que ele precisa para dizer o que tinha de ser dito. Seu pai entrou em seu escritório e andou em torno de sua da mesa e se sentou.

— Carolyn, segure todas as minhas chamadas, — falou em seu telefone e, em seguida, se virou para o Luke. — Ok, o que é tudo isso sobre você comprar terras em Surf Breeze?

Luke sorriu discretamente. Ele sabia que seu pai tinha ouvido a notícia. Afinal, era sobre o que estavam brigando quando Cassey entrou.

Ele levou o seu tempo e se sentou na cadeira em frente ao seu pai. — Eu disse a você. — Ele fez uma pausa, esperando a irritação deixar o rosto do seu pai. Em vez disso, intensificou-se. — Eu estou usando a minha herança para construir um hotel.

— O inferno que você está. — Seu pai bateu as mãos sobre a mesa e se levantou seu rosto estava um tom profundo de vermelho. — Você conhece meus planos há mais de um ano. Isso vai contra a família, e eu não vou ficar parado e assistir você destruir tudo o que eu tenho trabalhado duro.

— Você. — Ele viu o pai começar a andar na frente das grandes janelas com vista para as praias recém-limpas. — Tudo o que *você* trabalhou duro. Meu Bisavô ganhou este lugar por acaso. Vovô trabalhou toda a sua vida para torná-lo o que é hoje, e você o manteve. — Ele se levantou. — Eu não quero ser um homem de manutenção. Eu quero começar sozinho, usando minhas próprias habilidades. Se eu tiver êxito ou não, é comigo.

— Você está fazendo isso por causa daquela garota. — Seu pai se voltou para ele.

Luke balançou a cabeça. — Não. — Ele pensou sobre isso. — Bem, talvez Cassey tenha um pouco a ver com isso. Eu estou fazendo isso porque eu estou cansado de estar na sua sombra. De estar na sombra de Calvin. Ele era o filho que deveria estar ao seu lado, não eu. Eu quero fazer algo por mim. Descobrir quem Luke Callaway é, e talvez ganhar a vida com algo que eu amo.

Isso pareceu desestabilizar seu pai. Ficou na frente dele, olhando para Luke como se ele fosse alguém que não conhecesse.

— E os planos para expandir Crystal Shores?

— Você está lutando uma batalha perdida em Surf Breeze. Além disso, você vai precisar dos moradores te apoiando, e destruir algo que já existe a mais tempo, que a maioria deles, não é o melhor caminho a seguir.

Seu pai cruzou os braços e virou as costas para olhar pelas janelas. Luke caminhou para seu lado, olhando para as pessoas e famílias que brincavam na praia fria. Enquanto permaneciam em silêncio, percebeu que, pela primeira vez em sua vida, dissera ao seu pai exatamente como ele se sentia.

Mais tarde naquele dia, enquanto dirigia pela estrada solitária de Surf Breeze, se perguntou o que seria necessário para seu pai confiar nele completamente. Ele não iria se enganar em acreditar que seu pai deixaria de tentar persuadi-lo a seguir seus planos. Ele sabia que era só uma questão de tempo até seu pai se recuperar, e tentar seu próximo plano.

Se ele conhecia seu pai, enquanto ele estava voltando para Cassey, ele já teria um novo plano em prática. O que o fez pensar sobre como ele poderia garantir o seu futuro, o futuro deles.

Ele tinha se apaixonado por ela, e duro. Não houve um momento que passou durante o dia que ele não estivesse pensando nela. Ele sabia que ela ainda estava com a impressão de que eles estavam apenas tendo um relacionamento físico, mas ele tinha planos para mostrar a ela que ele queria ficar por perto.

Decidido a fazer o primeiro movimento esta noite, ele tentou ficar dentro do limite de velocidade, embora quisesse correr de volta para ela, e começar o seu futuro.

****

Cassey recuou e assistiu a banda se organizar. A noite de sexta-feira era sua favorita. Muitas pessoas que moravam por perto iriam viajar por toda a grande ponte da rodovia para Surf Breeze e desfrutar de uma noite fora. Desde que o seu lugar tinha algumas das melhores músicas ao vivo da cidade, muitos dos moradores terminavam por lá. Ela conhecia a maioria deles pelo nome; todos a conheciam. Porque agora era oficialmente fora da temporada, a multidão no bar e grill estavam abaixo de duas dezenas. Tudo somado, não era uma má noite.

Na verdade, esta última semana, desde que abriu as portas novamente, ela tinha visto um aumento no tráfego. Os moradores saíram em massa para apoiá-la, parando para conversar e deixá-la saber que eles estavam com ela. Até mesmo algumas pessoas que ela não via desde a escola, apareceram.

Foi bom ver todos novamente e sentir o seu apoio.

Muitas vezes durante a semana, ela desejou que Luke estivesse lá. Mesmo que ela passou quase uma hora todas as noites no telefone com ele, tentou se convencer que não estava ficando apegada a ele. Ela sabia que precisava resolver seus sentimentos mais cedo ou mais tarde, mas tentou se manter ocupada, de modo que ela não tivesse muito tempo para pensar sobre isso.

Ele deveria voltar mais tarde naquela noite, e ela tentou não olhar para a porta da frente, mas seus olhos examinavam a multidão, procurando seus olhos escuros e seu sorriso sexy.

Depois que a banda começou a tocar, ela se dirigiu ao seu escritório para uma pausa com uma Coca-Cola na mão. Esta noite foi uma espécie de noite de duas Cocas, então ela tinha que neutralizar o açúcar com um sanduíche na cozinha. Enquanto se

sentava à mesa, comendo seu peru no trigo e bebericando sua segunda Coca, notou o grande envelope que ela havia esquecido.

Rasgando ao abrir, ela puxou o conteúdo e perdeu completamente o apetite. Ela ainda estava sentada lá quando Luke entrou mais de uma hora depois.

— Hey. — Ele sorriu e atravessou a sala para se sentar em seu sofá. Ele descansou a cabeça para trás e fechou os olhos. — Estou contente que essa semana terminou. Você não vai acreditar nas medidas que meu pai tomou para evitar falar comigo. — Ele riu e, então, olhou para ela. — O quê? — Ele se sentou, e a olhou mais de perto. — O que está errado?

— Você não tem que voltar aqui, sabe, — disse ela, tentando esconder todas as emoções que a inundaram desde que abriu o envelope.

— Eu sei, — disse ele, olhando para ela com cautela. — Eu quero ficar aqui, com você.

— Sim, mas se você estava se divertindo com sua família, você deveria ter ficado lá.

— Cassey, o que é isso tudo? Eu lhe disse como foi minha viagem. Como eu temia estar lá, ter que falar com o meu pai.

Ela balançou a cabeça, tentando descobrir por que, de repente, ela se importava tanto. — Eu não gosto de ser enganada.

Ele se inclinou para trás e piscou algumas vezes. — É sobre a terra que eu comprei?

Ela continuou a olhar para ele. Portanto, havia mais do que um segredo que ele estava escondendo dela.

— Escute... — Ele se inclinou para frente novamente. — Eu estava tentando manter em segredo. Pelo menos até que tudo fosse finalizado. Ainda há muito o que precisa ser feito, tantas chances de tudo dar errado.

Ela balançou a cabeça, sem saber o que ele estava falando.

— Eu esperava surpreendê-la na próxima semana, uma vez que recebesse a licença de construção final.

— Licença? — Sua cabeça agora estava nadando. Ela estava tentando o acompanhar, mas tudo o que ela poderia se concentrar eram nas imagens que se encontravam em seu colo.

— Para o hotel. — Ele franziu a testa. — Isto não é sobre o hotel que estou construindo em Surf Breeze?

Ela se levantou devagar, e o conjunto de fotos de Luke e uma mulher loira muito bonita caíram no chão.

— Você vai construir um hotel em Surf Breeze? — Quando ele assentiu com a cabeça, ela saiu de trás de sua mesa. — E você escondeu isso de mim, no caso de algo não dar certo? — Ele balançou a cabeça novamente. Ela caminhou em direção à porta, aparentando raiva em seu rosto. Suas mãos tremiam quando ela alcançou a maçaneta da porta.

Como ela o deixara se aproximar tão rápido? Foi menos de três meses atrás, que ela o encontrou dormindo em sua mesa. E agora percebeu que estava totalmente apaixonada por ele, e ele estava fazendo exatamente o que ela temia – quebrar seu coração.

— Eu não sei quais seus motivos são, mas estou cansada de ser enganada. Você pode se revelar. — Ela se virou e saiu, mas em vez de descer as escadas, ela subiu em direção ao seu apartamento. Sua cabeça doía, e no momento só queria voltar para seu quarto, e chorar sozinha.

Quando ela chegou à porta, Luke estava ali, a alcançando.

— O que é isso? — Ele levantou as fotos que ela estava segurando alguns momentos atrás.

— Elas parecem ser fotos de você nos últimos dias. — Ela empurrou seu peito e franziu a testa quando ele não se mexeu um centímetro. — Se você quisesse terminar com isso tudo... — ela fez um sinal ao seu redor, atirando os braços violentamente —

tudo o que tinha a fazer era falar. Eu não gosto de ser enganada ou induzida. Por que você não explica o motivo de alguém estar as enviando para mim, enquanto você está nisso.

Ele deu um passo para trás, uma carranca em seus lábios quando um vinco apareceu entre as sobrancelhas. — Eu não posso acreditar nele. — Ele balançou a cabeça. — Maldição.

Ela cruzou os braços sobre o peito enquanto estava ali. E então a surpreendeu, começando a rir.

— O quê? — Ela começou a sentir sua energia desaparecer. Levantou a mão, esfregou sua testa.

— Eu sinto muito, querida. — Ele deixou cair às fotos, e tomou seus ombros em suas mãos. Ela tentou se afastar, mas ainda estava presa à porta. — Algumas dessas são deste fim de semana, mas as mais... mais íntimas são de vários anos atrás. Meu pai pensou que poderia me distrair, convidando minha ex-namorada Ângela e sua mãe para o fim de semana. Não há nada acontecendo entre nós. Honestamente. — Ele a puxou para perto. — Passei uma semana miserável tentando conseguir falar com o meu pai sozinho e lutando contra as atenções de Ângela e nossas mães casamenteiras. Eu queria estar aqui, com você. — Ele sorriu para ela e ela podia ver o cansaço nos seus olhos.

Ela sabia. Afinal, ele tinha passado as noites a aquecendo por telefone. Ele telefonara e mandara uma dúzia de mensagens por dia. Ela se sentia muito mal, até que se lembrou que ele estava construindo um hotel em Surf Breeze, e esta foi a primeira vez que ela tinha ouvido falar sobre isso.

— Eu acredito em você sobre as fotos, mas isso não nega o fato de que eu estou ferida sobre seus planos para construir um hotel. O seu pai mudou seus planos? — Ela esperou, mantendo seu corpo rígido para o que viria a seguir.

Ele balançou a cabeça e passou a mão pelo cabelo. — Vamos entrar e eu vou contar tudo sobre isso.

Quando entraram, ela foi até a geladeira e pegou duas latas de Coca-Cola. Abrindo a dela, tomou um grande gole e fechou os olhos. Por que será que quando a vida parecia ruim, a bebida sempre a fazia se sentir melhor?

— Se sente melhor? — Luke perguntou enquanto se apoiava na bancada, olhando para ela.

Ela assentiu com a cabeça e estendeu uma lata para ele. Ele pegou sua mão e a puxou para a sala de estar, onde se sentaram no sofá.

— Desde que te conheci, eu tenho pensando muito. — Ele tomou um gole de sua Coca-Cola e, em seguida, a colocou sobre a mesa de centro de vidro. — Eu pensei que estava preso fazendo e sendo o que meu pai queria que eu fosse. Trabalhando para os negócios da família, sendo um dos servos do meu pai, sem um futuro real. — Ele se virou e olhou para ela. — Então eu conheci você. — Um sorriso surgiu em seu rosto e seus olhos ficaram mais escuros. — Você me mostrou que eu poderia ter uma chance com o que eu queria. — Ele pegou a lata de Coca-Cola de suas mãos e a colocou sobre a mesa. Pegando suas mãos, ele se virou, até que eles estavam olhando nos olhos um do outro. — Eu nunca pensei que teria uma chance de felicidade. Não depois que Calvin morreu. Eu sempre imaginei que seria um escravo do meu pai. Você me deu a coragem de ir atrás do que eu queria. E... — ele riu, — acontece que o que eu quero é ter o meu próprio hotel. Vai entender. — Ele balançou a cabeça.

— Faz sentido. — Ela tentou sorrir.

— Eu suponho. — Ele encolheu os ombros. — Eu encontrei um terreno na periferia da cidade. Depois de dirigir por ele, eu fui ao meu avô e lhe pedi para liberar a minha herança. Mostrei a ele o plano de negócios que eu havia escrito. — Ele balançou a cabeça. — Porra, se o velho não ficou orgulhoso de mim e me deu a sua total cooperação. Até me disse que se meu pai criasse qualquer problema, o avisasse. É a primeira vez na minha vida que eu realmente me senti como parte da família. — Ele se inclinou para trás e olhou pela janela para o pátio escuro. — Meu pai descobriu, de alguma forma. — Ele deu de ombros de novo e olhou para ela. —

Essa foi a conversa que você interrompeu. Obrigado por isso, a propósito. — Ele sorriu.

— Como é que ele aceitou isso, agora que você teve a chance de falar com ele? — Ela perguntou.

Ele balançou sua cabeça. — Praticamente o mesmo que ele fez na primeira vez que conversamos sobre isso. Embora, eu tive a chance de me explicar muito mais. Houve um momento em que pensei que ele entendeu, mas... — Ele deu de ombros. — Vamos ver como vai ser.

Ela olhou para suas mãos unidas, não tendo certeza quando começou a brincar com seus dedos. — Eu sinto Muito. Eu sei quão dolorosos pais podem ser.

Ele sorriu para ela e a puxou para mais perto. — Eu nunca me senti assim por ninguém.

Ela tentou se afastar, sem saber se queria ouvir o que estava por vir. Tinha tentando adiar por tanto tempo, mesmo sabendo que não poderia impedir que chegasse.

— Não, — ele disse levemente. — Não se afaste.

Quando ela hesitou, ele aproveitou a sua hesitação e puxou seu braço até que ela se sentou em seu colo. Ela se viu olhando para as profundas e ricas piscinas de seus olhos, paralisada pela ternura que viu ali.

— Cassey, eu nunca me senti assim por ninguém. Toda a minha vida eu esperei e queria alguém como você para viver junto. Eu sei que isto começou como apenas uma conveniência, mas não podemos nos enganar por mais tempo. Nós nos tornamos muito mais, e eu quero que nossa relação continue a crescer.

— Luke... — As mãos dela foram para o seu peito, tentando segurá-lo, tentando segurar o que ela sentia de volta também.

— Não, não diga nada ainda. — Ele a puxou para perto. — Me deixe mostrar como me sinto. Me deixe estar com você esta noite. Eu só quero estar com você. — Ele inclinou a cabeça para baixo e tomou seus lábios suavemente.

Nos dois meses que eles estavam juntos, houve muita paixão, velocidade e desejo. Mas era a primeira vez que ela sentiu ternura e amor tão fortemente. Ela não sabia bem o que fazer com o desejo que se acumulava. Era diferente de qualquer outra coisa que ela já sentiu.

Ninguém nunca tinha mostrado a ela tanto amor, nunca.



Capítulo 14

Quando ela chegou nele, ele sabia que ela queria velocidade. Por que ele nunca percebera que ela estava evitando a intimidade? Ah, claro, eles fizeram sexo muitas vezes, mas ele percebeu que não tinha mostrado sua verdadeira ternura e é isso que ele queria lhe dar agora.

Ele sabia que ia matá-lo, indo tão lento, mas ele estava disposto a sofrer se isso significasse mostrar a ela como se sentia.

Carregando-a, ele a levou para o quarto. Ele sorriu enquanto ela envolvia seus braços em volta de seu pescoço. Quando ela começou a protestar, ele tomou seus lábios novamente em um beijo lento que o fez parar no corredor. Seus braços tremiam de desejo, e tentou se manter sob controle e lento.

Quando finalmente entraram no quarto, ele a puxou até que ela ficou na frente dele. Suas mãos corriam sobre suas curvas sutis até que ela gemeu e começou a puxar sua camiseta e seu jeans.

Segurando as mãos dela nas dele, ele a empurrou até seus joelhos baterem na cama. — Eu vou fazer amor com você à noite toda, — ele sussurrou em seu ouvido.

Sua cabeça caiu para trás enquanto seus olhos se fecharam. Curvando-se, ele colocou beijos suaves ao longo da lateral de seu pescoço, correndo seus lábios sobre sua pele aquecida até que sentiu pequenos arrepios subirem por toda a sua pele.

— Por favor, Luke. — Ela jogou a cabeça para trás e agarrou seu cabelo.

Como ele poderia saber que a deixando louca com ternura só o faria querer lhe mostrar mais? Ele sorriu e recuou, sacudindo a cabeça.

— Da minha maneira, lembra? Tire suas roupas para mim. — Quando ela começou a puxar a parte superior sobre a cabeça, ele a deteve. — Não, lentamente.

Ela gemeu e fechou os olhos. — Você está me matando. — Ele sorriu e quando ela apenas olhou para ele, pode ver o desejo ardente nos olhos claros.

— Faça, — ele disse calmamente. Ela começou a se mover, tirando sua camisa para cima centímetro por centímetro, expondo a pele macia por baixo. Ele assistiu com espanto quando seus seios apareceram. Sua respiração engatou e alojou no peito dele.

— Você é linda além das palavras. — Ele deu um passo para mais perto, mas ela balançou a cabeça.

— Eu não terminei. — Ela sorriu e, naquele momento, ele percebeu que tinha perdido o controle da situação. Ela lentamente começou a puxar a saia por suas pernas em um strip-tease erótico. Em seguida, ela deslizou as alças do sutiã para baixo dos ombros e, então, se aproximou e desatou, o jogando no chão ao lado dele. Seu sorriso aumentou quando ela se segurou, gemendo e inclinando a cabeça para trás enquanto passava os dedos sobre sua pele.

— Diga-me como se sente, — disse ele, olhando para ela, observando cada movimento seu. Ele percebeu que faria de bom grado qualquer coisa por ela naquele momento. Tudo o que ela precisava fazer era perguntar.

— Suave. — Ela sorriu para ele. — Quente, — ela gemeu.

Ele observou enquanto ela lentamente moveu uma mão por suas costelas e seu estômago plano até que alcançou a calcinha de seda.

— Sim, — ele gemeu, — Se toque.

Ela olhou em seus olhos e acenou para ele. — Sua vez.

Agora era ele quem se apressava para tirar a roupa.

— Não, — ela interrompeu, — devagar.

Seus dedos tremiam quando ele abriu botão após botão. Ele estava enlouquecendo observando seus dedos percorrerem sua pele. Quando ela começou a remover sua calcinha, ele ficou na frente dela apenas com as meias e boxer.

— Espere. — Ela levantou as mãos e acenou para ele. — Sua vez.

— O quê? — Ele piscou algumas vezes.

Ela passou as mãos sobre o peito. — Agora você.

Ele riu. — De alguma forma eu não acho que tem o mesmo efeito.

— Para você, talvez. — Ela sorriu.

Ele deu de ombros e passou as mãos sobre o peito, seguindo seus movimentos. Quando ela chegou ao seu sexo, ele sorriu. — Isso eu posso fazer. — Ele deixou cair a boxer e ouviu sua respiração.

— Lindo, — ela sussurrou.

Ele se aproximou dela, estendendo a mão para ela. Ele segurou seu rosto com as mãos, enquanto colocava seus lábios suavemente sobre os dela. — Tão suave, — ele disse enquanto passava as mãos pelos lados. — Você cheira a flores e tem gosto de mel, — ele gemeu enquanto corria a boca sobre a sua pele.

Lentamente, ele a deitou de costas na cama até que ela olhou para ele, seus olhos cinzentos ficando mais escuros. — Cassey... — Ele sentiu as palavras pararem na sua garganta. Em vez de falar, ele se moveu acima dela enquanto suas mãos o alcançavam.

— Eu sei. — Ela fechou os olhos e ele pensou ter visto uma lágrima no canto do seu olho escorrendo para o colchão.

Depois de se torturar passando as mãos lentamente sobre ela, ele deslizou para dentro dela, e disse às palavras que estava querendo dizer a ela.

****

A cabeça de Cassey estava girando. Ela abrandou sua respiração, mas ainda se sentia muito tonta para abrir os olhos. O que Luke tinha feito com ela?

— Você está bem? — Até o som de sua voz enviava ondas de desejo através de seu corpo.

Percebendo que ela não confiava em sua voz, assentiu e fechou os olhos mais apertados. Quando ela finalmente os abriu, viu Luke sorrindo para ela.

— O quê? — Ela perguntou, tentando se sentar. Ele a segurou no lugar e sacudiu a cabeça.

— Você não pode evitar, sabe.

— Eu não tenho ideia do que você está falando. — Ela tentou afastá-lo, mas ele apenas riu e jogou todo o seu peso sobre ela, prendendo-a ao colchão.

— Ugh! Você pesa uma tonelada. — Ela tentou empurrá-lo enquanto ele ria. — Saia fora.

Ele estava rindo mais forte agora. — Não até que me prometa que não vai me evitar.

— Pare, — ela gritou quando ele enterrou o nariz em seu pescoço e começou a mordiscá-la. No momento em que ele se afastou e a olhou, ela estava rindo muito para dizer qualquer coisa.

— Você promete? — Ele perguntou, e antes que ela soubesse o que estava fazendo, concordou com a cabeça.

— Perfeito. — Pulou da cama e a puxou para cima com ele. — Estou morrendo de fome, — disse ele, quando começou a puxá-la para a cozinha.

— Luke, — ela gritou, — roupas em primeiro lugar! — Ele simplesmente riu ainda mais.

Depois de fazer alguns rápidos sanduíches de manteiga de amendoim e geleia, eles se retiraram de volta para o calor da cama e conversaram. Ela estava evitando ter a conversa e fez tudo o que podia para distrair Luke de falar sobre as três palavras que ele tinha mencionado a menos de uma hora atrás.

— Você está enrolando, — ele disse, colocando o prato de lado. — Você está falando sobre tudo, menos o que precisa ser dito.

Ele estava certo. Ela não podia mais negar suas emoções. Mas então, ela encontrou algo que tirou sua mente completamente para longe da conversa.

— Oh, — ela disse, tomando a última mordida de seu sanduíche. — Eu quase esqueci. Eu deveria convidá-lo a Spring Haven para Ação de Graças nesta quinta-feira. — Ela sorriu quando notou seus olhos ficarem vazios. — Minha tia Julie é a melhor cozinheira do município.

— Ação de Graças? — Ele teve um olhar engraçado em seu rosto e ela se perguntou se tinha cometido um erro ao chamá-lo.

— Sim, você não precisa...

— Eu adoraria. — Seu sorriso cresceu e ele a alcançou. Colocando o prato de lado, os deslizou para baixo até que se encaixaram.

— Você mencionou a sua tia e pai, mas não falou muito da sua mãe. Sra. Grayton?

Ela suspirou e ficou agradecida que a conversa tinha mudado. — Elizabeth Grayton foi a mulher mais forte que eu já conheci. — Ela descansou a cabeça contra seu ombro, e apreciou a sensação de seus dedos penteando seu cabelo longo, para longe de seu rosto. — Quando eu a conheci, seu câncer estava em remissão. Foram necessários vários anos para que ele voltasse e para que ela falecesse por causa dele. — Ela sorriu levemente. — Nunca em todo esse tempo, eu vi essa mulher reclamar ou franzir a testa. Ela não derramou uma lágrima ou ficou com raiva de sua situação.

— Sinto muito, — disse ele, levemente.

Ela assentiu com a cabeça. — Essa mulher nos ensinou mais sobre o sofrimento e paciência do que qualquer outro poderia. Uma das razões que os Graytons nos criaram, foi por causa de Elizabeth e a própria infância de Mark. É a razão pela qual todos nós dedicamos tanto quanto podemos para a casa que Roman construiu a razão pela qual ele continuou com o sonho de nossa família.

— Todo mundo parece maravilhoso. Desde que eu já conheci Marcus e Cole, eu não posso esperar para conhecer todos os outros.

Ela riu. — Você vai se arrepender dessas palavras.

****

Menos de uma semana depois, ela estava sentada ao redor da grande mesa de jantar de madeira, cercada por um bando de loucos, e rindo mais do que ela tinha feito, em um longo tempo. Seus irmãos eram uma fonte constante de entretenimento. Ela mal conseguia se lembrar de um momento em que os três haviam estado juntos, que não a tinham feito sorrir como uma louca.

Claro, Luke estava lá, no meio de tudo. Não só ele parecia que se encaixava, mas soava e agia muito como meus irmãos, pela maneira como ele brincava com minha tia Julie e meu pai, sobre uma coisa ou outra.

— Você realmente não fez isso, não é? — Ele perguntou, olhando-a. Ela tinha perdido o controle da conversa deles minutos antes, quando tinha ficado paralisada pelo modo como Luke estava sorrindo. Parecia que ele realmente estava se divertindo.

— O quê? — Ela sentiu sua respiração acelerar e rapidamente tomou um gole de vinho para esconder sua ansiedade.

Ele se inclinou para mais perto dela, seu sorriso ficando cada vez maior. — Correr daqui até o meio da cidade, vestindo apenas uma saia de hula-hula e cocos.

Ela olhou feio para seus irmãos, em seguida, fechou os olhos, lembrando-se. — Sim, mas não foi minha culpa, — disse ela, enquanto todos caíram na gargalhada.

— Eles me trancaram para fora da casa, e apostaram comigo que eles fariam todas as minhas tarefas, e seriam meus próprios escravos pessoais durante um mês inteiro, se eu fizesse isso. — Ela tentou não rir. Ela tinha treze anos e tinha orgulho o suficiente para não querer perder uma aposta. Ela sorriu, se lembrando de seus irmãos fazendo todas as suas vontades. Foram ótimos esportistas nisso, e desde que eles e Marissa tinham a seguido por todo o caminho, eles tinham uma lembrança maravilhosa, dos cinco em pé na frente da câmara municipal, seus irmãos com os braços em volta de seus ombros enquanto ela usava a saia de hula-hula e cocos de sua apresentação da escola.

O resto da noite correu muito bem. Ela tentou não olhar para Luke e manteve seu coração escondido de sua família, como de costume.

Enquanto estavam sentados em volta do fogo na sala de estar, assistindo a um jogo de futebol, o celular de Luke tocou. Ela o observou virá-lo para baixo, e franzir a testa, e então ele se levantou e pediu licença.

Ela tentou não o ver andar na varanda da frente enquanto ele falava, muito provavelmente com alguém de sua família. Quando ele entrou, ela pode ver que a faísca deixou seus olhos.

Demorou alguns minutos antes que eles estivessem finalmente sozinhos, e ela imediatamente perguntou se estava tudo bem.

— Sim. Eu sabia que eles ficariam chateados por eu estar passando o feriado com sua família, mas eu não sabia o quanto. — Ele pegou sua mão, e saíram para a varanda da frente. A brisa noturna estava fria com o vento soprando através de seu cabelo. Ele tirou seu casaco e o colocou sobre o suéter leve que ela usava. Então, ele foi até o corrimão e se inclinou sobre ele. — Eu gosto daqui. Eu posso imaginar você e seus irmãos crescendo aqui. Perseguindo um ao outro no quintal, correndo pela casa. — Ele se virou e sorriu para ela. — Me dá um pouco de inveja.

Ela caminhou até ele e colocou uma mão em seu joelho. Olhando em seus olhos. — Sinto muito que eles ficaram chateados.

Ele deu de ombros, e se virou para olhar a noite escura.

Apesar do outono ao longo da Costa do Golfo não ser muito frio, eles ainda tinham noites frias. Mesmo os insetos haviam diminuído durante a pequena frente fria que estavam tendo agora. A grama ainda estava verde, e a maioria das árvores ainda tinha folhas, mas o vento frio garantia que eles teriam mais tarde naquela noite alguma chuva.

— Não é como se passássemos os feriados juntos. Faz anos que não tivemos uma refeição de Ação de Graças unidos. Mesmo assim, não era nada assim. — Ele acenou para as grandes janelas, onde podiam ver seus irmãos gritando com o jogo de futebol americano. Eles estavam aplaudindo e, provavelmente, apostando em qual equipe marcaria em seguida.

— Sinto muito, — disse ela, puxando seu rosto para o dela. — Sei como se sente. Eu gostaria que fosse diferente para você.

Ele sorriu e passou os dedos pelos cabelos. — Eu tenho muita sorte de ter você. Estar aqui com você. — Ele se inclinou e deu um beijo suave nos seus lábios. — Eu sei que você não quer ouvir isso, mas eu te amo. Adoro estar aqui com sua família, com você.

Ela sorriu. — Eu acho que estou me acostumando a ouvir. — Era verdade. Desde aquela noite quase uma semana atrás, quando ele pronunciou essas palavras pela primeira vez, ele fez questão de dizer a ela muitas vezes. Ela ainda não sabia se haveria um dia em que poderia facilmente ser capaz de dizer isso de volta para ele. Afinal, ela nunca tinha tido isso antes com outro qualquer homem.

— Eu gostaria da sua permissão para me mudar para a sua casa. Você sabe, em tempo integral.

Ela pensou sobre isso por um momento. Ele já estava praticamente morando em sua casa. Suas roupas penduradas no armário do quarto de dormir, e vários itens estavam em seu armário de remédios.

Só então, houve um grito alto de dentro da casa. Ambos olharam para ver Marcus pulando para cima e para baixo. Cole ainda estava com o braço em uma

tipoia, mas ele estava bombeando o outro punho no ar e os dois punhos bateram na cabeça de Roman.

— Parece que Roman perdeu a aposta, — disse ela, sorrindo para a cena que sua família fazia. Sua tia e seu pai balançavam a cabeça enquanto riam dos três. — É raro que ele perca, — disse ela, voltando-se para o Luke.

— Eu gosto muito deles, — disse ele.

— Isso é bom. Eu posso dizer que eles gostam de você, também.

— Vamos voltar? Eu estou morrendo de vontade para saber a pontuação. — Ela sorriu.



Capítulo 15

As semanas entre o dia de Ação de Graças e o Natal foram ocupadas para ele. Luke achou difícil encontrar tempo para voltar à Emerald Beach. Ele queria terminar a conversa com seu pai e, talvez, ver o que ele estava fazendo. Não era como se seu pai fosse sentar-se e não ter um plano em andamento.

Enquanto dirigia pela estrada, pensou em seus próprios planos, planos que incluíam pedir que Cassey se casasse com ele. Ele achava que o feriado de Natal era a melhor data. Podia imaginar a pedir em casamento na praia.

Ela ainda tinha que dizer que o amava também, e toda vez que ele dizia a ela, um olhar estranho atravessava em seu rosto. Ele se considerava um homem muito paciente, mas realmente queria que ela dissesse a ele o que estava acontecendo, porque ela se trancou. Poderia dizer que ela se importava com ele; afinal de contas, ela o deixou oficialmente se mudar, algo que nunca tinha acontecido antes, de acordo com Wendy. E de acordo com os seus irmãos, isso era algo que pensaram que nunca iria acontecer.

Quando ele chegou ao hotel, percebeu que o carro do seu pai não estava estacionado em frente. Franzindo a testa, ele entrou no edifício e foi rapidamente abordado por um dos funcionários.

— Oh, Sr. Wallace, estou tão triste de saber sobre o seu pai. — Ela olhou por cima do ombro, em seguida, de volta para ele. — Você pode dizer a ele que todos nós estamos torcendo para ele ficar melhor?

— Do que você está falando? — Ele tinha a sensação que seu estômago afundava, e depois de olhar ao redor do Lobby, percebeu todo mundo o olhando esquisito.

****

Menos de uma hora depois, ele estava em pé ao lado de seu pai, uma carranca profunda em seus lábios enquanto olhava para o homem que nunca esteve doente por um único dia em sua vida. Um AVC na idade de cinquenta e oito anos. Luke nunca tinha visto isso acontecer. Nem qualquer outra pessoa, inclusive sua mãe, que estava ao lado dele, segurando sua mão.

— Estávamos tomando chá com os DeFords. Você se lembra o simpático casal com propriedade no condomínio ao lado da nossa, em Maui. De qualquer maneira, seu pai tem se sentindo um pouco mal desde a Ação de Graças. — Sua mãe olhou para seu pai enquanto ele dormia em um estado drogado. Ela balançou a cabeça enquanto uma lágrima caiu pelo seu rosto. — Ele simplesmente caiu. No começo eu pensei que estava brincando, — Ela estendeu a mão e limpou a lágrima rapidamente.

— O que os médicos disseram?

— Que ele está estável agora. — Ela balançou a cabeça. — Eles disseram que ele poderá ter algum dano permanente, mas só saberão quando ele acordar.

— Ele não acordou ainda?

— Não. — Ela rapidamente limpou mais algumas lágrimas.

— Mãe... — Ele começou a se desculpar por não estar lá, mas só então o telefone tocou. Ao ver o número de Cassey, ele se desculpou saindo do quarto.

— Hey, então eu queria saber se você vai ficar aí em cima esta noite?

— Sim, Cassey, meu pai teve um AVC, — deixou escapar. Não sabia o que sentia; suas emoções eram difíceis de explicar. Ele sentia raiva e tristeza ao mesmo tempo. Se seu pai não tivesse sido tão viciado em trabalho toda a sua vida, talvez ele não tivesse tido o derrame.

— Ah não. Luke, eu sinto muito. Em que hospital ele está? — Ele disse a ela.

— Eu estarei aí em breve. Eu sinto muito. Precisa de alguma coisa? — Perguntou ela.

— Não, só de você. — Ele não podia explicar, mas ele só sabia que com ela ao seu lado, poderia lidar com tudo que teria de fazer.

— Eu estarei aí. Dê-me uma hora para acertar algumas coisas por aqui primeiro.

Quando ele voltou para o quarto, os olhos de seu pai estavam abertos. Sua mãe estava sentada ao seu lado, com lágrimas descendo de seu rosto.

Era tão difícil de explicar, mas ele desejava poder estar em qualquer lugar, menos naquele quarto naquele momento.

— Veja, aqui está ele Jeffery. Eu disse que ele tinha vindo. — Sua mãe acariciou a mão de seu pai. — Eu já chamei uma enfermeira, — ela disse quando ele fez um movimento em direção à porta para chamar.

Ele ficou de lado quando várias enfermeiras entraram, seguidas por um médico, alguns minutos depois. Ele observou enquanto todos se movimentavam em torno de seu pai. Cada vez que alguém se afastava, ele notou que os olhos de seu pai estavam colados nele. Então, eles foram convidados a sair enquanto eles examinaram seu pai mais de perto.

De pé no corredor, abraçando sua mãe, ele percebeu que ainda não tinha dito nada a ela. Ela apenas segurou em sua camisa e chorou silenciosamente.

Demorou quase 15 minutos antes que o médico saísse da sala novamente.

— Bem? — Sua mãe segurou seu braço com força. — Como está Jeffery?

— Seu marido sofreu um leve AVC. — Sua mãe fungou. — Ele é jovem e está em forma, o que conta a seu favor. Mas ele sofreu alguns danos. Se é temporário ou permanente, não posso dizer; ainda é muito cedo para afirmar. Ele vai precisar ficar aqui até vermos melhorias. Logo que ele for para casa, vai precisar de cuidados até que esteja de pé novamente.

— E quanto ao trabalho? — Luke deixou escapar.

O médico balançou a cabeça. — Não tenho certeza. Ele tem um longo caminho pela frente para sua recuperação.

Sua mãe agarrou seu braço ainda mais apertado. — Podemos voltar?

— Sim, mas apenas família neste momento. Vamos transferi-lo para um quarto privativo na parte da manhã.

Quando entrou no quarto, sua mãe soltou seu braço e correu para o lado de seu pai.

— Eu estou aqui, Jeffery, — ela disse, mais e mais. — Luke está aqui, também, — ela disse, quando percebeu os olhos dele em seu filho. — Venha até aqui, Luke. Diga alguma coisa para o seu pai.

Luke se aproximou da cama. Seu pai estava deitado ali, parecendo velho e frágil, pela primeira vez em sua lembrança.

— Eu estou aqui, — disse ele, ouvindo sua voz quebrar um pouco.

— Calvin? — Os olhos de seu pai se iluminaram e o coração de Luke se partiu mais uma vez.

****

Cassey correu para o elevador e ficou surpresa ao ver Luke parado em frente às portas, com duas xícaras de café em suas mãos.

— Luke, — ela gritou quando as portas se abriram. Correndo, ela chegou ao interior pouco antes das portas se fecharam.

— Hey. — Ele sorriu para ela depois de piscar algumas vezes.

— Você está bem? — Ela perguntou, o ajudando com o café.

— Sim. Estou feliz por você estar aqui.

— Como está seu pai?

— Ele está acordado. — Olhou para cima quando o elevador começou a apitar, então se inclinou e apertou o botão do quinto andar. — Foi um AVC leve. Parece que ele vai ter que ficar aqui por alguns dias.

— Luke, eu sinto muito. — Ela tomou sua mão livre na dela e o observou assentir em resposta.

— Você não tinha que vir até aqui.

Ele parecia tão triste que ela envolveu seu braço livre em torno de sua cintura. — Eu queria estar aqui com você.

Quando entraram no quarto de seu pai, ela viu sua mãe pela primeira vez. Ela não sabia por que não pensara que a mulher estaria lá, mas o pensamento simplesmente não tinha passado em sua mente. Ela era bonita. Seu cabelo escuro estava na altura dos ombros e estilizado em um prumo na moda. Ela usava calças brancas de seda com um top combinando e um lenço verde azulado enrolado em volta de seu pescoço. Grandes brincos de diamante pendiam de suas orelhas e os enormes anéis em seus dedos que provavelmente valiam dinheiro suficiente para alimentar um pequeno país.

— Cassey, esta é a minha mãe, Sophia Callaway. Mãe, esta é Cassey Grayton, minha namorada. — Ele entregou a sua mãe o café.

Cassey reparou que a mão da Sra. Callaway parou quando ela pegou o copo que Luke ofereceu.

— Oh, — disse a mulher, olhando para o marido, que parecia estar dormindo. — Prazer em conhecê-la, — ela disse em uma voz mais estressada. — Eu sinto muito; eles não vão permitir que você fique neste quarto.

— Está bem. Eu estava apenas ajudando Luke com o café, — disse Cassey, entregando Luke o seu copo, em seguida, se voltou para sair. Ela sabia quando não era bem-vinda.

— Cass. — Luke pegou sua mão. — Fique. Mãe, não seja rude. Cassey veio aqui para estar comigo. Para ver como papai estava.

Sra. Callaway olhou entre ela e seu marido. — Bem, tenho certeza que não vai atrapalhar se você ficar por alguns minutos.

— Gostaria de algo para beber? — Luke estendeu o copo.

— Não, obrigada. Eu só queria ter certeza de que estava tudo bem. — Ela se sentia estranha e desejou que Luke tivesse a deixado ir embora. Talvez se sentaria lá fora ou daria um passeio na praia até que ele encerrasse a noite.

— Por que vocês dois não vão em frente e encerram a noite, — disse sua mãe, de repente. — Eu vou sentar aqui com Jeffery até eles me expulsarem.

— Tem certeza? — Luke parecia um pouco aliviado.

— Sim. — Ela colocou seu café para baixo, sentou ao lado de seu marido, e pegou sua mão. — Vá, eu vou ficar bem.

Quando saíram do hospital, estava chovendo muito forte. Tinha chuviscado todo o caminho de Surf Breeze, mas esta era uma chuva torrencial. Eles ficaram na porta do hospital, esperando que diminuísse.

— Por que não deixamos meu carro aqui durante a noite e levamos o seu para o hotel? — Ele sugeriu. Puxando seu casaco por cima do colarinho. — Vamos fazer uma corrida até ele. Eu não acho que essa chuva irá parar logo.

Eles correram para seu carro, de mãos dadas. Ela o abriu alguns metros de distância e entrou atrás do volante. Luke entrou ao lado dela e sacudiu a chuva de seu cabelo.

Ela estendeu a mão para ligar o carro, mas ele a impediu e a puxou pelo console até ele. O abraço era desesperado e mudou algo profundo dentro dela.

— Desculpe, — ele disse alguns minutos depois, quando se afastou. — Mas eu precisava disso.

Ela sorriu para ele. — Você está bem?

Ele assentiu. — Sim. Embora, eu gostaria de ter um pouco de comida.

— Ok, para onde? — Ela ligou o carro e esperou.

— O hotel. Eu mantenho um quarto lá. Podemos pedir o serviço de quarto.

— Ok. — Ela saiu do estacionamento. A chuva ainda não tinha diminuído e agora tinham raios também. Ela dirigiu lentamente pela cidade em direção ao grande hotel. Quando entraram na garagem, ele apontou para o seu estacionamento privado.

Eles caminharam em direção aos elevadores em silêncio. Ela não sabia o que dizer a ele. Era uma boa notícia que seu pai se recuperaria, mas ouvir que seria um longo caminho para a recuperação tinha causado muitas perguntas em sua cabeça. Isso significava que ele ficaria para administrar o hotel? Será que isso mudaria seu relacionamento?

Eles pegaram o elevador até o último andar e quando ela saiu, ficou chocada ao ver apenas duas portas neste nível.

— A outra unidade pertence aos meus pais. — Ele acenou com a cabeça para as portas duplas no final do corredor.

— Você disse que mantinha um quarto, — ela disse alguns minutos depois, olhando em volta do grande apartamento. — Eu não sabia que você tinha um apartamento aqui.

Ele encolheu os ombros. — Quando você viveu no mesmo lugar toda a sua vida, você tende a não pensar nisso como qualquer coisa, senão sua casa. — Ele caminhou até o frigobar e pegou uma garrafa de cerveja. — Você gostaria de alguma coisa? Há vinho, cerveja. — Ele se abaixou e abriu a gaveta do fundo. — Coca-cola? — Ele pegou uma para ela.

— Sim, obrigada. — Ela a abriu e tomou um gole. Ele ainda tinha que tomar um gole de sua cerveja, mas em vez disso estava apenas olhando para ela.

— Estou muito feliz por você ter vindo. Eu precisava tanto de você. Eu só preciso de você, — disse ele, antes de tirar a lata da mão dela e colocar a cerveja e a Coca-Cola no bar. Então, ele estava beijando-a com tanto sentimento, que ela não teve escolha, a não ser ficar com ele, e deixá-lo ter o que ele precisava dela.

****

Mais tarde, enquanto estavam deitados na sua grande cama, ele falou com ela e lhe disse o que tinha acontecido no hospital, como seu pai havia o confundido com seu irmão.

— Eu tenho certeza que foram apenas os medicamentos falando.

— Sim, eu sei que você está certa, mas não tira o fato de que seus olhos se iluminaram. — Ele balançou a cabeça enquanto continuava a passar seus dedos pelo cabelo dela. — Ainda doeu.

— Ele não sabe o grande filho que ele ainda tem. — Ela se sentou um pouco. — Nenhum dos dois. Eu posso ver isso nos olhos deles. — Ela olhou para ele, deitado na cama com os lençóis cobrindo seus quadris. Seu braço descansava atrás da sua cabeça enquanto olhava para ela. Ela balançou a cabeça. —Eu não tive a chance de conhecer Calvin, e eu tenho certeza que ele era um grande homem. — Ela se sentou um pouco mais e se certificou de olhar em seus olhos. — Mas ele tem um dos melhores filhos, observando-o frente a frente, ele não pode ver além de seu nariz.

Ele demorou para sorrir, mas quando o fez, foi a coisa mais doce que ela tinha visto o dia todo.

— O que você quer pedir no serviço de quarto?

Ela sorriu de volta. — Pode este lugar fazer uma pizza decente e banana split?

Ele riu. — Algumas das melhores no Golfo.



Capítulo 16

Cassey acordou envolvida por Luke e os grossos cobertores quentes. Seu cheiro ardente a cercava, enchendo todo o quarto. Só de pensar que ele não estaria ali quando acordasse, seu intestino torcia e doía. Ele ficaria? Havia tantas perguntas deixadas sem resposta da noite passada. Ela sabia que de manhã cedo não era o melhor momento para perguntar tudo o que ela queria, mas duvidava que pudesse esperar por muito mais tempo.

— Por que você está tão tensa esta manhã? — Ele murmurou em seu ouvido.

Ela suspirou e depois sorriu. Era bom que ele a conhecesse tão bem. No passado, nunca tinha alcançado este nível em seus relacionamentos. Ela descobriu que também gostava de conhecer os seus humores.

Tinha sido difícil avaliar o seu humor no início, mas depois de algumas semanas, ela captou as mudanças sutis em seus olhos e rosto quando seu humor mudava.

Ela rolou até que pudesse olhá-lo diretamente nos olhos. — Você vai ficar aqui até que seu pai se recupere?

Seus olhos escuros olharam para ela, e ela não poderia dizer o que ele estava pensando.

— Acho que vou ter de ficar, pelo menos até ele voltar para casa. — Ele franziu a testa um pouco.

— Você não precisa administra o negócio até que ele possa voltar?

— Não, meu pai tem um andar inteiro de funcionários competentes que podem lidar com isso até que ele volte a ficar bem. — Ele afastou uma mecha de seu cabelo para longe de seus olhos. — Eu pretendo voltar a Surf Breeze, o mais rápido possível. Agora eu tenho meu próprio negócio para cuidar. Nós começaremos as mudanças em menos de uma semana. É melhor irmos. Tenho certeza de que o mudaram para outro quarto.

Eles tomaram um rápido café da manhã lá embaixo, onde ele foi abordado por mais de uma dúzia de funcionários os quais todos desejavam ao seu pai uma rápida recuperação.

Eram quase nove horas quando entraram no quarto particular de seu pai. Sua mãe estava sentada na cadeira do canto, com um livro no colo.

— Ah, aí está você. Eu estava começando a me perguntar se você viria.

— Como ele está? — Perguntou Luke.

— Ele está estável. Os médicos têm ido e vindo várias vezes. Todos eles dizem a mesma coisa. — Ela colocou o livro de lado e abraçou Luke.

— Você tomou o café da manhã? — Perguntou.

— Sim, não se preocupe comigo. Agora, Calley, se sente e me conte tudo sobre você.

— É Cassey, Mãe, — Luke corrigiu.

— Sim, claro. Desculpe querida. — Sua mãe fez um gesto para outra cadeira perto dela. — Sente, por favor.

Cassey se aproximou e se sentou ao lado da mulher, se sentindo completamente fora do lugar. A mãe de Luke usava uma saia e um blazer verde pálido,

as pérolas enroladas em seu pescoço eram, sem dúvida, reais, e ela não tinha um fio de cabelo fora do lugar.

Ela olhou para sua calça jeans e moletom e desejou que estivesse vestida um pouco melhor. Também desejou ter pensado em trazer um guarda-chuva, já que ainda estava chovendo nesta manhã. Seu cabelo estava frisado, e sua maquiagem, provavelmente, estava escorrendo da chuva torrencial pela qual eles tinham corrido para entrar no hospital.

— Agora, o que é que você faz querida?

— Cassey possui o Boardwalk Bar and Grill em Surf Breeze. Você sabe aquele lugar que papai tem tentado comprar desde o ano passado, — Luke interrompeu enquanto puxava uma cadeira para mais perto dela.

— Oh, isso é bom. — Cassey podia ver o interesse deixar seu rosto.

— Espero que o Sr. Callaway tenha uma rápida recuperação.

— Oh, eu tenho certeza que ele vai ter. Ele estava apto como um violino. — Ela franziu a testa e olhou para o marido adormecido. — Bem, agora, me fale sobre seus pais. Acho que conheci seu pai há muito tempo.

— Mark Grayton?

Ela assentiu com a cabeça. — Eu cresci em Spring Haven; estávamos na mesma classe na escola.

Cassey sorriu. Até o momento, ela tinha pensado que a mulher tinha crescido com uma colher de prata na boca. Olhando para ela, foi difícil para Cassey imaginá-la sentada nas arquibancadas precárias do campo de futebol da escola, torcendo para os Fighting Bulldogs.

Sra. Callaway riu. — Oh, os tempos em que tínhamos que escapar para Orsborn Orchards. Eles tinham uma lagoa, com uma doca flutuante no meio. Em um quatro de julho, nós colocamos mais de cem crianças lá fora em sua lagoa. Alguém tinha ouvido dizer que o velho Sr. Orsborn iria viajar no fim de semana. — Ela sorriu, inclinou-se e bateu no joelho de Cassey. — Podíamos não ter telefones celulares

naquela época, mas a notícia se espalhou como um incêndio. Bem, é claro, a informação era falsa. Quando o Sr. Orsborn apareceu, todos começaram a se dispersar, até que ele tirou a camisa e saltou na água com todos os outros. Bem, ele se sentou lá, comeu, bebeu, e apreciou o dia como se ele mesmo tivesse feito à festa. — Cassey riu. — Sr. Orsborn agora abriga a maior festa de quatro de julho na cidade. Eu queria saber onde essa tradição começou.

****

Quando voltaram para o hotel naquela noite, Cassey teve certeza que tinha acabado de fazer uma nova amiga. O pai de Luke acordou várias vezes durante o dia. E a cada vez Cassey saia, já que não queria causar qualquer stress.

— Eu acho que minha mãe gosta mais de você do que ela gosta de mim, — disse Luke, enquanto entravam em seu apartamento.

— Eu também gosto dela. Eu não tinha ideia que sua mãe era um buldogue.

— Perdoe-me? — Ele virou-se e deu a ela um olhar engraçado, e ela riu.

— O Spring Haven Bulldog. Nosso mascote da escola.

— Oh, — ele riu. — Você sabe que ela falou com você hoje mais do que já falou comigo?

Cassey balançou a cabeça e franziu a testa. — Eu sinto muito.

Ele sorriu. — Não sinta. É bom saber que, mesmo que o meu pai não vai lhe dar uma chance, pelo menos a minha mãe deu.

Ele se aproximou dela e passou seus braços em volta da sua cintura. — Eu gosto de saber que pelo menos um dos meus pais nos aprovam.

Ela sorriu e levantou-se na ponta dos pés. — Eu sei que você conquistou toda a minha família. Papai está perguntando se você estará de volta para o Natal.

Luke fez uma careta. — Eu acho que vou ter de passar.

— Eu entendo. — Ela fez força para não deixar mostrar a tristeza em seus olhos.

— Talvez você possa vir aqui por alguns dias?

Ela assentiu com a cabeça. Estava achando muito difícil falar. — Eu odeio sair, mas eu tenho um milhão de coisas para fazer antes de eu viajar na próxima semana.

Ele balançou a cabeça, em seguida, olhou para sua boca. — Eu gostaria que você pudesse ficar.

Ela assentiu com a cabeça um pouco antes de ele beijá-la lentamente, mostrando o quanto a desejava.

Em sua volta para casa, ela tentou não deixar o fato de estar totalmente apegada a ele dominar sua mente.

Ela chegou ao seu apartamento, e o caos consumiu os próximos dias. Duas das unidades de aquecimento pararam de funcionar, deixando o lugar um pouco frio demais para seu gosto e dos seus clientes. Ela teve que contratar uma empresa local para substituir as unidades, o que comeu um pouco mais suas economias.

Então, apenas três dias antes do Natal, ela estava tendo que fazer controle de danos na cozinha. Seu chefe, Sam, pegou sua esposa tendo um caso, e não estava com vontade de cozinhar ou ser civilizado com qualquer um dos outros funcionários. Cassey não teve alternativa senão mandá-lo para casa e ajudar na cozinha sozinha.

Ela ainda não tinha tido tempo para fazer o resto de suas compras de Natal, e o mais importante, ainda não tinha comprado nada para Luke.

Eles conversavam um com o outro, todos os dias. Seu pai tinha sido transferido para casa e, com a ajuda de duas enfermeiras em tempo integral, ele estava se recuperando.

De acordo com Luke, ele ainda o chamava de Calvin e, até agora, era a única palavra que ele dissera desde que acordou.

Ela estava na cozinha, limpando depois do turno da noite, se preparando para fechar o lugar para o Natal, quando seu celular tocou.

Sorrindo, ela respondeu: — Oi, eu estava pensando em você.

Luke riu. — Coisas boas, espero.

— Sempre. Como está o seu pai?

Ele suspirou e ela podia dizer que coisas eram as mesmas. — Basicamente o mesmo. Eu realmente queria te ver no Natal, mas parece que não vou sair daqui até depois do Ano Novo.

Ela tentou não deixar a decepção refletir em sua voz.

— Eu posso sempre...

— Não, — ele interrompeu. — Vá ficar com a sua família.

Ela não podia acreditar que permitira que ele estivesse tão profundamente enraizado na sua vida, que poucos dias longe dele a fez se sentir como uma solteirona solitária. Ela percebeu que virava e revirava à noite, porque perdeu seu calor na cama. Sentia falta de vê-lo sentar à mesa com ela durante café da manhã. Ela sentia falta de sua amizade, sua risada, e seu toque.

— Eu sinto sua falta, — ela deixou escapar, em seguida, imediatamente se sentiu como uma colegial estúpida com uma paixão, algo que ela nunca se lembrava de sentir antes.

— Eu também sinto sua falta. — Ela podia ouvir o sorriso em sua voz. — Entãooooo, o que você está vestindo?

Ela riu.

****

Quando Luke desligou o telefone com Cassey, ele suspirou e fechou os olhos por um momento. Sua família e este trabalho iam matá-lo. O que ele queria e

precisava era estar em Surf Breeze com Cassey, trabalhando em seus próprios projetos e ajudando Cassey com os dela.

— Luke? — Sua mãe espreitou para dentro do escritório. — Ah, aí está você. Seu pai queria saber como estão às coisas.

— Tudo bem, estarei lá em breve para lhe dar uma atualização. — Mesmo que seu pai só tivesse dito a palavra “Calvin”, desde que acordou isso não significava que ele não tinha exigido atualizações a cada hora. Ele ainda tinha o movimento completo nos dedos e nas mãos, e digitava mais rápido do que a maioria das secretárias. Luke estava achando difícil manter o ritmo. Em várias ocasiões, pensou em sair. Especialmente quando seu pai socava as teclas e olhava para ele como se ele fosse estúpido.

Desde que Luke estava no controle do negócio, ele tinha feito algumas mudanças em que esteve pensando, desde que seu pai havia lhe trazido a bordo há quase um ano. Na maior parte, seu pai tinha um punhado de funcionários competentes, que poderiam administrar o lugar sem problemas, então ele olhou para tudo isso como uma grande oportunidade.

Até agora, ele estava tendo um grande sucesso com suas mudanças. Os funcionários pareciam apreciar os fluxos flexíveis que ele implementou, e a equipe de escritório realmente gostava de ser capaz de trabalhar remotamente. Até agora, a sua produtividade aumentou em quase dez por cento.

Ele ainda não tinha dito nada ao seu pai, claro, já que ele não queria lhe causar mais stress.

Eles haviam transferido seu pai de volta para o apartamento em frente ao dele, e mandaram uma grande cama de hospital configurada com várias máquinas. Duas enfermeiras em tempo integral iam e viam, assim como uma equipe de fisioterapeutas.

Seu pai ainda não tinha recuperado sua fala. Ele estava aprendendo a andar de novo, lentamente, mas sua perna esquerda arrastava um pouco, o fazendo tropeçar às vezes. Ele tinha que usar um andador, que Luke só podia adivinhar que chateava seu pai enormemente.

Sua mãe estava tratando todo o calvário como se fosse algum tipo de férias em família. Ela mantinha um tom jovial e sorria muito.

Enquanto da sua parte, ele estava absolutamente miserável. Ele estava perdendo a vida lenta de Surf Breeze. Perdendo seu projeto do hotel, que estava avançando sem ele. E principalmente, ele sentia falta de Cassey.

Falar com ela todos os dias não ajudava muito. Ele queria abraçá-la, cheirar sua doçura, e ver um daqueles raros sorrisos que ela tinha. Ele não sabia quanto tempo mais aguentaria.

Quando ele conversou com sua mãe sobre isso, ela apenas bateu em seu braço e lhe pediu para ficar mais um pouco. Ele pensou que ela estava gostando de tê-lo por perto. Era verdade que ela não sabia nada sobre o funcionamento do hotel ou da equipe, mas ele tinha certeza que o lugar iria sobreviver muito bem sem ele. Ele partiria se não fosse pelo olhar culpado que ela lhe dava toda vez que falavam sobre seu pai.

Sua mãe estava ocupada colocando decorações de Natal em todos os lugares. Ela tinha até uma árvore sendo entregue em sua casa. Por sua vez, ele trabalhava no escritório de seu pai da manhã ao anoitecer e depois se arrastava de volta para o seu apartamento, desejando desesperadamente estar em qualquer lugar, exceto ali.

Ele tinha parado para pegar o presente de Cassey, e não podia esperar até que pudesse vê-la abrir a pequena caixa.

Desde o AVC do seu pai, ele sabia o que queria mais do que tudo no mundo. Tanta coisa havia mudado nos últimos meses desde que conheceu Cassey. Ele já não se sentia como se estivesse sozinho no mundo. Ela abrira uma porta completamente nova para ele passar. Ninguém jamais tinha feito tanto por ele em sua vida, exceto, talvez, Calvin.

Só então, o telefone tocou e os seus pensamentos sobre Cassey e seu irmão foram interrompidos por mais trabalho. Desta vez foi em seu próprio projeto.

— Olá?

— Hey, Luke. É Marcus. Estou ligando para avisar que o inspetor estará aqui segunda-feira. O trabalho de cimento foi concluído hoje, e temos tudo protegido do tempo o qual supomos que teremos no fim de semana de festas.

— Ótimo. Desculpe não poder estar aí.

— Não se preocupe com isso. Oh, estou abrindo um escritório em cima do O Lunch Box. Aluguei o espaço para que eu possa realizar reuniões e tudo mais. Posso até conseguir uma secretária ou duas. — Ele riu.

— É bom ouvir isso. Devo encontrá-lo aí, e nós poderemos rever os planos em... — Ele olhou para o calendário. — Digamos no final de semana que vem?

— Certo. Como o velho está indo?

— O mesmo. — Ele franziu a testa.

— Bem, lhe envie o meu melhor.

— Ei, Marcus?

— Sim?

— Eu gostaria de poder estar lá com sua família neste fim de semana.

— Da próxima vez. — Marcus riu. — Isto é, se você convencer a minha irmã em manter a sua cara feia ao redor.

— Oh, eu planejo fazer exatamente isso. — Ele sorriu e olhou para a pequena caixa com um novo plano formando em sua cabeça. — Você sabe o quê? Eu poderia ir até lá para o Natal depois de tudo.

Capítulo 17



Quando Luke entrou no escritório de seu pai no dia seguinte, ele ficou chocado ao ver seu velho atrás da mesa. Sua mãe estava sentada no canto calmamente lendo um livro.

— Mãe. — Ele acenou para ela e continuou a caminhar em direção ao seu pai. — Pai, o que você está fazendo aqui? Você deveria estar em repouso durante as próximas semanas.

Os olhos do seu pai se estreitaram. Ele digitou algo em seu computador e, em seguida, girou a tela ao redor para que ele pudesse ler.

— O que você fez com a minha empresa? Por que a metade dos meus funcionários está trabalhando em casa? Onde estão os meus relatórios semanais? Do que se trata refeições com desconto para os funcionários?

Ele suspirou e se sentou em frente ao seu pai e começou a explicar todas as mudanças que ele implementou durante a ausência dele.

Quando ele entrou em seu apartamento pouco mais de dez horas depois, estava exausto. Olhando em volta do grande espaço, percebeu que não tinha nada aqui que gostaria de levar com ele. Todos os móveis, todas as decorações foram escolhidos pelo decorador de interior do hotel anos atrás.

Entrando em seu quarto, pensou que as únicas coisas que ele levaria consigo, eram sua roupa e uma pequena caixa de itens que pertenceram a ele e Calvin quando eram crianças.

Ele tinha estado tão ocupado durante todo o dia, explicando tudo a seu pai, que não tinha dito a eles sobre se casar. Não era como se tivesse saído da sua mente. Pelo contrário, não conseguia parar de pensar nisso – estar com Cassey, começar uma nova vida com ela. Era tudo o que ele tinha pensado durante todo o dia, enquanto seu pai estava brigando com ele sobre as mudanças.

Mesmo depois de ter explicado como a produtividade aumentou e os custos com pessoal caíram, seu pai tinha desfeito tudo o que ele tinha mudado nas últimas semanas. Foi o maior tapa no rosto que seu pai poderia ter lhe dado. Mesmo com todos os seus esforços nas últimas semanas, seu pai ainda não confiava nele para lidar com o negócio. O que só lhe assegurou que sua mudança para Surf Breeze foi a melhor coisa que ele poderia ter feito.

Pegou o telefone para ligar para a Cassey, olhando para o relógio. Era quinze para meia-noite e ele sabia que em uma noite regular, ela estaria no meio das coisas, faltando ainda quase uma hora até o momento de fechar. Mas desde que ela estava passando as férias com sua família, ela poderia ter ido para a cama mais cedo. Ele esperava que ela ainda estivesse acordada.

— Olá, — ela respondeu em um sussurro suave.

— Oi, eu sinto sua falta. — Ele sorriu quando tirou seus sapatos e se recostou em sua cama.

— Eu também. Como foi hoje?

Ele gemeu.

— Bom assim, hein?

Ele riu. — Você não tem ideia. Eu só não entendo como eu vim de alguém como ele. Você pode acreditar que em um dia ele desfez tudo que eu trabalhei duro para realizar nas últimas semanas?

— Mesmo as horas flexíveis?

— Sim. Disse que o horário para o pessoal do escritório, era das 9h às 5h.

— Você mencionou que algumas de suas conexões estão no exterior?

— Sim. — Ele balançou a cabeça. — Eu acho que meu pai está muito na velha escola para perceber o quão grande a globalização realmente é.

— Bem, basta pensar, nesta altura no próximo ano, você estará dirigindo o seu próprio negócio como você quiser. Alguns dos empregados dele podem até pular do barco para fazer parte da equipe vencedora.

Ele sorriu enquanto pensava nisso. — O que você fez hoje?

Ela suspirou.

— Não me diga que você trabalhou. Você pegou um punhado de dias de folga e você os gastou colada no computador, não é?

Ela riu. — Não, na verdade, eu passei algumas horas chutando a bunda dos meus irmãos no basquete.

— Eu não sabia que você jogava.

Ela riu, e ele percebeu o quanto sentia falta de ouvir a risada dela e ver o sorriso em seus lábios. — Eu não jogo. Nós estávamos jogando no Xbox.

— Oh. — Ele sorriu. — Eu sou muito bom em tais jogos. Que tal você ver se pode chutar a minha bunda na próxima vez que eu for aí.

— Está marcado.

Eles conversaram até que o sol começou a nascer, e então ele tomou banho e preparou para mais um dia de negociação com seu pai e suas altas exigências.

****

Cassey estava miserável. Este era o maior e melhor feriado do ano e tudo o que podia fazer era sentar na sala de estar na casa grande e suspirar. Seus irmãos estavam aprontando e tinham sido expulsos de casa por sua tia, que se recusou a deixá-los jogar futebol lá dentro. Ela se recusou a ir com eles, uma vez que no momento, não sentia vontade de perder e de aguentar as trapaças deles.

Faltava quase uma hora antes do jantar ser servido, e ela simplesmente não podia ficar parada por mais tempo. Pegou sua jaqueta, saiu para a varanda da frente, e observou por um tempo como seus irmãos abordavam um ao outro e jogavam a bola ao redor. Quando lhes pediram para se juntar novamente, ela disse a eles que iria caminhar pela beira da água. Seu lago não era tão grande quanto o do Sr. Orsborn, mas servia ao seu propósito e foi uma excelente piscina de natação, no entanto.

Enquanto caminhava pela grama alta em direção à água, ela pensou sobre tudo o que havia mudado no último ano.

Seu negócio ainda estava lutando, mas ela sabia que com os planos de Luke para seu hotel, e os planos que tinham feito em conjunto para o seu lugar, as coisas iriam começar a melhorar novamente depois das festas. Era apenas uma questão de tempo.

Ela estava quase uma semana inteira sem ver o Luke, e ainda não conseguia descobrir por que isso significava tanto para ela. Se sentia cada vez mais deprimida.

Sua casa parecia vazia, o que nunca tinha parecido antes. Talvez ela precisasse de um gato ou um cão pequeno para preencher o espaço em vez disso.

Ela chegou à beira do lago e se sentou no grande tronco que seus irmãos em um verão tinham rolado para lá, para ser usado como um assento. Este era um de seus lugares felizes. Tantos momentos divertidos foram passados aqui com seus irmãos e irmã. Se fechasse os olhos, poderia vê-los em diferentes fases das suas vidas. Jovens, adolescentes, idade adulta. Todos eles, exceto Marissa. A imagem de sua irmã estava congelada no último dia que a tinha visto.

Quando ouviu o estalo de um galho atrás dela, se virou, pensando que veria um de seus irmãos. Em vez disso, Luke andou no caminho em direção a ela, com as

mãos nos bolsos da calça jeans desgastados. Sua jaqueta de couro marrom estava fechada. Seu cabelo estava bagunçado pelo vento e ele parecia preocupado.

Imediatamente, ela se levantou. — O quê? O que está errado? É o seu pai...?

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Papai está descansando bem em casa com a minha mãe. — Ele parou ao lado dela e ela notou que ele não chegou a tocá-la ou se inclinou para beijá-la. Ela sentiu como se tivesse levado um tapa na cara.

Imediatamente, sua mente nublou com os motivos. Então ficou claro para ela. Ele parecia perturbado porque ele estava vindo aqui para romper com ela. Seus ombros caíram e ela sentiu como se seu coração tivesse parado por alguns momentos.

— Você está me ouvindo? — Ele colocou as mãos nos ombros dela e o apertou um pouco.

— Hmm? — Ela piscou algumas vezes, limpando o desgosto que ela criou em sua mente e em sua cabeça.

— Onde você foi? — Ele perguntou, tirando as mãos de seus ombros. No mesmo instante, ela sentiu a perda de calor do seu toque, e se perguntou se ela poderia continuar a viver sem ele.

Ela balançou a cabeça e sentiu seus olhos começarem a arder.

— O que você está fazendo aqui? Pensei que não poderia sair até depois do Ano Novo?

Ele deu de ombros. — Eu tive que sair. Eu tive que vir vê-la. — Ele se virou e caminhou em direção à lagoa e depois parou para chutar uma pedra na água calma. — Se eu lhe disser algo, você promete que não vai pirar? — Ele se virou para ela novamente.

Ela se sentiu congelada em seus passos. Sabia o que estava por vir. Apesar de nunca ter tido alguém rompendo com ela – ela sempre tinha sido a única a fugir dos relacionamentos – sempre soube que este dia chegaria. O dia em que seu coração quebraria sem reparo.

Ela não podia falar, então apenas balançou a cabeça.

Ele deu dois passos na direção dela e estendeu a mão para ela. Ela sentiu vontade de se afastar, mas ficou firme em seu lugar.

— Eu te amo. Eu te amo com cada grama de meu ser. Cassey, eu quero estar com você pelo resto da minha vida. Eu quero acordar ao seu lado, ver seus olhos prateados quando eles ficam nublados quando eu toco em você. — Ele correu um dedo levemente pelo seu rosto, nos lábios lentamente, e depois pelo pescoço e sorriu. — Sim, exatamente assim. Quero saber se você também sente isso por mim. Eu acho que sim, mas eu preciso saber. Você se sente da mesma maneira? — Ele a puxou para perto e ela pode sentir seus corações batendo através de suas jaquetas. Talvez fosse o dela que sentia; ele estava correndo como uma lebre que está sendo perseguido por uma raposa.

Seus olhos estavam presos em seus castanhos escuros. Quando ele piscou, ela foi liberada do olhar e seus olhos vagaram por seu rosto. Havia círculos escuros sob seus olhos, dizendo a ela que ele não estava dormindo bem. Parecia que ele precisa de um corte de cabelo e fazer a barba, o que lhe dava um olhar perigoso, sexy.

Ela sabia a resposta à sua pergunta. Ela sabia disso há semanas, mas tinha tentado evitar pensar nisso. Evitado reconhecer até mesmo em sua própria mente.

Ela piscou algumas vezes e percebeu que ele estava em silêncio olhando para ela, à espera de sua resposta.

— Eu... — Ela limpou a garganta e viu medo saltar em seus olhos. Balançando a cabeça, ela tentou sorrir para ele. — Seja paciente, esta é a primeira vez que eu falo isso para alguém. — O sorriso dele era rápido e mortal. Todo o medo e dúvida a deixaram, fazendo-a a se sentir tonta. — Sim, eu te amo. Eu te amo mais do que eu quero. Eu não acho que eu poderia parar de amar você. — Ela riu quando ele a puxou para perto e começou a girar em círculos.

Quando ele parou, ele a colocou no chão e seu sorriso desapareceu. — Agora, aqui vem à parte difícil.

Uma gargalhada escapou dela. — Essa não foi à parte mais difícil?

Ele sorriu e balançou a cabeça, em seguida, caiu de joelhos ali mesmo pelas águas claras de seu lago. — Cassey Grayton, minha família é egoísta e meu pai dirige uma empresa que fará tudo o que for preciso para garantir que seu negócio vá para ele, assim poderá assumir o calçadão. Eu poderia estar amarrado para os próximos meses ajudando meu pai executar esse negócio. Para não mencionar, que eu estou tentando começar o meu próprio negócio. Não sei se terei sucesso...

— Luke, — ela interrompeu, já que ele estava começando a divagar.

— Desculpe. — Ele balançou a cabeça. — Cassey, quer casar comigo?

Ela sorriu. — Eu acho que é um grande passo.

Ele riu. — Oh, droga. — Ele balançou a cabeça. — Eu esqueci. Agora eu vou ter que começar tudo de novo. — Ele caiu de joelhos novamente. Desta vez, enquanto o fazia, puxou uma pequena caixa de seda preta.

Seu coração saltou. Por alguma razão, ela não tinha imaginado que realmente ele tinha pensado sobre isso antes de hoje.

— Cassey, você quer casar comigo? — Ele perguntou enquanto abria a tampa da caixa. O anel era de tirar o fôlego. Ela nunca tinha visto nada parecido. Não só o diamante era maior do que qualquer que ela já tinha visto, mas a peça de titânio era torcida de uma forma única. Ela não podia falar neste momento e apenas balançou a cabeça enquanto ele se levantava para colocar o anel em seu dedo.

— É lindo, — ela sussurrou, olhando para o anel.

— Eu gostaria de dizer que foi da minha avó, mas minha mãe ainda está usando-o. Além disso, duvido que meu pai desistiria dele sob essas circunstâncias. — Ele franziu a testa um pouco.

— Não importa. É o anel mais bonito que eu já vi. — Ela sorriu enquanto envolvia seus braços em volta do pescoço dele e deu um beijo em seus lábios, o qual ele tornou mais profundo.

Quando entraram na casa pouco mais de meia hora mais tarde, ambos estavam sem fôlego da caminhada e da paixão aquecida que tinham compartilhado pelas águas frias.

— Acho que ele a encontrou. — Marcus sorriu enquanto apertava a mão de Luke.

— Sim. — Ela esperou até que seu pai entrou na sala. — E nós estamos noivos. — Ela levantou seu dedo, mostrando o anel.

Todos pareciam surpresos, exceto Marcus e seu pai. Sua tia gritou e correu pela sala para abraçá-la. Cole e Roman apertaram a mão de Luke e a abraçaram.

Quando seu pai finalmente veio, ela pensou ter visto lágrimas nos seus olhos. — Eu não posso acreditar que minha menina vai se casar. Ele é um bom homem, — disse ele, puxando-a para o lado, enquanto Luke conversava com seus irmãos. — Você sabe, ele passou aqui, algumas semanas atrás para pedir sua mão. Eu estava tão orgulhoso. Nós nos sentamos por quase duas horas e conversamos até que eu finalmente disse que sim. — Ele balançou a cabeça. — Droga, se esse homem não te ama. — Ele sorriu.

— Oh, papai. — Ela não sentiu as lágrimas em seus olhos até que ele estendeu a mão e limpou uma.

— Estou tão orgulhoso de você, — disse ele e a abraçou.

Mais tarde naquela noite, quando estavam deitados na pequena cama da sua juventude, eles falaram sobre o futuro. Ele não podia esperar para estar realmente vivendo com ela, desde que ele tinha sido afastado, desde que se mudou. Mas, ele tinha que ter certeza que seu pai estava de volta ou pelo menos garantir que seus funcionários estavam executando tudo sem problemas.

— Gostaria de não ter que voltar amanhã, — disse Luke, correndo os dedos levemente sobre os ombros dela.

— Eu também. — Ela suspirou e caiu no sono em seus braços, sonhando em como a vida seria nas próximas semanas.



Capítulo 18

Quando Luke entrou no escritório de seu pai no dia seguinte as 10:15, notou duas coisas imediatamente: uma, sua mãe não estava presente e dois, seu pai estava sentado atrás de sua mesa de calções e uma camiseta, o que não era o seu normal. Seu pai estava olhando para fora das grandes janelas, como se sonhando acordado, algo que ele nunca o tinha visto fazer antes.

— Bom dia, pai. — Ele se aproximou e se sentou em uma das grandes cadeiras. — Onde está a mamãe agora de manhã?

Seu pai olhou por cima e olhou para ele. — Ela está na piscina. — Ele acenou com a cabeça para fora da janela. — Eu irei descer para me juntar a ela em um tempo.

A surpresa deve ter aparecido em seu rosto, porque seu pai sorriu levemente e assentiu.

— Eu posso ver isso nos seus olhos, filho, — ele disse e voltou para o seu computador por apenas um momento. — Há apenas algumas coisas que tenho que tirar do meu peito antes de ir embora. Vamos falar sobre este anel que você comprou pouco mais de um mês atrás. — Seu pai se afastou de seu computador e olhou para ele. — É para aquela garota?

— Sim. Pedi a Cassey que se casasse comigo e ela disse que sim. — Ele sorriu e cruzou os braços sobre o peito, sabendo o que estava por vir. Mas seu pai apenas olhou para ele e balançou a cabeça lentamente.

— Tudo bem. — Ele começou a voltar em direção às janelas.

— Tudo bem? O que isso quer dizer, tudo bem? — Ele se inclinou para frente.

— Isso significa exatamente isso. Tudo bem. Luke, eu não vou interferir na sua vida pessoal.

— Sério? — Disse ele, de pé lentamente. — Desde quando?

Seu pai sorriu levemente. — Desde agora. Você sabe onde eu passei minha manhã?

Luke balançou a cabeça.

— Fisioterapia. Eu sentei lá pensando que isso era apenas uma espécie de truque sujo que meu corpo estava jogando em mim, uma coisa de uma vez que eu poderia facilmente me recuperar. Então, Raul, meu fisioterapeuta, riu de mim. — Seu pai riu. — Ele é um homem de noventa quilos cheio de músculos e tatuagens, e quando ele me disse que a única maneira que eu viveria para ver o próximo ano era ter que mudar a minha atitude, isso me fez pensar. Não só não estou ajudando a minha saúde tentando controlar tudo, mas eu ameacei meu casamento e o relacionamento com o meu único filho vivo. — Ele balançou a cabeça e Luke viu os ombros de seu pai afundar um pouco. Então ele se levantou e andou em torno de sua mesa. Luke percebeu como seu pai se movia lentamente.

— Luke, eu sei que eu não fui sempre o melhor pai, mas quero mudar isso. Meu fisioterapeuta diz que nove em cada dez homens que continuam a viver como eles estavam antes de seu primeiro derrame passam a ter outro. E a maioria não sobrevive ao seu segundo AVC. Sabe o que sua mãe então me disse?

Luke balançou a cabeça e se sentou novamente. Ele mal podia acreditar no que seu pai estava dizendo. Era como um alienígena tivesse tomado seu corpo e estivesse falando com ele como um pai faria.

— Ela me disse que se eu não mudasse a forma como eu estava vivendo, ela iria me deixar, porque ela não poderia viver me vendo assim novamente. — Os olhos

de seu pai estavam úmidos. — Essa mulher esteve ao meu lado por um monte de coisas, e eu serei amaldiçoado se eu vou ser a causa dela me deixar agora.

Luke sorriu enquanto seu pai sacudiu a cabeça e limpou a garganta.

— Então, sua mãe me disse que gosta desta menina,

— Cassey.

Seu pai acenou com a cabeça. — Cassey. E eu vou tentar lhe dar outra chance. Por que você não a traz para jantar qualquer dia?

Luke assentiu novamente. Era como se ele tivesse perdido todos os seus poderes de discurso.

— Bom. Agora, se isso está resolvido, podemos falar sobre essas mudanças que você fez na minha ausência? — Seu pai voltou atrás de sua mesa, quando Luke suspirou. Ele não queria mais falar sobre as mudanças, não desde que seu pai as tinha desfeito.

— Eu estive pesquisando sobre algumas de suas alterações e bem... eu acho que você pode ter algo lá.

Luke se sentou no escritório de seu pai durante as próximas horas e se perguntou se seu pai tinha sido arrancado do corpo.

Não só seu pai havia reimplantado todas as mudanças que ele tinha feito ao longo das semanas, mas ele ouviu algumas outras que ele queria propor ao longo dos anos.

Até o final do dia, sua cabeça estava girando. Eles tinham comido um longo almoço juntos no restaurante, e ele tinha até notado uma mudança na forma como seu pai tratava os funcionários. Ele brincou e riu com eles, e lhes assegurou que estava cuidando de sua saúde.

Mesmo que seu pai estivesse em grande forma – ele jogava tênis e parecia saudável o suficiente – o seu médico queria que ele começasse a comer mais saudável, então ele pediu uma salada com milho em lugar de seu bife ou 'cheeseburger'

normal. Luke tinha se juntado a ele, percebendo que também poderia usar um menu mais leve.

Nos próximos dias, ele continuou esperando o antigo lado do seu pai se mostrar. Quando uma noite, eles dirigiram até o Boardwalk Bar & Grill para jantar e encontrar Cassey, ele estava especialmente preocupado que seus antigos modos ressurgiriam.

O lugar estava quase vazio quando eles entraram. Cassey estava conversando com alguns clientes ao redor do bar. Ele ainda não conseguia superar o fato de que eles estavam noivos. Todas as noites, quando ele falava com ela, desejava que pudesse estar lá para abraçá-la.

Quando ela sorriu para eles do outro lado da sala, o pai sussurrou: — Você agarrou uma boa.

Ele não pôde deixar de sorrir de volta.

****

Cassey estava nervosa. Mesmo que ela tivesse encontrado o pai de Luke, em várias ocasiões, desta vez importava mais, de alguma forma. Luke tinha estado dizendo a ela como seu pai tinha mudado, mas ainda tinha que ver por si mesma, antes de acreditar.

Ela trocou de roupas três vezes antes de se decidir por um vestido preto e prata simples. A gargantilha de pérolas e brinco de pérola pendentes em suas orelhas eram simples, mas elegante.

Ela não podia acreditar que ela estava pensando em se estabelecer, algo que ela disse a si mesma que nunca faria.

Ela nunca tinha mantido uma relação mais do que algumas semanas, e agora ela estava pensando em se casar depois de namorar Luke por apenas quatro meses.

Eles estavam se apressando? Ela perguntou a si mesma enquanto atravessava a sala para encontrar a família de Luke. Mas quando ele sorriu, toda a dúvida deixou sua mente, e ela sabia que não havia nenhuma maneira que queria viver sem ele. Ele era tudo o que ela tinha sonhado em encontrar.

— Boa noite. — Ela observou quando Luke caminhou em sua direção com seus pais.

— Oh, este lugar é agradável, — disse Sophia, olhando ao redor.

Cassey sentiu a necessidade de pedir desculpa pelo lugar estar quase vazio as seis da quinta-feira. Ela olhou para o pai de Luke e segurou a língua.

— Você tem um verdadeiro lugar agradável aqui, — disse ele, sacudindo a mão com firmeza. Então, ele se aproximou e sussurrou: — E farei tudo o que estiver ao meu alcance para garantir que ele permaneça seu. Você é da família agora. — Ele se afastou e piscou, ela sentiu seu coração pular.

A surpresa deve ter aparecido em seu rosto, porque Luke a puxou para mais perto e segurou a mão dela. Quando se aproximaram de sua cabine favorita, Luke sussurrou: — Louco, não é?

Tudo o que ela podia fazer era assentir.

— Então, o que você sugere para nós? — Perguntou Jeffery, olhando por cima de seu cardápio.

— O “po'boy” Mahi Mahi (sanduíche de baguete com peixe) é o melhor da região, — ela sugeriu. — Mas eu ouvi que você está em uma dieta rigorosa. — Ela sorriu. — A salada de camarão grelhado é uma das minhas favoritas.

Ele riu. — Eu receio que os dias de comer o que eu quero tenham desaparecido, mas a salada parece maravilhosa. — Ele colocou o seu cardápio para baixo.

Cassey notou que Sophia estava sorrindo para o marido. — Eu acho que vou ter um desse também.

Quando a comida chegou, o pai de Luke sorriu. — Uau, isso realmente parece ótimo. Estava aqui pensando que seria algumas folhas com camarão grelhado no topo.

Cassey olhou para a salada e sorriu. Sam realmente se superou quando criou este prato. O espeto de camarão grelhado foi temperado à perfeição, e colocado sobre um leito de alfaces frescas, pimentões verdes e vermelhos grelhados, fatias de tomates, pepinos e abacaxis. O tempero e o molho caseiro picante com zesty de abacaxi foram uma das razões de Cassey amar tanto esse prato.

Após a refeição, os pais de Luke não conseguiram parar de falar sobre como a comida era boa, então ela os levou para a cozinha e os apresentou a Sam e a equipe.

Os pais de Luke apertaram suas mãos, e seu pai conversou com Sam sobre alguns pratos saudáveis alternativos.

Depois de deixar a cozinha, Cassey sugeriu que caminhassem ao longo do calçadão. Ela falou sobre seus vizinhos e os negócios maravilhosos ao longo da praia.

— Algumas dessas empresas estão aqui desde que me lembro, — disse ela.

— Me lembro do fliperama quando estávamos na escola. Costumava ter bate-bate e um ring de patinação, — disse Sophia, esticando o braço e tomando o braço do marido. Em seguida, ela suspirou. — Ah, a diversão que tínhamos naquela época.

Enquanto caminhavam, Cassey notou alguns dos prédios vazios. Era difícil para ela vê-los, sabendo que o pai de Luke tinha sido a causa de eles estarem vazios. Mas quando eles chegaram ao outro lado do calçadão, o pai de Luke começou a falar sobre como ele poderia ajudar o lugar a explodir novamente.

— Você sabe, eu falei com o meu amigo na prefeitura, e estamos todos juntos, para que os ônibus voltem a funcionar novamente. Parece que, sem lugares como este para ir, as reservas diminuem. Aparentemente, as pessoas querem isso — ele fez um gesto ao redor — e não é só as praias. — Então ele se virou para o seu filho. — Filho, eu gostaria de ajudar no lugar que você está construindo.

Luke olhou cautelosamente para seu pai, tanto que seu pai riu. — Fora dos livros, eu prometo.

Luke assentiu. — Isso seria ótimo.

— Você sabe, — disse ele, apoiando um dos seus pés no degrau dos corrimões de madeira, e olhando para a praia fria e vazia, — Uma das principais razões que eu gostaria de construir aqui eram todas as grandes lembranças que tivemos quando crianças. — Ele estendeu a mão e pegou a mão de sua esposa. — Há muita felicidade aqui.

— Deve ficar como está, — Cassey sibilou, fazendo com que todos olhassem para ela.

— Oh, eu não sei sobre isso, — disse o pai de Luke. — Eu acho que ainda poderia haver algumas melhorias aqui e ali.

— Nós não precisamos de grandes hotéis que venham e assumam o controle.

Jeffery sorriu. — Agora eu concordo com você. Há poucos dias... — Ele balançou a cabeça. — Acho que é como tudo na minha vida. Eu não estava vendo o quão bom eram as coisas, mesmo estando bem na frente do meu rosto. — Ele piscou para Luke e Cassey deixando ver as lágrimas em seus olhos.

Seus pais decidiram dar um passeio pela praia. Foi bom vê-los andando de mãos dadas ao longo da costa. Cassey e Luke se dirigiram na direção oposta.

— Eu gosto do seu pai, — ela disse depois de um tempo.

Ele riu. — Eu nunca pensei que seria capaz de dizer a mesma coisa. — Ele se virou para ela e balançou a cabeça. — Eu não sei o que aconteceu com ele na fisioterapia, mas seja lá o quer for, foi uma bênção.

— Você sabe, eu estava com dúvidas, — disse ela, envolvendo os braços em volta do pescoço dele.

— Sério? Por causa do meu pai?

Ela assentiu com a cabeça. — Você sabe o que eu passei. — Quando ele assentiu, ela continuou. — Eu não queria me colocar em uma situação onde eu teria que viver com qualquer tipo de abuso novamente.

Ele a puxou para mais perto. — Eu nunca permitiria que fosse tão longe.

— Eu sei, mas eu não quero ser a razão para o desentendimento entre você e sua família.

Ele balançou sua cabeça. — Essa briga começou muito antes de você. — Ele passou a mão pelo seu rosto.

Ela sorriu. — Eu gosto do seu *novo* pai.

Ele riu. — Eu também. Eu só espero que ele fique na dele. Mas se ele não ficar eu sempre estarei aqui. — Ele a puxou para cima, e colocou sua boca quente na dela. Sentiu o calor do seu beijo até nos dedos dos seus pés e, naquele momento, entendeu, que aqui era o lugar onde sempre esteve destinada a ficar.



Epílogo

Cassey estava de pé no calçadão lotado e observava a grande inauguração do prédio restaurado. Vários dos edifícios antigos estavam recebendo reformas, graças aos negócios de seu irmão. Marcus tinha ficado ocupado nos últimos dez meses, trabalhando na remodelação do calçadão e supervisionando a construção do hotel de Luke.

Olhando agora, para cima e para baixo do calçadão, você nunca diria que apenas alguns meses atrás, tinham estado à beira do fechamento. Ela sentiu a mão do Luke na dela, e olhou em sua direção.

— O lugar parece bom, hein?

Ela sorriu. — Quem teria pensado, que um pouco de tinta e algumas novas janelas fariam uma diferença tão grande. — Ela riu quando o pai de Luke tentou cortar a fita sem conseguir cortar.

— Se você tivesse me perguntado há um ano, se acreditaria que meu pai me ajudaria a abrir uma sorveteria, eu teria rido de você.

Na verdade, seu pai ajudou a financiar três empresas ao longo do calçadão, graças à persistência de Luke e sua mãe.

— Ele parece bem. — Ela acenou com a cabeça para o seu pai. — Feliz e saudável.

Ele assentiu. — O médico disse que ele está no caminho para fazer uma completa recuperação. Eu nunca o vi mais feliz.

Ela suspirou e se recostou contra o seu ombro. — Ele certamente mudou muito. — Cassey sabia que o pai de Luke tinha cortado suas horas de trabalho no Crystal Shores, e estava gastando mais tempo jogando golfe e tênis com sua esposa. Eles tinham tirado duas férias no ano passado, e tinham levado Luke e ela para Maui no mês passado.

Quando ela olhou para o calçadão, viu os negócios em expansão repletos de turistas. Seu lugar estava de volta ao seu potencial, graças a Luke e aos novos planos de negócios de seu pai, e o retorno dos ônibus.

— Na próxima semana vamos cortar a fita no Surf Breeze Resorts. — Ela se virou em seus braços e sorriu. — Você está nervoso?

Ele riu e beijou seu nariz. — Não tão nervoso como eu estou a ponto de me casar no próximo mês.

Ela inclinou a cabeça. — Podemos adiar.

Ele balançou a cabeça e sorriu. — Sem chance. Se dependesse de mim, estaríamos casados há um ano.

Ela riu e olhou em seus olhos escuros. — Sim, isso é o que você me disse.

Eles ficaram no calçadão, abraçados um ao outro, enquanto olhavam ao redor. Amigos, familiares e estranhos estavam lotando as tábuas velhas apreciando o sol, enquanto as ondas batiam nas areias brancas da praia.

Ela havia percorrido um longo caminho desde a menina que tinha sido encontrada escondida na floresta. Nunca se permitira confiar em alguém, tanto quanto confiava em Luke. Ele havia provado para ela, que faria qualquer coisa, inclusive desistir de sua família, para garantir que ela estivesse feliz. Ela nunca tinha

experimentado esse tipo de amor antes, nem sonhado que pudesse amar tanto alguém em troca.

— O que você diz de eu te comprar um sorvete? — Perguntou Luke.

— Eu adoraria. — Ela sorriu quando ele pegou sua mão, e começaram a caminhar juntos pelo calçadão.

FIM.